



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Joana Catarina Carvalho Silva

UM ESCRITOR APRESENTA-SE:
ASPETOS LITERÁRIOS DA CORRESPONDÊNCIA DE EÇA
DE QUEIRÓS.

Dissertação de Mestrado em Literatura de Língua Portuguesa, orientada pela
Professora Doutora Maria Helena Jacinto Santana, apresentada ao Departamento de
Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Junho de 2023

FACULDADE DE LETRAS

UM ESCRITOR APRESENTA-SE: ASPETOS LITERÁRIOS DA CORRESPONDÊNCIA DE EÇA DE QUEIRÓS.

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Dissertação
Título	Um Escritor Apresenta-se
Subtítulo	Aspetos Literários da Correspondência de Eça de Queirós
Autor/a	Joana Catarina Carvalho Silva
Orientador/a(s)	Maria Helena Jacinto Santana
Júri	Presidente: Doutora Maria do Rosário Prata Ferreira dos Santos
	Vogais:
	1. Doutor António Apolinário Caetano da Silva Lourenço
	2. Doutora Maria Helena Jacinto Santana
Identificação do Curso	2º Ciclo em Literatura de Língua Portuguesa
Área científica	Línguas e Literaturas
Especialidade/Ramo	Literatura de Língua Portuguesa
Data da defesa	06-07-2023
Classificação	16 valores

1 2 9 0



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

*À memória do avô Manel,
da avó Glória e do tio Zé.*

Agradecimentos

A magia da vida materializa-se nas pessoas que nos rodeiam e que nos fazem acreditar que sem elas o nosso percurso, seja ele qual for, não faria sentido. Apesar de um trabalho como este ser, acima de tudo, fruto do esforço e do compromisso que assumi comigo própria não posso deixar de agradecer a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que este meu caminho fosse bem-sucedido.

Em primeiro lugar, como não podia deixar de ser, agradeço à minha orientadora, a Professora Doutora Maria Helena Santana pela prontidão com que aceitou orientar-me e pela dedicação que sempre demonstrou. Também lhe agradeço a paciência com que leu o que fui produzindo e me indicou os aspetos a melhorar, a preocupação em saber sempre em que ponto se encontrava o desenvolvimento da minha dissertação e a facilidade com que sempre se disponibilizou para me ajudar em tudo o que fosse necessário. Por tudo isto, o meu maior obrigado.

Agradeço também ao meu namorado, Igor, que sempre me acompanhou e me incentivou a seguir o caminho que eu sempre quis. Agradeço-lhe a compreensão, a paciência, a dedicação, o amor, os momentos em que me disse aquilo que eu precisava de ouvir e a força que me transmitiu ao longo de todos estes anos que já contamos juntos. Sem ele nada disto seria possível, estar-lhe-ei eternamente agradecida, não só pelo que aqui deixo escrito, mas por tudo o resto que só nós dois é que sabemos. Obrigado.

Obrigado aos meus pais e à minha irmã que nunca deixaram de fazer todos os possíveis para me ajudar a completar mais um passo neste meu trajeto académico, sempre com orgulho no que eu ia conquistando.

Às amigas Débora e Luana. À Débora, minha amiga de sempre, quase de toda a vida, que me é indispensável e que sempre demonstrou o seu orgulho em mim, sempre me encorajou a continuar e que passou algumas tardes comigo, a fazer-me companhia enquanto trabalhava nesta dissertação, para além de tudo aquilo que só nós sabemos que passámos juntas. Obrigada. À Luana, que não sendo uma amiga da vida toda será uma amiga para toda a vida, que quando me diz que sou um exemplo a seguir, que a inspiro a ser sempre melhor e a nunca desistir me enche o coração e me dá força para continuar. É nela que penso quando não me resigno e continuo a lutar, não a desiludir é uma das missões da minha vida. Obrigada.

Às amigas que Coimbra me deu, Raquel e Alexandra. À Raquel por ser a melhor companheira que podia ter tido desde o primeiro dia. Obrigada pela força que sempre transmitimos uma à outra, pelos apontamentos e aulas que partilhámos, pelas tardes que passámos a estudar e pela

amiga em que te tornaste e que espero levar comigo para o resto da vida. À Alexandra por ser a melhor madrinha de Coimbra, por nunca me ter faltado com nada, por sempre me ter ajudado e encorajado, pela amizade que criámos e pelos momentos que partilhámos, sem ela não conseguiria chegar até aqui. Obrigada.

Deixo ainda um agradecimento especial à Vera Rodrigues e à Liliane Gaspar pela paciência com que me ajudaram a traduzir as epístolas escritas em língua francesa, foram, sem sombra de dúvida, uma ajuda enorme na análise destes textos, indispensáveis ao corpo da minha dissertação.

Por fim, a todas as pessoas que de alguma maneira fazem todos os dias com que eu queira ser mais, mesmo sem terem noção disso contribuem para a pessoa que eu sou, que, inevitavelmente, se reflete neste meu trabalho.

RESUMO

Título em Português - Um escritor apresenta-se: aspetos literários da Correspondência de Eça de Queirós.

Tal como o título indica, esta dissertação tem como objetivo apontar os principais aspetos literários presentes na Correspondência de Eça de Queirós. Para isso, começámos este trabalho por tentar estabelecer um eixo de ligação entre Eça de Queirós e o género epistolar. Após a referência a alguns aspetos biográficos do autor e ao seu lugar na literatura portuguesa, nomeadamente o papel preponderante que assumiu na implementação das ideias progressistas que surgiram na Europa no séc. XIX, tratámos de situar a correspondência no contexto do acervo queirosiano. Procedemos, posteriormente, à elaboração de dois tipos de contextualização, uma teórica e outra histórica, direcionadas à epistolaridade analisando diversas teorias e factos históricos sobre epistolaridade. Terminamos o capítulo introdutório estudando alguns pormenores da génese da epistolaridade em Portugal.

O percurso da nossa dissertação assenta na investigação, de modo incisivo, da *Correspondência de Eça de Queirós*. Deste modo, expusemos, em primeiro lugar, os aspetos formais, organizacionais e compositivos da *Correspondência* e os principais destinatários e assuntos da carta de Eça de Queirós, e depois aprofundámos o interesse particular nas cartas de tema fundamentalmente literário (as cartas de opinião, discussão e crítica sobre literatura; as cartas relacionadas com os seus projetos literários; as cartas aos editores) e nas cartas de cariz pessoal (as cartas a Emília de Castro; as cartas aos filhos; as cartas aos amigos mais íntimos).

Abordámos, ainda, a possibilidade de a *Correspondência* poder ser considerada a obra privada de Eça de Queirós e discutimos a forma como a *Correspondência* se transforma no romance da vida de Eça.

Terminámos, em anexo, com um levantamento dos eventuais paralelismos entre a vida que se conhece de Eça e a vida que conhecemos através da *Correspondência*, traçando um percurso biográfico, e em simultâneo, epistolográfico do autor.

Palavras-chave: Eça de Queirós, Correspondência, Cartas, Literatura, Epistolografia.

ABSTRACT

Title in English - A writer introduces himself: literary aspects of Eça de Queirós' Correspondence.

As the title indicates, this dissertation aims to point out the main literary aspects present in Eça de Queirós' Correspondence. For this, we started this work by trying to establish a link between Eça de Queirós and the epistolary genre. After referring to some biographical aspects of the author and his place in Portuguese literature, namely the preponderant role he assumed in the implementation of the progressive ideas that emerged in Europe in the 19th century, we tried to place the correspondence in the context of the Queirós collection. Afterwards, we elaborated two types of contextualization, one theoretical and the other historical, directed to epistolary, analyzing different theories and historical facts about epistolary. We end the introductory chapter by studying some details of the genesis of epistolary in Portugal.

The course of our dissertation is based on the investigation, incisively, of the Correspondence of Eça de Queirós. In this way, we exposed, firstly, the formal, organizational and compositional aspects of the Correspondence and the main recipients and subjects of Eça de Queirós' letter, and then we deepened the particular interest in letters with a fundamentally literary theme (opinion letters, discussion and criticism about literature; letters related to his literary projects; letters to editors) and letters of a personal nature (letters to Emília de Castro; letters to his children; letters to his closest friends).

We also addressed the possibility that the Correspondence could be considered the private work of Eça de Queirós and discussed how the Correspondence becomes the novel of Eça's life.

We end, in annex, with a survey of the possible parallels between the life that is known of Eça and the life that we know through the Correspondence, tracing a biographical path, and at the same time, an epistolographic one of the author.

Keywords: Eça de Queirós, Correspondence, Letters, Literature, Epistolography.

ÍNDICE

1. Introdução	9
2. Eça de Queirós e o género epistolar	13
2.1. Aspetos biográficos de Eça de Queirós e o seu percurso literário	15
2.2. O lugar da <i>Correspondência</i> na obra de Eça de Queirós	21
2.2.1. <i>Corpus</i>	21
3. A Epistolaridade.....	24
3.1. Introdução teórica ao conceito de epistolaridade	28
3.2. Breve visão histórica da forma epistolar	33
3.3. A epistolaridade em Portugal	39
4. <i>Correspondência de Eça de Queirós</i>	46
4.1. Aspetos formais, organizacionais e compositivos.....	46
4.2. Principais núcleos temáticos das cartas de Eça de Queirós.....	49
4.3. As cartas de tema literário	54
4.3.1. As cartas de opinião, discussão e crítica sobre Literatura	59
4.3.2. As cartas aos editores: pormenores da produção e edição das suas obras.....	68
4.3.3. Outros projetos literários e editoriais	74
4.4. As cartas pessoais.....	77
4.4.1. As cartas a Emília de Castro.....	77
4.4.2. As cartas aos filhos.....	82
4.4.3. As cartas aos amigos mais íntimos.....	82
4.5. A <i>Correspondência</i> como a obra privada de Eça de Queirós	88
5. Conclusão.....	92
BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS	95
ANEXOS	97

1. Introdução

Outorgamos a Eça de Queirós, tal como a Garrett, a Cesário Verde ou a Fernando Pessoa, o estatuto de escritor do cânone, porque a instituição literária assim os classifica, mas porque será que distinguimos, enquanto sociedade, certos escritores em detrimento de outros? Num ensaio de síntese sobre esta matéria, Vítor Aguiar e Silva considera que o cânone literário – “entendido como um conjunto de autores e de textos preeminentes e modelares” – não é “invenção voluntarista” por parte de quem tem poder de regulação: “O cânone literário corresponde à necessidade, sentida e expressa em todos os tempos, de cada comunidade cultural preservar, organizar e ordenar a sua memória, o seu passado e a sua herança linguístico-literária.” (Silva, *Variações sobre o cânone literário*, 2010, p. 243)¹. Mas acrescenta que essa escolha envolve sempre, necessariamente, uma dimensão valorativa, tanto em termos estéticos como patrimoniais.

Na coleção sobre autores canónicos publicada pela Edições 70 entre 2008 e 2012, onde se engloba a obra que precisamente se intitula *Eça de Queirós*², Carlos Reis apresenta-nos uma justificação da atribuição deste *status* a nomes como os que começámos por referenciar. Servindo-se da definição de autor canónico comumente aceite no decorrer dos dias de hoje, que se baseia na ideia de que o Cânone é constituído pelo conjunto dos autores que alicerçam o estudo básico da Literatura de uma certa comunidade acreditando-se que as suas obras representam o legado cultural dessa mesma comunidade, Carlos Reis é imperativo: temos de reconhecer Eça de Queirós como um destes inigualáveis produtores de prestígio cultural.

Para o autor, um dos maiores especialistas em estudos queirosianos do nosso país, Eça de Queirós “constitui um fator de legitimação dos valores, dos grandes temas e das ideias estruturantes de uma comunidade que a literatura, sobretudo através do sistema de ensino, ajuda a conformar e a manter” (Reis, *Eça de Queirós*, 2009, p. 28). Importa assim considerar, não só o sistema de ensino, que em diferentes épocas temporais e através de diferenciadas obras, o transformou numa importante referência quer para o ensino da literatura quer, em última análise, para o ensino da língua, mas também a realidade sociocultural descrita nas suas obras, dado que contribuiu para a conceção do imaginário

¹ Silva, V. A. (2010). *Variações sobre o cânone literário*. Em V. A. Silva, *As Humanidades, Os Estudos Culturais, O Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.

² Reis, C. (2009). *Eça de Queirós*. Lisboa: Edições 70. Nesta coleção encontram-se obras relativas a outros autores do cânone: Padre António Vieira, António Lobo Antunes, Gil Vicente, Fernando Pessoa e José Saramago.

cultural, da identidade coletiva e da consciência comum da nação que somos atualmente e da que fomos em tempos idos.

Dando ênfase a matérias e assuntos que permitem, no seu desenvolvimento e destrição, caracterizar uma cultura, uma literatura ou até mesmo uma língua, a obra de Eça de Queirós não se esgota no tempo de vida literária efetiva, pelo contrário, configura em si um espólio cultural que é ponto de encontro de valores e princípios que no presente continuam a fazer a sentido.

No entanto, o assunto a que nos dedicaremos pouco tem que ver com o Eça canónico, mas antes com a expressão das ideias, dos sentimentos, das opiniões, das emoções, das convicções, das crenças e das experiências contidas no lado pouco conhecido do escritor e que se desvelam na intimidade e na privacidade das cartas assinadas por José Maria de Eça de Queirós. Apenas José Maria para os amigos e José para a sua querida Emília³.

É na análise da correspondência (privada) que podemos ficar a conhecer de forma mais aprofundada Eça de Queirós enquanto pessoa. Os seus desejos, os seus pontos de vista, as lutas que travou, os projetos que queria desenvolver, as inovações que queria trazer à sociedade portuguesa, as apreciações sobre o estado da literatura em Portugal, as críticas ao estado do país e particularmente à capital Lisboa, mas também detalhes desconhecidos do público em geral sobre as suas relações familiares, de amizade, as suas relações com os editores que ao longo do tempo trabalharam com ele, as suas visões em relação às suas próprias obras (onde se inclui a permanente perseguição da perfeição em tudo o que escrevia), tudo isto se encontra na correspondência.

É, portanto, neste âmbito do Eça homem e do Eça homem de letras, que esta dissertação encontra os seus alicerces: a apresentação de um escritor que viveu para a literatura e que morreu sem ter vivido o suficiente para ver o quanto a literatura enriqueceu graças ao património por ele deixado. Comparada com outros temas, a correspondência de Eça é ainda um campo pouco explorado e estudado no âmbito da investigação académica e literária. No sentido de abrir novos caminhos de pesquisa e análise, propusemo-nos trabalhar sobre esta matéria. Mesmo sabendo de antemão que não seria tarefa particularmente fácil, não podíamos deixar de tentar estreitar (um pouco mais) esta lacuna.

³ Referência à forma como Eça de Queirós se dirigia àquela que viria a ser a sua esposa, Emília de Castro, nas cartas que lhe endereçava.

Eça de Queirós é um dos autores mais conhecidos e mais estudados dentro da esfera da literatura portuguesa, porém, ainda configura na sua pessoa um certo mistério. Ainda há aspetos do Eça de Queirós escritor por descobrir e muitos mais há do Eça de Queirós homem. Lá no fundo, e para além de toda a aura trazida pelo sucesso dos romances, Eça de Queirós não deixava de ser humano, de ter fragilidades e desencantos como todos nós.

Começaremos, então, neste trabalho, por tentar estabelecer um eixo de ligação entre Eça de Queirós e o género epistolar uma vez que nos basearemos no facto de que o autor sempre se serviu deste género textual de forma particularmente intensa e profícua. Após a referência a alguns aspetos biográficos do autor e ao seu lugar na literatura portuguesa, trataremos de situar a correspondência no contexto do acervo queirosiano. Posteriormente, proceder-se-á à elaboração de dois tipos de contextualização, uma teórica e outra histórica, direcionadas à epistolaridade no sentido de serem analisadas diversas teorias e factos históricos sobre epistolaridade. Terminaremos este capítulo introdutório estudando alguns pormenores da génese da epistolaridade em Portugal.

O percurso da nossa dissertação passa pela investigação, de modo incisivo, da *Correspondência de Eça de Queirós*⁴. Deste modo, expor-se-á, em primeiro lugar, os aspetos formais, organizacionais e compositivos da *Correspondência* e os principais destinatários e assuntos da carta de Eça de Queirós, e depois aprofundar-se-á o interesse particular nas cartas de tema fundamentalmente literário (as cartas de opinião, discussão e crítica sobre literatura; as cartas relacionadas com os seus projetos literários, nomeadamente a *Revista de Portugal*; as cartas aos editores: os pormenores da produção e edição das suas obras) e nas cartas de cariz pessoal (a cartas a Emília de Castro; as cartas aos filhos; as cartas aos amigos mais íntimos).

Abordaremos, ainda, a possibilidade de a *Correspondência* poder ser considerada a obra privada de Eça de Queirós e os eventuais paralelismos entre a vida que se conhece de Eça e a vida que conhecemos através da *Correspondência*. A forma como a *Correspondência* se transforma no romance da vida de Eça: Eça escreve a própria história quando escreve as suas cartas?

⁴ Referência aos dois volumes mais recentes da correspondência de Eça de Queirós, organizados e anotados por Alfredo Campos Matos, que neste trabalho servirão de base bibliográfica:

Queirós, E. d. (2008). *Correspondência* (Vol. I). (A. Campos Matos, Ed.) Alfragide: Editorial Caminho.

Queirós, E. d. (2008). *Correspondência* (Vol. II). (A. Campos Matos, Ed.) Alfragide: Editorial Caminho.

Concluiremos com a tentativa de dar uma resposta às questões que nos foram surgindo à medida que preparávamos este trabalho: Qual é o Eça que podemos conhecer através das cartas? Até que ponto as suas cartas poderão ser a “obra mais realista” que escreveu? O que pode acrescentar o estudo da correspondência de Eça à literatura de língua portuguesa? Será um autor mais do que somente o alcance das suas obras?

Apresentado, em termos gerais, o plano de trabalho da nossa dissertação tentaremos, seguidamente, dar a conhecer aqueles que para nós são os principais aspetos da correspondência de Eça de Queirós.

2. Eça de Queirós e o género epistolar

Para além dos textos que fazem parte da obra conhecida e reconhecida de Eça de Queirós, também outros escritos, nomeadamente a correspondência, nos permitem saber mais sobre o autor. Descer à privacidade da sua vida íntima, absorver e beber diretamente da fonte da sua pessoa que não se encontra exposta nos romances e outros textos sobejamente difundidos e apreciados, é uma das formas de tentar conhecer o homem oculto por trás do escritor.

A vastidão e diversidade da produção epistolográfica de Eça de Queirós é o reflexo da dinâmica vida que viveu, quer a nível intelectual quer a nível pessoal. O espólio epistolar deixado por Eça faz parte do conjunto dos documentos que dão conta do seu percurso existencial retratando a pluralidade dos interesses sobre os quais o autor se debruçava.

O grande número de epístolas queirosianas também se justifica pela quase permanente ausência de Portugal devido ao desempenho das suas funções enquanto cônsul. Em virtude dessa distância física daqueles que lhe eram mais próximos e na impossibilidade da existência de uma comunicação direta com eles, Eça estabelece a carta como uma forma de substituir a conversação presencial.

Este afastamento praticamente contínuo do seu núcleo estrito faz crescer em Eça uma constante necessidade de diálogo que o acompanhará ao longo da sua vida e que se correlaciona com as transformações culturais por ele experienciadas.

O conjunto das suas epístolas também nos ajuda a conhecer aquilo que seria a sua identidade, o seu discurso, a sua evolução quer em termos estéticos quer em termos ideológicos (percebendo os posicionamentos do escritor perante as questões do seu tempo e segundo o tipo de relação que estabeleceu com as instituições da época) e a perspetiva que nos deixou da evolução da sociedade no período em que viveu.

Não só a nível pessoal, mas também a nível profissional, as cartas sempre tiveram um papel predominante na vida de Eça de Queirós. É comum encontrarmos referência a cartas, bilhetes ou recados escritos na sua produção literária (principalmente romanesca). É, do mesmo modo, frequente o uso do género epistolar na construção dos universos ficcionais das obras de Eça. A este respeito reiteramos a afirmação de Ana Teresa Peixinho, na sua tese de doutoramento em que trabalha, conforme o título, *A Epistolaridade nos Textos de Imprensa de Eça de Queirós* (2010): “a carta é, de facto, um tipo textual

omnipresente nos textos do escritor, não só como componente diegética dos seus romances, mas também como instrumento de afirmação pública”. (Peixinho, 2010, p. 16)⁵

Por exemplo, *O Mistério da Estrada de Sintra*⁶, o primeiro romance publicado por Eça, em conjunto com Ramalho Ortigão, é construído como um romance epistolar. Neste caso as cartas revelam ser um importante impulso para a elaboração do puzzle narrativo.

Para além d’*O Mistério da Estrada de Sintra*, onde a carta funciona como engrenagem do próprio motor ficcional queirosiano, também a importância epistolar se manifesta impreterivelmente na figura de Carlos Fradique Mendes⁷. São as epístolas de Fradique Mendes que permitem a Eça afirmar a existência cabal da personalidade ficcionalmente criada, isto é, é através da publicação de um conjunto de cartas (endereçadas a destinatários reais – contemporâneos de Eça – ou ficcionais – concebidos por Eça) reunidas na obra *A Correspondência de Fradique Mendes*⁸ que Eça dá a conhecer Fradique em discurso direto, para além da biografia ficcional.

Por outro lado, é na sua correspondência que notamos as suas posições e os seus pareceres em relação aos mais variados temas literários, políticos, estéticos, etc. Assim, o interesse no acervo epistolar queirosiano pode basear-se não só no grande número de cartas conservadas, mas também no facto de que este acervo constitui um testemunho determinante sobre o homem e o escritor que fora Eça, sobre a sua obra, sobre o tempo em que viveu e sobre com quem partilhou esse tempo.

Contudo, não podemos nem devemos compreender a leitura do espólio epistolar de Eça tomando-o como um mero testemunho de carácter biográfico. Cada carta tem o seu destinatário e espera uma resposta, o que pode influenciar, quer se queira quer não, as crenças, as ideias e os princípios em função da pessoa com quem nos correspondemos. O remetente cria uma representação de si que o substituirá na ausência de diálogo efetivo e que poderá ser interpretado de várias formas pelo destinatário. O discurso pressupõe uma construção da figura do autor, o que pode sugerir que a carta acaba por ser uma narrativa e quem a escreve um narrador-personagem, embora não no sentido ficcional. Há, por isso,

⁵ Peixinho, A. T. (2010). *A Epistolaridade nos Textos de Imprensa de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e a Tecnologia, página 16.

⁶ Romance publicado em folhetins no *Diário de Notícias* no verão de 1870.

⁷ Carlos Fradique Mendes, poeta que vive em Paris e que aparece pela primeira vez nas páginas do jornal *Revolução de Setembro* a 29 de agosto de 1869. É na verdade criação conjunta do grupo de Eça de Queirós. Os poemas publicados na *Revolução de Setembro* são na realidade da autoria de Antero de Quental. É também personagem d’*O Mistério da Estrada de Sintra*.

⁸ *A Correspondência de Fradique Mendes* (cuja primeira edição foi publicada em 1900, pouco depois da morte do autor) pode considerar-se a realização definitiva de Carlos Fradique Mendes tendo como objetivo o amadurecimento da personagem fazendo-a estabelecer-se como uma figura de vida requintada, viajante apaixonado e poeta romântico amigo de Baudelaire.

que ter em conta que a correspondência não nos permite traçar um perfil biográfico exato e sem ambiguidades: sendo um discurso construído é, por isso, marcado por uma circunstância e por uma intenção particulares.

Também as polémicas em que Eça se viu envolvido aconteceram através de cartas, tornadas públicas pela imprensa e que nos mostram que para o autor também a forma epistolar era uma forma absolutamente legítima de debater ideias, defender ideologias e refletir sobre questões literárias e até extraliterárias. Pode ainda destacar-se o facto de a carta ser também o meio de comunicação escolhido para algumas das suas colaborações jornalísticas, assunto que não será por nós investigado em profundidade no decorrer desta dissertação.

Para melhor contextualizar a correspondência de Eça de Queirós convém traçar um breve resumo do percurso biográfico do escritor.

2.1. Aspetos biográficos de Eça de Queirós e o seu percurso literário

Sem querer fazer das cartas a biografia de Eça, uma vez que esse trabalho está já feito - nomeadamente por João Gaspar Simões⁹, José Calvet de Magalhães¹⁰ ou Maria Filomena Mónica¹¹, entre muitos outros autores que estudaram o percurso biobibliográfico do escritor - pretendemos, neste ponto, apresentar apenas os principais pontos de destaque de uma vida dedicada à literatura que, para quem, como nós, estuda a obra queirosiana, é obrigatório conhecer.

José Maria Eça de Queirós, nascido a 25 de novembro de 1845, na Póvoa de Varzim, provém de famílias com elevado estatuto social. É filho do magistrado José Maria de Almeida Teixeira de Queirós e de D. Carolina Augusta Pereira de Eça que, aquando do seu nascimento não eram ainda casados, o que levou a que Eça tenha ficado, primeiro, aos cuidados da madrinha e depois se mude para casa dos avós paternos. Os pais apenas se casam quatro anos depois do seu nascimento.

Em 1855 é matriculado no Colégio da Lapa, no Porto, onde completa toda a escolaridade obrigatória até ao ingresso na universidade. Seis anos depois, inicia o curso de Direito na Universidade de Coimbra. É em Coimbra que conhece Antero de Quental e Teófilo Braga (entre outros) que viriam a constituir o grupo celebrenemente conhecido

⁹ Simões, J. G. (1980). *Vida e Obra de Eça de Queirós* (3ª. ed.). Lisboa: Livraria Bertrand.

¹⁰ Magalhães, J. C. (2000). *Eça de Queirós. A Vida privada*. Lisboa: Bizâncio.

¹¹ Mónica, M. F. (2001). *Eça de Queirós*. Braga: Quetzal.

como Geração de 70. É também em Coimbra, no meio universitário, que surgem os seus primeiros escritos jornalísticos em folhetins, na *Gazeta de Portugal*.

Em 1866 forma-se em Direito e muda-se para Lisboa, para a casa dos pais, no Rossio. Inscreve-se como advogado no Supremo Tribunal de Justiça. Publica ainda um conjunto de folhetins no jornal *Gazeta de Portugal* (dez artigos que serão depois, em 1909, reunidos no volume *Prosas Bárbaras*). No final desse ano parte para Évora, onde irá fundar, dirigir e redigir o jornal *Distrito de Évora*.

Um ano depois regressa a Lisboa onde retoma a colaboração na *Gazeta de Portugal*. Por esta altura forma-se o grupo do Cenáculo, sendo Eça de Queirós um dos membros dessa tertúlia de amigos, de que farão parte Antero de Quental, Salomão Saragga, Batalha Reis, Augusto Fuschini, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, entre outros.

Em 1869 são publicados, no jornal *Revolução de Setembro*, os primeiros versos de Carlos Fradique Mendes sob o título “Serenata de Satã às Estrelas” que era, na verdade, criação de Eça e de dois dos seus companheiros do Cenáculo – Antero de Quental e Jaime Batalha Reis. Neste mesmo ano, Eça, na companhia do Conde de Resende, Luís de Castro (que conheceu no Colégio da Lapa), viaja pela Palestina e Egipto onde assiste à inauguração do Canal de Suez.

Regressando a Portugal no ano seguinte, publica no *Diário de Notícias* a reportagem da viagem ao Médio-Oriente com o título “De Port-Said a Suez”. Ainda em 1870 publica, no mesmo jornal (de julho a setembro), em colaboração com Ramalho Ortigão *O Mistério da Estrada de Sintra*. A carreira que, entretanto, escolhera leva-o a Leiria, sendo nomeado como Administrador do Concelho. Em setembro presta provas para cônsul de 1ª. classe no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

O ano de 1871 regista acontecimentos importantes na vida literária de Eça: é publicado o primeiro número d’*As Farpas*, uma publicação periódica de sátira política e social da autoria de Eça e de Ramalho Ortigão. Realizam-se também as célebres Conferências Democráticas do Casino Lisbonense cujo programa não se cumpriu na totalidade devido a proibição governamental. No alinhamento das Conferências, Eça apresenta o seu manifesto do Realismo; a palestra, cujo o texto original se perdeu (foi reconstituído a partir dos relatos da imprensa) terá sido intitulada “A Nova Literatura ou o Realismo como Expressão da Arte”.¹²

¹² Reis, C. (1991). *As Conferências do Casino*. Lisboa: Alfa.

No ano seguinte foi nomeado cônsul em Havana. Com esta nomeação afasta-se do meio português, onde só volta a viver por curtos períodos de tempo. Permanece em Havana por dois anos, período em que se interessa particularmente pela causa dos *Coolies* (chineses vindos por Macau) que viviam numa situação em tudo semelhante à da escravatura. Faz também uma curta viagem pelo Canadá e Estados Unidos.

Em 1874 é transferido para o consulado de Newcastle-upon-Tyne, em Inglaterra. Verifica-se então um período muito produtivo do ponto de vista literário. Depois da publicação do conto “Singularidades de uma rapariga loura”, no *Diário de Notícias*, segue-se a publicação da primeira versão d’*O Crime do Padre Amaro* na *Revista Ocidental* (dirigida por Antero e Batalha Reis) num total de sete fascículos entre 15 de fevereiro e 15 de maio de 1875. Ainda em Newcastle, conclui a obra *O Primo Basílio*. Seguir-se-ia, em 1877, a colaboração com o jornal *A Atualidade* com a publicação das crónicas “Cartas de Inglaterra” onde retrata a sociedade inglesa e os grandes acontecimentos da época. Inicia também neste ano a escrita de *A Capital!* (publicado somente 25 anos depois da sua morte).

Em 1878 é transferido para o consulado de Bristol. Nesse mesmo ano é publicado *O Primo Basílio* numa edição de 3000 exemplares que rapidamente se esgota. Prepara a edição da segunda versão d’*O Crime do Padre Amaro* que será publicada em livro em 1880. É também em 1880 que publica *O Mandarin* em folhetins no *Diário de Portugal* e, n’*O Atlântico*, os contos “Um poeta lírico” e “No moinho”. Como cronista, inicia uma longa colaboração com o jornal brasileiro *Gazeta de Notícias* (que só terminará em 1897).

O final da década de 80 marca uma viragem importante na vida de Eça. Durante uma visita a Portugal, enamora-se de Emília de Castro, irmã do Conde de Resende, com quem trava intensa correspondência nos meses seguintes. Casam-se a 10 de fevereiro de 1886 e Eça regressa a Bristol já acompanhado pela esposa. Em 1887 nasceria a primeira filha, Maria, e um ano depois, José Maria. Em 1888 Eça é nomeado cônsul em Paris, tomando posse no final do mês de setembro. Aí nascerão mais dois filhos, António e Alberto, e aí residirá o escritor até ao final da vida.

Em termos literários, este é também um período de importantes realizações, com a publicação de dois romances: *A Relíquia* (1887) e *Os Maias* (1888). Em 1889 sai o primeiro número da *Revista de Portugal* de que Eça é o diretor e o grande impulsionador. São publicadas também algumas “Cartas de Fradique Mendes” no jornal *O Repórter* e na *Revista de Portugal* e o volume *Uma Campanha Alegre* (1890), reunindo a colaboração de Eça n’*As Farpas*.

A década de 90 foi também de intenso trabalho literário, tanto na preparação de romances e contos como em crónicas, na maioria destinadas à imprensa brasileira. Entre outros textos, em 1892 publica na *Gazeta de Notícias* o conto “Civilização” e novas cartas de Fradique Mendes; organiza o “Almanaque Enciclopédico” para 1897; e inicia a publicação de *A Ilustre Casa de Ramires* no número 20 da *Revista Moderna*, que é inteiramente dedicado ao escritor. Tanto a revisão deste romance como *A Correspondência de Fradique Mendes* e *A Cidade e as Serras* ficariam por concluir, sendo publicados postumamente.

Com a saúde cada vez mais frágil, Eça viria a falecer em 1900, a 16 de agosto, na sua casa em Neuilly, Paris.

A biografia de Eça entrecruza-se, sem sombra de dúvida, com a do grupo geracional a que pertenceu. Marcadamente de carácter revolucionário e de rutura com o instituído, a Geração de 70, como ficou conhecida, marcou não só o panorama literário da segunda metade do séc. XIX, mas lutou também para renovar o papel da cultura e da própria sociedade da época, considerada em muitos aspetos decadente. No seio de um pequeno grupo de vanguardistas insubmissos e ousados nasceu a luta pela reforma das mentalidades e da literatura em Portugal (que na época se pautava pelo culto do gosto romântico).

Apesar de ter ficado celeberramente conhecida como Geração de 70, já antes dessa década, em 1865, um grupo de jovens irreverentes polemicamente guerrilhava em Coimbra contra os “pontífices das Letras”, tentando implementar uma nova visão da Literatura, inspirada pelos ideais modernos europeus. Antero iniciou este percurso inovador com a publicação das *Odes Modernas*, adicionando ao Romantismo uma dimensão social e humanitária que transformou a conceção literária da época em Portugal. Esta polémica, que foi apelidada de Questão Coimbrã, seria o passo inicial para a introdução das novas ideias sociais e políticas defendidas pela geração que no início da segunda metade do séc. XIX começava a florescer.¹³

É com a mesma atitude progressista que seis anos depois, já no início da década de 70, em Lisboa, alguns dos revolucionários de Coimbra se juntam a outros com a mesma vontade transformadora e formam o grupo do Cenáculo, responsável pela organização das afamadas Conferências Democráticas do Casino Lisbonense, em 1871. Este

¹³ Saraiva, A. J. (2000). *As Ideias de Eça de Queirós*. Lisboa: Gradiva.

acontecimento constituiu de facto o primeiro projeto coletivo (em que se começa a desenhar a identidade organizacional do grupo) e o ponto de partida da Geração de 70, onde são apresentadas publicamente as suas ideias, que sob o signo da rutura, pretendem levar à reforma da Literatura, da Cultura, da sociedade e do próprio pensamento.

As Conferências foram impulsionadas por Antero de Quental, que, pela sua formação político-filosófica, atuava como líder do grupo do Cenáculo. A 18 de maio assinaram o manifesto das Conferências Adolfo Coelho, Antero de Quental, Augusto Soromenho, Augusto Fuschini, Eça de Queirós, Germano Vieira Meireles, Guilherme de Azevedo, Jaime Batalha Reis, Oliveira Martins, Manuel Arriaga, Salomão Sáragga e Teófilo Braga. O manifesto tinha como intenções a reflexão sobre as mudanças políticas e sociais que o mundo sofria e as novas ideias e correntes que circulavam na Europa e que em Portugal ainda eram desconhecidas. Antero apresenta-se, assim, como porta-voz das aspirações desta geração nova, entre as quais se destacam a liberdade, a consciência e a justiça convergindo na necessária ética literária. As conferências tinham, por isso, como proposta revolucionária trazer à opinião pública as grandes questões da ciência e da filosofia moderna para que estas resultassem numa transformação da sociedade a nível político, económico, religioso e literário.

Também nas Conferências do Casino é apresentado o Realismo como a nova expressão da arte e da modernidade literária, sendo Eça de Queirós o responsável pela sua divulgação.

Eça anuncia o Realismo tomando como grande referência e exemplo a obra *Madame Bovary* de Gustave Flaubert, que considera como um dos grandes modelos a seguir quer no seio da Literatura realista quer na visão que tinha da sociedade. Também nos anos seguintes ele próprio, Eça de Queirós, se torna o principal nome de referência do Realismo em Portugal efetivando esta corrente literária da forma única e irrepetível: através da ironia. A ironia era a forma como, mais do que provar a sua tese, Eça procurava levar o leitor à reflexão crítica sobre a realidade social do país. O projeto realista de Eça tem como objetivo, numa primeira fase, mostrar que os seus contemporâneos continuavam a viver sob as regras do passado (sentimentalismo, devoção, atraso cultural, etc.), levando o leitor a ter consciência dos erros que persistem na sociedade, expondo-os ao ridículo e ao escárnio; concentra-se na crítica de costumes numa intenção pedagógica, em prol de um país moderno e democrático. Daí os principais temas explorados pelo autor serem o adultério, o abuso e a imoralidade clerical, a educação feminina, utilizando a ironia e a sátira como estratégias privilegiadas.

Para Eça, o romance devia, então, representar um estudo do meio social e devia acompanhar os progressos científicos da atualidade. Em termos concretos, o escritor deve olhar para a realidade, observá-la criticamente e orientar o leitor, contribuindo para o melhoramento da sociedade. Eça denuncia os “perigos” da sociedade (a má influência da Igreja, a frivolidade, o comportamento das mulheres, etc.) como provas do carácter moralista e educativo do Realismo.

Estas ideias causam, como era de esperar, um grande impacto e durante os quase 20 anos de propagação do Realismo (e do Naturalismo), os seus precursores foram acusados de depravação de costumes, de falta de patriotismo, de corrupção linguística e até de ausência de originalidade.¹⁴ Também para a polémica e escandalosa introdução do Realismo (e do Naturalismo) em Portugal contribuíram as mordazes críticas dirigidas contra a geração nova por Camilo Castelo Branco¹⁵.

Embora Eça tenha proclamado a estética realista em 1871, só anos mais tarde a concretizou com a publicação d’*O Crime do Padre Amaro* em 1876 e d’*O Primo Basílio* em 1878. Dentro da mesma estética surgiria depois a sua obra mais importante, *Os Maias*, em 1888 consagrando-o no meio literário como o maior romancista português. A partir desta data, a sua produção segue rumos mais ecléticos.

Na etapa final do seu percurso, Eça continuará muito próximo do seu círculo de amigos. Nas visitas a Portugal participa no grupo jantante dos Vencidos da Vida do qual fazem parte também Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, o Conde Ficalho, o Conde de Sabugosa, Bernardo Pindela (futuro Marquês de Soveral), Lobo de Ávila, António Cândido e Carlos Mayer. O grupo era assim denominado porque os seus membros se sentiam derrotados pelos seus ideais não concretizados. O desencanto para com os ideais progressistas da juventude também contribuiu para que o legado cultural da Geração de 70 ficasse associado à ideia de decadência.

¹⁴ Lourenço, A. A. (2019). *Eça Naturalista: O Crime do Padre Amaro e o Primo Basílio na imprensa coeva*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

¹⁵ A relação de Camilo com Eça foi sempre polémica. A carta que Eça lhe escreve em 1878 que nunca chega a ser enviada, representa o culminar de uma quezília marcada por uma oposição e aversão mútuas (Matos, A. C. (2008). *Eça de Queirós. Correspondência*. (Vol. I). Alfragide: Editorial Caminho. Carta 281, página 501 a 504).

2.2. O lugar da *Correspondência* na obra de Eça de Queirós

A carta é um dos instrumentos mais comuns no que concerne à comunicação através da escrita. Mais dotados de talento literário ou não, todos os seres humanos partilham esta necessidade de comunicar com outrem, e apesar de na carta as palavras escritas não substituírem os gestos, os atos ou as palavras que seriam proferidas presencialmente, esta é umas das formas mais eficientes de estabelecer contacto com quem não é possível dialogar pessoalmente, ou foi, até ao momento em que novos meios de comunicação direta a tornaram dispensável.

O tecido literário da carta é um dos elementos que se sobrepõe a essa base primitiva da mera inevitabilidade da conversação. No entanto, a mestria literária contida numa carta pode não ser sinónimo de erudição. Inversamente, há grandes literatos que são concomitantemente notáveis epistológrafos. Eça de Queirós é um desses.

É, de facto, a partir desta conceção, talvez arrojada ou talvez absurda, de tomar a correspondência de Eça como uma das suas obras, que a incluímos, neste trabalho, no legado literário do autor. Não haverá, porventura, muitos escritores que transmitam nas suas cartas a sensação de que a sua própria vida se lê como se lê um dos seus romances. Eça tem a capacidade de transformar o acontecimento mais banal e comum num fascinante excerto literário em que é capaz de mostrar o seu estilo e a sua extraordinária inteligência. Toda a envolvimento no mundo privado de Eça e a espontaneidade plasmada nas cartas acrescenta-lhes uma singularidade cativante.

2.2.1. *Corpus*

Servirá de referência principal ao *corpus* desta dissertação a mais recente edição em dois volumes da correspondência completa de Eça de Queirós, organizada e anotada por Alfredo Campos Matos¹⁶, publicada em 2008.

Destacaremos em primeiro lugar, por ordem cronológica, as mais significativas edições da correspondência de Eça de Queirós, anteriores à *Correspondência* coordenada

¹⁶ Alfredo Campos Matos (1928-2023) era arquiteto de formação, no entanto, foi nos estudos queirosianos que mais se destacou. Em 1988 publicou o importante *Dicionário de Eça de Queirós* (Editorial Caminho) e entre outras obras dedicadas ao autor, em 2008 concretizou o maior empreendimento a que se propôs: organizar e anotar a correspondência completa (conhecida) de Eça de Queirós. Esta foi editada em dois volumes também pela Editorial Caminho.

por Campos Matos e posteriores às primeiras cartas que em 1916 António Cabral publicou na biografia de Eça a que se dedicou, de forma pioneira em Portugal¹⁷.

Às cartas tornadas públicas por António Cabral seguiram-se as 84 cartas (de 1870 a 1899) selecionadas pelo filho de Eça, José Maria, e publicadas em 1925 pela Livraria Chardron de Lello & Irmão (que foi responsável pela edição das obras de Eça). No mesmo ano, 1925, são publicadas mais 20 cartas organizadas e prefaciadas por Manuel Augusto Cardoso Martha pela Editora Minerva; em 1941 são publicadas, no Rio de Janeiro pela editora Alba, mais 42 cartas de Eça sob a direção de Álvaro Moreira e Brício de Abreu (41 destas cartas são dirigidas a Ramalho Ortigão e 1 a Rodrigues de Freitas que já em 1938 tinham sido publicadas no jornal brasileiro *Dom Casmurro*); em 1945, a Editorial Aviz publica mais 105 cartas, cuja organização e notas se devem ao neto do escritor, José Maria Henrique d'Eça de Queirós; quatro anos mais tarde, a filha de Eça torna públicas mais 104 cartas, sobretudo cartas que o autor teria trocado com a esposa, Emília de Castro entre 1885 e 1900); em 1961, Marcelo Caetano publica, nas Edições Panorama, uma coleção de 23 cartas que Eça endereçara aos seus editores Genelioux e Lugan entre 1887 e 1894 (todas estas as cartas tinham a particularidade de estarem escritas em Francês, como veremos mais adiante neste trabalho); com apresentação e organização de Beatriz Cinatti Batalha Reis (filha de Jaime Batalha Reis) são publicadas, em 1966, 30 cartas inéditas de Eça dirigidas a Batalha Reis (de 1870 a 1875) pela Editora Lello & Irmão.

Merece especial menção uma das mais completas e importantes publicações da correspondência de Eça (anterior à de Campos Matos): trata-se dos dois volumes publicados em 1983 pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda, com introdução e organização de Guilherme de Castilho que contém 548 cartas, 100 das quais inéditas. Em 1986 a Editora Lello & Irmão publica um importante conjunto de 438 cartas, desta vez com introdução de Aníbal Pinto de Castro.

Em 1987 são publicadas mais 20 cartas de Eça para Batalha Reis, nos Cadernos *O Jornal* cuja recolha é de Beatriz Berrini. A mesma investigadora introduz, comenta e anota, também, as cartas de Eça de Queirós para os filhos tornadas públicas em 1992 pela Editora Verbo, e, em 1995, (em conjunto com Paulo Franchetti) a correspondência entre Eça de Queirós e Oliveira Martins numa edição da Universidade Estadual de Campinas. Beatriz Berrini é também responsável, em 2000, pela mais completa edição da

¹⁷ Cabral, A. (1916). *Eça de Queiroz, A Sua Vida e a Sua Obra. Cartas e Documentos Inéditos*. Lisboa: Aillaud e Bertrand.

correspondência até então publicada (863 cartas, 74 inéditas pela Editora Nova Aguilar do Rio de Janeiro).

Todas estas contribuições confluíram na edição de 2008 preparada por Campos Matos. Pretendendo reunir todas as cartas conhecidas até à sua data de publicação, num total de 897, esta mais recente edição vem completar aquela que até agora servia de referência, organizada por Guilherme de Castilho em 1983 (que há muito se encontrava esgotada) acrescentando algumas dezenas de exemplares entretanto conhecidos.

Epistológrafo notável, Eça surpreende-nos pelo homem que revela ser nas suas cartas, pelo pensamento sobre o mundo que o rodeia e pela modernidade que imprime à linguagem com que se expressa.

É na correspondência que Eça demonstra o seu sentido de humor, o seu espírito crítico e a sua inteligência na sua forma mais instintiva e autêntica, mas também nos oferece informações bastante relevantes quanto à sua privacidade e à sua vida sentimental, quanto à evolução dos seus projetos, literários, artísticos e não só, quanto aos pormenores relativos à composição das suas obras e às relações com os editores que preparavam as suas edições.

3. A Epistolaridade

Cabe-nos, neste momento e perante a importância da forma epistolográfica na obra e na vida de Eça de Queirós a que já antes fizemos alusão, abordar a evolução da teoria e as origens históricas desta forma textual. Para tal servir-nos-á de referência, em grande parte, o dossier temático intitulado “As linhas e as Letras: epistolografia e memória da cultura escrita.” Inserido no número 8 (de 2017) da Revista do CITCEM (Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória») promovido pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Também nos socorremos, como referência bibliográfica, da primeira parte da Tese de Doutoramento de Isabel Roboredo Seara apresentada à Universidade Aberta, em 2006, com o título “Da Epístola à Mensagem Eletrónica. Metamorfoses das Rotinas Verbais”¹⁸.

Começamos então por compreender, através destas fontes, que não podemos negar que a matriz original da carta é meramente de âmbito prático, isto é, a sua essência basilar, que remonta à invenção da escrita, deve-se à necessidade de suprir a ausência de comunicação causada pela distância física. De facto, esta função supletiva e prática da carta manteve-se desde as civilizações mais remotas até à Modernidade, considerando-se que a partir do final do séc. XVII a carta adquire uma dimensão mais pessoal, transformando-se num tipo de escrita que permite abranger a esfera privada e englobar as relações íntimas. Em Portugal, já no séc. XVII, a correspondência privada reflete a verdadeira partilha entre quem se corresponde imprimindo à escrita uma intimidade que a fez deixar para trás a matriz que a associava à oralidade.

Seguindo o exemplo das grandes nações europeias, foram, igualmente, surgindo formulários, definidos por literatos, cujo objetivo era adequar as cartas escritas às diversas circunstâncias em que tinham de ser usadas na vida das pessoas. Ao conjunto desses formulários chamou-se *O Secretário*, “O Secretario Portuguez”, organizado por Cândido Lusitano¹⁹ e composto na primeira metade do séc. XVIII, sendo impresso em Lisboa no ano de 1745.

¹⁸ Seara, I. (2006). *Da Epístola à Mensagem Eletrónica. Metamorfoses das Rotinas Verbais*. Lisboa: Universidade Aberta, pp. 17-187.

¹⁹ Cândido Lusitano, pseudónimo adotado por Francisco José Freire, frade oratoriano (1719-1773). Conhecido principalmente pela sua obra *Arte Poética* (publicada em 1748) que constitui a materialização do Neoclassicismo em Portugal e que inspirou o movimento estético-literário da Arcádia Lusitana (fundado em 1756 e extinguido 20 anos depois).

É também na transição para o séc. XVIII que se verifica a agregação da epistolografia ao campo da Literatura. Embora esta integração tenha sido pouco pacífica e consensual, uma vez que foi frequentemente desvalorizada como um género inferior e residual quando comparada a outros géneros literários, a carta deve não apenas ser encarada como documento essencial no plano autobiográfico ou histórico, mas também na esfera social, no âmbito da comunicação interpessoal, apresentando-se meritoriamente como importante elemento da Literatura. Esta união da epistolografia à Literatura abriu também espaço ao aparecimento do Romance Epistolar.

Historicamente, e apesar do Romance Epistolar fazer parte da tradição literária ocidental desde as célebres cartas de Abelardo e Heloísa, o auge deste género narrativo deu-se quando a literatura se abriu finalmente às mulheres, quer como autoras quer como leitoras, o que pode ser apenas circunstancial, uma vez que, como é sabido, a grande maioria dos romances são escritos por homens e incluem personagens e vozes tanto femininas como masculinas.

O Romance Epistolar, sendo impreterivelmente literário, como obra ficcional, apresenta um carácter ambíguo em certos momentos. Isto é, a ilusão veracidade criada pela escrita diária de cartas leva o leitor a esquecer a natureza ficcional das cartas que fazem parte do romance. Para além da dimensão ficcional, o autor consegue fazer com que o leitor chegue a confundir imaginação com realidade, envolvendo-o na dinâmica da criação literária. Este mecanismo de atração consiste na expressão plena e totalmente convincente de sentimentos, emoções, sensações ou vivências de forma espontânea e natural que leva o leitor a acreditar que aquelas palavras são de facto escritas por alguém que as vive de verdade. Escritas desta forma, as palavras só podem ser realidade e não ficção. O uso exclusivo de cartas na narrativa é uma das técnicas que mais consegue aproximar a literatura da experiência do leitor na vida real. O Romance Epistolar é, por isso, um dos géneros que mais perto consegue estar da imitação da vida real se tivermos em conta as antigas técnicas retóricas que teorizavam a esperança de que a literatura pudesse imitar a vida da forma mais natural possível.

A carta, em particular a carta de amor, começa a ser recorrentemente utilizada como mecanismo da escrita romanesca a partir do Romantismo. Neste tipo de Romance é recorrente encontrar-se a carta e a interceção da carta de amor como parte do enredo passional, aproveitando o escritor para alimentar a intriga com o conteúdo descoberto na interseção da carta. Também nestas obras se encontram os temas consagrados pela tradição no que toca às cartas de amor: a afirmação da absoluta verdade dos sentimentos

declarados, a frustração pelo facto de as palavras não serem suficientes para expressar o amor que se sente e a pureza desse mesmo sentimento. Em Portugal, apesar de não ter sido um género muito cultivado, podemos mencionar duas obras com importante conteúdo epistolar: uma delas é *Viagens na Minha Terra* de Garret, onde a narrativa retrospectiva de Carlos aparece sob a forma de uma longa carta confessional a Joanhinha; outro exemplo é a obra *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco. Neste caso, os protagonistas da história, estando impedidos de se encontrar fisicamente comunicam sobretudo através de cartas que acrescentam densidade dramática ao enredo.

A prática da escrita epistolar difunde-se, depois, acabando por se transformar num dos processos de afirmação da cultura escrita (esta generalização do ato de escrever cartas, como experiência social de cultura escrita pode, nesta altura, dever-se ao facto de o número de população alfabetizada estar a aumentar e os sistemas escolares estarem na sua fase embrionária). Embora já existissem em épocas anteriores, no séc. XIX, divulgam-se muito, a nível europeu, alguns manuais, férteis em fórmulas e modelos destinados a quem pretendia de um modo correto e polido escrever uma carta de circunstância.

Foram até publicadas diversas obras que se baseavam em descrever modelos e normas destinadas a auxiliar e doutrinar aqueles que faziam uso da carta como forma de comunicação. Estes modelos tinham como principal objetivo elaborar pequenos conjuntos de regras que se referiam à forma como deviam ser elaborados os cabeçalhos ou as frases de despedida consoante o destinatário. Escrever conforme esta norma (em termos de estilo) bem como utilizar melhores materiais (bom papel, envelopes apropriados, etc.) passou a ser mesmo sinónimo de relevância social.

Apesar de todos estes modelos e códigos, não podemos esquecer que é o leitor quem outorga significado ao texto. Será sempre alvo de interpretações várias, para além da intenção de quem escreve, o significado das palavras transmitidas numa carta. A correspondência privada consegue escapular-se aos padrões e formulários pré-definidos porque encerra em si um cunho pessoal e intransmissível.

Os mecanismos da correspondência trabalham no sentido do estudo das relações entre cultura escrita e sociedade e do papel que cada fragmento compositivo da arte de escrever assume no ambiente cultural. Desde sempre a cultura escrita caracteriza um modo de distinção social, mas é a carta um dos poucos tipos de texto que nos pode revelar, ao longo dos tempos, experiências singulares de sociabilidade e intimidade.

“A correspondência privada constitui um testemunho pessoal que se consubstancia não só no que nos transmite sobre quem escreve uma carta – o seu perfil autobiográfico, como também no que nos permite apreender do contexto espaciotemporal em que vive(u) o seu autor.” (Leite, 2017, p. 71)²⁰

A escrita epistolar é, por isso, um tipo particular de escrita pois reflete quem escreve. Através de vários fatores materiais tais como a própria caligrafia, o cuidado da escrita ou até mesmo a forma como o texto se apresenta, conseguimos perceber muito sobre quem a escreve. Mas para além dos códigos e dos formalismos, as cartas são objetos biográficos que guardam histórias individuais e familiares, narram vidas e estabelecem vínculos que contribuem para traçar o retrato dos interlocutores. Retrospectivamente, constituem um modo privilegiado de acesso a relacionamentos, familiaridades e singularidades de um tempo próximo ou distante do nosso. Pode mesmo considerar-se que a carta, no seu propósito mais quotidiano, transporta as vivências de uma cultura sendo a visão pessoal e a narração das circunstâncias vividas por um autor. O género epistolar é por isso o único que nos permite conhecer verdadeira e autenticamente as relações pessoais, culturais e sociais de uma época ou de um autor.

É também esta conexão entre a carta e as experiências do seu autor no seu tempo, aliada à génese literária da epistolografia, que justifica a estreita relação existente entre a escrita epistolar e as obras dos grandes escritores, que se tem verificado ao longo dos tempos. De acordo com o enquadramento do nosso trabalho, importa referir que muitos autores têm, na tentativa de fundamentar a existência deste laço entre géneros, apontado diversas teorias. Algumas caracterizam-se por afirmar que a carta funciona como instrumento que intermedeia o acesso à obra; outras consideram que mais do que unida à escrita literária, a escrita epistolar define-se pela sua abertura à criação artística tornando-se uma espécie de alternativa autónoma em relação às convenções da Literatura.

“A carta é, portanto, uma forma textual que pode ser lida e captada sob o signo do paradoxo: escrita funcional e quotidiana que convive com o literário, com ele estabelecendo diversos tipos de relação que vão desde a integração à marginalidade; espaço de encontro entre autores e públicos leitores, mas também espaço por excelência de uma escrita da esfera íntima e privada; documento que preserva inúmeros aspetos da vida privada dos seus cultores mas, simultaneamente, construção simbólica das suas identidades.” (Peixinho, 2010, p. 37)²¹

²⁰ Leite, I. P. (2017). Impossível é Não Viver (José Luís Peixoto) - O que nos mostram as cartas. *Revista do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória»*(8), página 71.

²¹ Peixinho, A. T. (2010). *A Epistolaridade nos Textos de Imprensa de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e a Tecnologia, página 37.

3.1. Introdução teórica ao conceito de epistolaridade

Ao longo dos séculos muitas foram as interpretações e teorias a respeito do género epistolar que, meritoriamente, deveriam figurar neste trabalho. Contudo, faremos apenas menção àquelas que nos parecem dirigidas ao âmago da nossa dissertação, que anteriormente expusemos.

Dentro das teorias contemporâneas que nos permitem abordar o género epistolar de inúmeros modos, começamos por referir o postulado desenvolvido por Bernard Bray²² que consiste na afirmação de que a prática epistolar é uma prática privilegiada em relação a outras técnicas literárias. Este privilégio advém do facto de o ato de escrever cartas ser um ato livre e simultaneamente padronizado, íntimo e público ao mesmo tempo que oscila entre a esfera da privacidade e o âmbito da sociabilidade e da convivência.

É este pressuposto de privilégio que nos permite ter acesso aos mecanismos individuais e sociais partilhados através da produção de uma carta e compreender as singularidades da realidade que cada carta transporta.

Nas últimas décadas tem vindo a crescer o interesse pelo texto epistolar fazendo emergir diversos trabalhos sobre o tema, o que acabou por legitimar a carta como género discursivo idóneo contrariando as frequentes reservas e dúvidas quanto à importância deste tipo de texto quando comparado a outros mais “nobres”.

A complexa evolução histórica e estética do género epistolar ficou marcada pela forma como a teoria da literatura o relegou para a margem do terreno literário, aceitando-o de modo problemático e subestimando a sua relevância e autoridade. No entanto, as teorias (relativamente) recentes sobre o tema, abordam o género epistolar como parte integrante do sistema literário, não descartando o seu valor contributivo para os diversos campos de estudo da cultura, em sentido mais lato; se uma das suas funções é representar as vivências de uma comunidade, o texto epistolar traduz *ipsis verbis* as experiências singulares dessa mesma cultura.

Isabel Roboredo Seara, na sua tese de doutoramento à qual já fizemos referência anteriormente, expõe e desenvolve (na primeira parte do seu trabalho) uma recensão das diversas teorias contemporâneas do epistolar e concebe uma breve contextualização teórica da epistolografia que nos servirá de apoio ao estudo do epistolário queirosiano.

²² Bernard Bray (1925-2010) – um dos fundadores e teorizadores dos estudos epistolográficos europeus.

Isabel Seara começa por destacar a definição deste género elaborada por Roger Duchêne em 1973. Duchêne concebe-o como “a expressão direta e complexa de um sujeito que, colocado numa situação concreta e determinada, necessita e se socorre da escrita para comunicar com o outro”.²³ Destaca também, neste sentido, a teoria de Raymond Jean que distingue a carta como um texto que tanto é capaz de enquadrar a comunicação na sua dimensão demonstrativa como na sua lucidez introspetiva.²⁴ Isto é, Raymond Jean afirma que se existir introspeção na prática epistolar esta é ainda assim resultado de uma dedicação à comunicação com o outro.

Eric Landowski, colocando o acento na semiótica da experiência e das práticas quotidianas, defende que a carta se define em si mesma como uma mensagem-objeto²⁵; isto implica que, independentemente do conteúdo cognitivo que transporta, em primeiro lugar estará sempre destinada a passar de mão para mão, desencadeando um dispositivo enraizado no seu uso puramente comunicativo. Ou seja, a carta não se define em primeira instância pelo seu conteúdo, qualquer que ele seja, mas pelo uso dado pela necessidade de comunicação ao objeto epistolográfico configurado em si mesmo. Em sentido contrário, Bernard Beugnot caracteriza a escrita epistolar como uma escrita “à maneira de si mesmo”²⁶. Para Beugnot, escrever uma carta não pode ser uma mera construção a partir de fórmulas e modelos inscritos num qualquer manual didático. Uma carta digna desse nome caracteriza-se por ser única, imprimindo em si mesma o cunho pessoal do seu autor e representar a personalidade de quem a escreve.

Janet Altman, propõe a introdução de um novo conceito de epistolaridade que está na origem da criação de vários novos significados que se aplicarão a toda a tipologia textual epistolar. Para Altman, a epistolaridade “consiste em usar as propriedades formais da carta para criar significado”²⁷ quer como meio de comunicação, quer nas suas inter-relações com a conversação.

A mesma autora descreve o discurso epistolar como zona de convergência temporal, isto é, para Altman, a forma epistolar encerra em si a coincidência de tempos diversos, sendo eles o tempo em que ocorreu aquilo que é narrado (na carta), o tempo que

²³ Roger Duchêne, “Commentaire historique. Lettre (sens épistolaire)”, Robert Escarpit (ed.), *Dictionnaire international des termes littéraires*, Paris et la Haye, Mouton, 1973, p.29.

²⁴ Jean Raymond, *Un portrait de Sade*, Arles, Actes du Sud, 1989, p. 201.

²⁵ Éric Landowski, “La Lettre comme acte de présence”, *La Lettre, approches sémiotiques*, Les Actes du VI Colloque Interdisciplinaire de Fribourg, Éditions Universitaires de Fribourg, 1988, p. 19

²⁶ Do título do seu artigo “De l’invention épistolaire: à la manière de soi”, *L’Épistolarité à travers les siècles*, Geste de communication et/ou d’écriture - Colloque Centre Culturel de Cerisy la Salle, Mireille Bossis e Charles A. Potter (org.), Stuttgart, Franz Steiner Verlag, 1990, pp. 27-38.

²⁷ Janet Altman, *Epistolary, Approaches to a Form*, Columbus, Ohio State University Press, 1982.

o autor (da carta) seleciona a informação que pretende transmitir, o tempo em que a carta é efetivamente escrita, o tempo em que é enviada, o tempo em que é recebida, o tempo em que é lida e, eventualmente, o tempo em que o destinatário procede à sua releitura. Assim, Altman acaba por considerar que o presente é impossível no discurso epistolar uma vez que se transforma numa mera ponte entre o passado e o futuro, entre um tempo e outro.

Na sua tese, Isabel Seara, faz também referência a um dos textos mais relevantes para a teoria epistolar contemporânea, que se prende com estatuto público/privado. O artigo em questão, da autoria de Bernard Beugnot, intitulado “Débats autour du genre épistolaire” e publicado na *Revue d’Histoire Littéraire de France*²⁸, sintetiza um aceso debate entre Bernard Bray e Roger Duchêne, dois dos mais reconhecidos especialistas do género epistolar. Essa discussão versa sobre a distinção entre “autor epistolar” e “epistológrafo” sendo que, geralmente, o primeiro se distingue por a sua escrita ser destinada diretamente para um público, submetendo-se à retórica, e o segundo destina a sua escrita apenas ao destinatário, submetendo-se apenas a ele. Segundo esta linha de pensamento, para Duchêne uma correspondência privada nunca poderá ser considerada uma obra literária pois um epistológrafo espontâneo é algo bastante diferente de um autor epistolar. Por seu lado, Bray acredita que uma correspondência privada pode ser considerada uma obra literária uma vez que tanto aqueles que não são escritores de profissão como os autores eruditos comungam da mesma premissa: a exploração de todos os recursos oferecidos pelo género epistolar.

Isabelle Landy-Houillon, por seu turno, direciona a sua investigação no sentido da interminável discussão em torno da aceitação ou não aceitação da troca de correspondência como conversação. Para autora, nesta análise deve partir-se de duas aceções distintas: as duas situações de enunciação provêm de duas bases díspares, uma da palavra partilhada e outra da escrita individual e, uma vez que são utilizadas diferentes ferramentas linguísticas, não são visadas as mesmas finalidades discursivas. A conversação pressupõe em si mesma uma interação oral, ao contrário de um conjunto epistolográfico em que a partilha da palavra com o destinatário se efetua sem a componente contextual do discurso. Ou seja, para ser considerado uma conversação

²⁸ *Revue d’Histoire Littéraire de France*, mars/avril, 1974, n.º 2, Paris: Armand Colin, pp. 195-202.

(embora sem a aceção verbal do discurso), o texto epistolar tem de compensar, através da escrita, o vácuo deixado pela impossibilidade da comunicação por meio da oralidade²⁹.

Salientamos ainda a alusão de Isabel Seara ao nome de Sabine Gruffat e à sua obra de 2001, *L'Épistolaire*³⁰. Nesta obra, a autora parte da conceção do texto epistolar como realidade histórico-cultural que tanto faz parte da tradição literária como género individual como se fundamenta noutra tipo de géneros. Caracteriza, ainda, o discurso epistolar como discurso propício à edificação e difusão de ideias, ficando essa dinâmica a dever-se à eficácia pragmática e estilística enraizadas no próprio género epistolar.

Outro dos nomes que Isabel Seara aponta é o de Brigitte Diaz. Brigitte Diaz destaca o facto de a carta poder ser encarada, acima de tudo, como um documento, apesar da multifuncionalidade que lhe é atribuída³¹. Tratando-se de um documento, a carta transforma-se num dos maiores testemunhos da realidade, seja em termos históricos, sociológicos políticos, literários, etc.

Importa-nos destacar no âmbito do nosso trabalho, que as cartas assim consideradas também podem ser relevantes documentos literários, que nos permitem, muitas vezes, esclarecer as dúvidas que surgem no plano da análise literária da obra de um escritor (conheceríamos da mesma forma a obra de Eça de Queirós se a sua correspondência não tivesse sido publicada ou não tivesse chegado aos dias de hoje?). Do mesmo modo, são as cartas que nos dão a conhecer vivência íntima dos autores literários concedendo-nos o acesso a um conhecimento privilegiado de certos aspetos biográficos antes ocultos.

Para concluir este nosso percurso pelas várias teorias a cerca do género epistolar, é imperioso salientar que todos estes autores, sem exceção, convergem na aceitação da prática epistolar como uma das práticas discursivas mais generalizadas ao longo dos séculos³².

É ainda oportuno referenciar teoricamente, e de forma breve, a importância da carta de amor dentro do género epistolar. Ao longo de séculos a carta de amor fez efetivamente parte da realidade literária, primeiro de acesso exclusivo a uma minoria erudita, depois

²⁹ Isabelle Landy-Houillon, "Lettre et oralité", *Art de la Lettre, Art de la Conversation à l'époque classique en France*, Paris, Klincksieck, pp. 81-91.

³⁰ Sabine Gruffat, *L'Épistolaire*, Paris, Éditions Ellipses, 2001, p. 44.

³¹ Brigitte Diaz, *L'épistolaire ou la pensée nomade*, Paris, Presses Universitaires de France, 2002, p. 7.

³² É de notar também, que a quase totalidade dos investigadores e investigadoras aqui mencionados são de nacionalidade francesa ou pertencem à comunidade francófona. Este facto deve-se quer à prodigalidade das correspondências e das teorias epistolares, quer à forma exímia como no seio das culturas francesa e canadiana se foi desenvolvendo o interesse pela leitura e pelo estudo da epistolaridade.

aberta a damas e cavalheiros de outras classes. Os menos letrados dispunham para isso de cartas-modelo, puramente convencionais. No séc. XIX (em que Eça viveu), foram criados vários manuais com exemplos de cartas de amor já prontas aos quais qualquer pessoa podia aceder, uma vez que se disseminaram com grande sucesso por toda a Europa, adaptando-se às várias línguas através de traduções. Em Portugal, o mais famoso manual epistolar é o *Secretário dos Amantes*³³, adaptado do francês, que por sua vez já era uma adaptação de títulos italianos do mesmo género. Sendo apenas compêndios práticos, estes manuais transformavam as cartas de amor num mero discurso redigido por normas e regras que, reduziam o texto à formalidade e à imitação.

No que diz respeito às cartas de autor, estas revelam ser a conjugação da autoconsciência literária com a genuinidade dos sentimentos amorosos. Este tipo de texto pode tornar-se, por isso, mais difícil para os próprios escritores, que se dividem entre a fuga à retórica banal e o respeito pelas convenções; no fundo, trata-se de tentar encontrar a melhor forma de expressar corretamente por palavras aquilo que apenas se pode experienciar íntima e intransitivamente. Deste modo, a escrita de cartas de amor está constantemente a tentar simular algo que, pela sua natureza, é pessoal e intransmissível, procurando transmitir através da distância entre os amantes os seus sentimentos únicos e irrepetíveis. Pressupondo-se que apenas os amantes leem as cartas trocadas entre si, estas constituem, em última análise, o lugar onde as duas almas se tocam e os dois corações se encontram encurtando a distância física entre os corpos.

Não podemos deixar de ter em conta que, tal como os outros autores, Eça foi influenciado pelas convenções que vigoraram na sua época. As cartas de amor deviam respeitar um conjunto de normas, caso contrário, seria um escândalo se cartas de espírito mais libertino fossem descobertas entre correspondentes que não fossem casados (e mesmo casados, marido e mulher não poderiam conversar sobre certo tipo de assuntos, muito menos através do uso da carta).

As cartas de Eça para Emília, como iremos ver, são uma amostra da formalidade que este tipo de correspondência devia apresentar. Todavia, à sua maneira, lutou contra as regras e convenções que a sociedade lhe através de um estilo de comunicação original. Sempre tentou demonstrar os seus verdadeiros sentimentos da forma mais espontânea que

³³ De acordo com: Santana, M. H. (2022). Entre Sinceridade e Retórica: a retórica das cartas de amor. Em *Presença e Memória. Homenagem a Paula Mourão* (pp. 361-372). Lisboa: Edições Colibri.

conseguiu e a sua inteligência literária permitiu-lhe ser ousado e criativo sem perder a formalidade. A invenção do vocábulo *Si*, a que iremos fazer referência como sendo a junção do tratamento por *Tu* com o tratamento por *Você*, ou o uso de expressões em inglês e francês para assim conseguir maior intimidade na correspondência com a que viria a ser sua esposa, são algumas demonstrações da sua mestria literária. Aliada à capacidade de amar, tanto Emília como a Literatura, as cartas de amor que Eça escreve à noiva são, para nós, das mais bonitas da sua correspondência e as únicas que nos fazem acreditar que, apesar do cada vez maior desinteresse na leitura e na escrita, enquanto houver amor haverá Literatura.

3.2. Breve visão histórica da forma epistolar

A origem do género epistolar, tal como de outros, remonta ao mundo clássico. É precisamente esse substrato antigo que, moldando-a de forma progressiva, nos permite conhecer o formato da carta tal como é nos dias de hoje.

No que concerne à epistolografia grega, o epistolário reconhecido como sendo oriundo desta civilização é proveniente, na sua maioria, do círculo dos filósofos e dos seus discípulos destacando-se como seus principais autores Sócrates, Platão, Aristóteles, Demóstenes, Isócrates, Demétrio e Proclo³⁴.

No sentido de tentar alcançar uma conceção de carta ou epístola, Proclo³⁵ define-a como sendo nada mais nada menos que uma conversa entre duas pessoas separadas fisicamente, tendo quem escreve a carta de imaginar que a outra pessoa está à sua frente. A carta é, assim, comparada a um diálogo entre duas pessoas remetendo para as características orais do género epistolar.

Também Demétrio³⁶ considera a carta como um género da oralidade por isso deve ser escrita como se fosse um diálogo, isto é, deve usar-se uma forma de tratamento coloquial, com uma linguagem familiar, o que inclui expressões de carinho e de respeito, espelhando a personalidade de quem escreve a carta. Deste modo denota-se aqui outra conectividade do género epistolar, desta feita, com o género autobiográfico que logicamente só é tangível na correspondência particular.

³⁴ De acordo com o artigo: Ramos, M. (2017). Teoria Clássica e Medieval da Composição Epistolar: entre Epistolografia e Retórica. *Revista do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória»*(8), pp. 25-42.

³⁵ Proclo Lício, Filósofo Neoplatónico grego – 412 a.C.-485 a.C.

³⁶ Demétrio de Faleros, orador, estadista e historiador grego – 350 a.C.-285 a.C.

Quanto aos tipos de cartas, os autores atrás indicados não nos permitem chegar a uma conclusão uniforme. Proclo indica-nos mais 41 tipos diferentes de cartas particulares ou privadas (entre elas a carta amigável, a carta de congratulação, a carta de repreensão, etc.); por outro lado, Demétrio reduz esse número para 21 tipos de cartas distintos (mantendo boa parte dos 41 tipos de Proclo e englobando-os uns nos outros consoante as características de cada um).

Quanto à epistolografia romana, as cartas de Cícero são tidas como um ponto de partida para o culto do género epistolar na civilização latina uma vez que se consagrou como o grande modelo a imitar. No entanto, podem destacar-se também os nomes de Séneca, Quintiliano, Plínio, o *Moço*, Horácio, Ovídio, Júlio Vítor e os seus contributos para a fundação do cânone epistolar romano.

Do legado epistolar de Cícero conservam-se cerca de 931 cartas, o que representa o maior e mais importante acervo privado de cartas antigas sendo este mesmo conjunto de cartas o primeiro a ser compilado no *corpus* epistolográfico romano. Foi Cícero, através das suas cartas familiares, que outorgou à carta o seu carácter autobiográfico tornando-a espelho da vida e lugar de transparência da natureza humana.

Séneca, o célebre epistológrafo, filósofo e conselheiro do imperador Nero, compreendia a carta, não como objeto de função meramente informativa, mas como forma de discutir e debater temas de importância filosófica. Para Séneca, a escrita epistolar não deve ter por base os artifícios da retórica, mas deve pautar-se pelo uso de fórmulas similares às da conversação regularmente utilizada no dia a dia, privilegiando o tratamento por “tu”, encurtando, assim, a distância social entre os correspondentes (esta característica irá disseminar-se ao longo da evolução do género epistolar).

Também Quintiliano merece um lugar de destaque na história da epistolografia, uma vez que a sua conceção de que a carta deve ser escrita na base da boa vontade (*captatio benevolentiae*), da brevidade (*brevitas*) e do dizer apropriado (*apte dicere*) vai suportar a doutrina clássica e irá ser absolutamente fulcral na sustentação da retórica epistolar medieval. É o seu aprendiz Plínio que introduz na sua correspondência um tipo de prosa epistolar artística em que é criada, pela primeira vez, uma personagem literária.

Por seu lado, Júlio Vítor³⁷, vê na carta um tipo de diálogo, uma vez que, para este autor, a carta deve seguir as convenções da conversação: ser clara e breve e manter a elegância, sem demasiada ostentação. No entanto, não deve apresentar uma articulação

³⁷ Caio Júlio Vítor, retor e autor do manual retórico *Ars Rethorica* no séc. IV.

igual à do discurso oral devido à distância entre os interlocutores. Júlio Vítor restringe os tipos de cartas a apenas dois: cartas particulares e cartas de negócios. As primeiras devem seguir as habituais características de uma carta pessoal, as de negócios caracterizam-se por abordarem assuntos laborais e importantes e devem nela ser aplicados os princípios retóricos tais como o uso da argumentação (o que não era usual numa carta), o emprego de uma linguagem formal e uma escrita erudita. Assim, se toda a carta se relaciona de forma direta com o uso da retórica, na carta de negócios essa estreita ligação nota-se forma ainda mais evidente.

É também à cultura clássica que se reconhece a génese de pelo menos três categorias de carta literária ficcionada: a carta poética, a carta proémio ou de dedicação e a carta que é elaborada com o intuito específico de embelezar a obra historiográfica.

O primeiro dos três tipos, a carta poética, tem como principais percursos Horácio³⁸ e Ovídio³⁹. Horácio escreveu os seus *Sermones* (conversações) sob a forma de carta. Já Ovídio, principalmente na sua obra *Heroides* aplica-a à elegia (evocação fúnebre em forma de carta).

A carta-proémio ou de dedicação constitui, como o próprio nome indica, de um prólogo ou dedicatória a uma obra. Este prólogo adota a forma externa de uma carta e nela é referido o nome do destinatário, isto é, a pessoa a quem a obra é dedicada.

A carta ficcionada (alegadamente autêntica) que se caracteriza por ser apenas uma construção, inserida numa determinada obra, serve, acima de tudo, para tornar essa obra mais atraente aos olhos do leitor e elevar, por isso, o interesse de quem lê.

Poderia ainda mencionar-se, entre as tipologias de cartas exploradas pelo mundo antigo: carta privada, pública e oficial; carta fechada e aberta; carta em prosa e em poesia; a carta didática ou erudita; a carta política e a de propaganda. Em muitos destes usos da carta destaca-se o facto de os limites da simples comunicação serem em muito ultrapassados demonstrando a riqueza e a diversidade do género epistolar.

Em termos gerais, a carta antiga seguia um esquema formular fixo que servia de molde protocolar e que chegou aos nossos dias. Seguindo este protocolo, a carta devia começar por uma saudação onde estaria incluído o nome do remetente, seguido do nome

³⁸ Horácio, (*Quintus Horatius Flaccus*, 65 a.C. – 8 a.C.) filósofo defensor do Epicurismo foi também um dos maiores poetas da Roma Antiga. Fez parte do famoso círculo literário patrocinado por Mecenas (ao qual pertenceu, igualmente, Virgílio).

³⁹ Ovídio, (*Publius Ovidius Naso*, 43 a.C. – 17 a.C.) ombreando com Virgílio e Horácio é considerado um dos poetas canónicos da literatura latina. A sua poesia influenciou autores importantes como Dante ou Shakespeare.

do destinatário. De seguida iniciava-se o enunciado que constitui o corpo da carta e na conclusão do texto surgiam as fórmulas de despedida. Por fim, era indicada a data e o lugar onde a carta tinha sido escrita ou onde tinha sido entregue a quem a iria transportar até ao destinatário. Conforme explica Isabel Seara, pouco se prescrevia sobre a retórica do próprio texto:

“Na teoria epistolar antiga, diferentemente do que ocorrerá nas teorias medieval e renascentista, apenas existiam referências aos elementos que constituem uma carta (*partes epistolae*): a *salutatio* ou *praescriptum* inicial que incluía as fórmulas de contacto (*si vales bene est, ego valeo*); o corpo da carta que desenvolvia os motivos ou argumentos desencadeadores da escrita e, finalmente, concluía com variadas expressões de fecho ou despedida (*vale, cura ut valeas, etc.*).” (Seara, 2006, p. 103)

Do mesmo modo, as epístolas bíblicas, que não podem ser descuradas num trabalho que pretende abordar (ainda que de forma muito breve) a história da epistolografia, evidenciam a importância do género epistolar, neste caso, nos momentos embrionários da difusão da doutrina cristã. Usada preferencialmente pelos Apóstolos, a epístola tornou-se, assim, um objeto que servia ao ensinamento cristão, fundamental na conceção de toda a fundação teológica, convertendo-se necessariamente numa forma própria de enunciação. Até ao séc. IV, a religião cristã valeu-se da comunicação escrita para disseminar os seus princípios, tendo as epístolas um papel inegavelmente importante no que concerne à fixação e difusão da doutrina.

Depois da queda do Império, as culturas ocidentais, que dele eram parte integrante, herdaram de Roma um legado literário onde se inclui, necessariamente, o género epistolográfico. Os epistolários latinos são amplamente difundidos estabelecendo os princípios e conceitos neles contidos na matriz cultural das sociedades. Contudo, a carta medieval continuaria restrita a uma minoria erudita em virtude de manter o Latim como língua de comunicação escrita. Note-se que normalmente a carta era, nesta época, destinada a ser lida em público, por e para várias pessoas, o que a tornava um documento de maior índole pública do que privada.

Deste modo, na Idade Média, o discurso epistolar começa por adotar as regras que a retórica antiga tinha instituído para o discurso oratório. Mantém, igualmente, as suas especificidades enquanto conversação escrita, com intuito de aproximar os correspondentes separados pela distância e como um meio de comunicação por excelência. Ora, esta aproximação da carta à conversação pressupunha uma adaptação da linguagem epistolar à linguagem do quotidiano e é neste ponto específico que a teoria

epistolar medieval se afasta do entendimento clássico. Na Idade Média acredita-se, segundo informa Isabel Seara, que a carta deve representar a primazia da linguagem escrita e, por isso, deve ser formal e em estilo superior à mensagem oral:

“A epístola medieval não é privilegiada como veículo de expressão de sentimentos, sendo preterida pela observância meticulosa dos códigos sociais que se estabelecem entre remetente e destinatário. De resto, a finalidade da epístola permanece igual: a sua função pragmática, o cumprimento da função comunicativa e o seu carácter utilitário e instrumental.” (Seara, 2006, p. 120)

Foi ainda no tempo medieval que começou a ser elaborada uma teoria coerente e consolidada do género epistolar. A partir do séc. XI surgiram diversas *artes* que se serviam do material retórico e que preparavam para o bom discurso: a boa carta e o bom poema, dando exemplos de autores dignos de leitura, estudo e imitação.

É, também, na Idade Média que surge o primeiro grande teorizador do género epistolar: Alberic de Monte Cassino, um dos criadores da *ars dictaminis*. Esta nova teorização, versa sobre a composição da carta em si mesma (não só em prosa, mas também em verso) e sobre a forma epistolográfica no campo da produção literária. Alberic de Monte Cassino (m. 1088) dedicou-se sobretudo à carta em prosa que caracterizou através de regras estilísticas detalhadas para uma correta estruturação e composição. Estas regras fixavam tanto falhas a evitar (imperfeições, como por exemplo o comprimento demasiado alongado, pontos obscuros ou falta de originalidade) como qualidades a aperfeiçoar (virtudes como a brevidade, o brilho e a inovação). A prosa torna-se uma das características fundamentais do estilo da composição epistolar fazendo a carta ganhar uma importância literária ainda ao longo dos tempos medievos. Não podemos deixar de aludir, pela sua relevância no cânone ocidental, às cartas amorosas de Abelardo e Heloísa que contribuíram para a elevação do estilo epistolográfico literário que se verificou nesta época.

Na Idade Média, os ensinamentos aplicados ao estilo epistolar estão também na base da instrução retórica sendo a escrita de textos epistolares utilizada de forma recorrente como exercício escolar. Nesta época muitos manuais didáticos surgiram⁴⁰. Habitualmente eram compostos por conteúdos teóricos e práticos, ou seja, era explanada

⁴⁰ O *compendium rhetoricae*, de autor anónimo, é um dos exemplos destes manuais teóricos e descreve as qualidades que um *dictator perfectus* (aquele que domina a arte da retórica) deve apresentar em especial a disposição e a elocução associadas à carta. (Informação encontrada em Ramos, M. (2017). Uma informação mas ampla encontra-se em Poster, C. and Mitchell, Linda (2007).).

primeiramente a teoria seguida de cartas-modelo apresentadas de forma instrutiva, sendo recorrente a prática da imitação de autores considerados bons epistológrafos.

Durante o Renascimento, que é recheado de documentos epistolares, como as *Paston Letters*⁴¹, também a carta viu renascer as suas bases e ganhar estatuto literário crescente.

De forma geral, a carta quinhentista era dirigida apenas a um destinatário específico e, do mesmo modo, transmitia assuntos de natureza diversa como a política, a filosofia, a literatura ou até a moral, para além dos assuntos familiares, particulares ou sentimentais contidos nas cartas privadas. No entanto, é a epístola poética que volta a ser a forma mais apreciada, fundamentando-se no substrato greco-latino e subordinando-se aos formalismos rígidos da poética clássica.

Depois do período renascentista, tanto no séc. XVI como no séc. XVII, a carta familiar começa a ser muito cultivada. Também o aperfeiçoamento dos sistemas postais de forma generalizada contribuiu para o aumento substancial da correspondência.

Contudo, o interesse pelo género epistolar verifica-se sobretudo no séc. XVIII levando a que se publicassem e estudassem correspondências de grandes figuras (dos tempos modernos, mas também da antiguidade clássica). Apesar da influência marcadamente francesa (ou não fosse a França a matriz intelectual da Europa neste momento) a carta foi bastante contemplada, enquanto instrumento literário em todos os países europeus, incluindo Portugal, de que mais adiante nos ocuparemos.

É também em França que surge o fenómeno dos salões literários⁴² e com eles a estreita relação da carta com a vida social que nestes espaços se praticava. Este tipo de instituições, para além de promoverem a sociabilidade, tiveram um importante papel na vida literária, uma vez que era neste meio que se lançavam e projetavam grandes nomes das literaturas europeias.

Também no plano literário, há que realçar a importância do romance epistolar, género que teve o seu apogeu precisamente no século XVIII e muito contribuiu para fixar modelos retóricos mais modernos. Romances como *Pamela* e *Clarissa* (S. Richardson, 1740, 1748), *Julie ou la Nouvelle Héloïse* (Rousseau, 1761), *Werther* (Goethe, 1774), *Les*

⁴¹ As *Paston Letters* reúnem a correspondência da Família Paston e embora hoje em se dia se aborde este epistolário apenas no âmbito do interesse histórico e arqueológico que lhe é atribuído, não deixa de ser importante no sentido literário do qual também faz parte.

⁴² Define-os Ana Teresa Peixinho: “Saídos das cortes renascentistas dos séculos anteriores, os salões europeus podem ser encarados como espaços de civilidade e de cultura que comungam de algumas das características da esfera pública do Iluminismo (...) sendo considerados uma instituição pública fundamental para a sociabilidade e cultura do séc. XVII e XVIII.”. (Peixinho, 2010, p. 64)

Liaisons Dangereuses (Laclos, 1782) criaram uma nova expressão sentimental que o Romantismo nascente se encarregaria de explorar. No romance romântico a carta passa a ter uma presença constante, facto que certamente contaminou a prática social dos leitores⁴³.

Sobretudo a partir do séc. XIX, a carta democratiza-se e adquire uma nova função: a carta aberta, funcionando como espaço de debate. Traduzindo-se na maioria das vezes em textos abertos de opinião, este tipo de carta pública está associado ao desenvolvimento da imprensa dado que também é nesta época que se assiste à transformação do jornal, técnica e socialmente. Trata-se, pois, de um tipo de texto concebido com o propósito de chegar ao maior número de pessoas possível, através de meios de comunicação de massas, com o intuito de transmitir uma mensagem ou persuadir quem lê a tomar uma certa atitude. Eça de Queirós e o seu grupo recorrem com frequência a este tipo de texto para difundir e apregoar as suas ideias revolucionárias: bastaria mencionar as famosas cartas públicas que marcaram a Questão Coimbrã e o encerramento das Conferências do Casino.

No início do séc. XX, a carta envolve-se ainda mais com os meios de comunicação, principalmente com o jornal.⁴⁴ Deste modo assiste-se à fusão da escrita da esfera privada com a opinião pública formada pelos leitores do jornal e pelo próprio jornal.

Depois deste simples e breve percurso pela história da epistolografia, a conclusão genérica que podemos retirar é a de que apesar de todas as definições, teorizações, transformações e mutações que o ao longo dos tempos marcaram o género epistolar, a carta nunca deixou de servir o seu propósito basilar: possibilitar, através da escrita, a comunicação entre ausentes. Embora, como vimos, não seja essa a sua única finalidade, é dela, impreterivelmente, que nasce a epistolografia.

3.3. A epistolaridade em Portugal

Tal como menciona Andréa Crabbé Rocha, na sua importante obra de 1965, *A Epistolografia em Portugal*⁴⁵ (que nos servirá de eixo orientador e de suporte

⁴³ Santana, M. H. (2022) “Entre sinceridade e convenção: a retórica das cartas de amor”, in *Presença e Memória. Homenagem a Paula Morão*. Coord. de Carina I. Carmo et al.. Lisboa, Edições Colibri, pp. 361-372.

⁴⁴ Veja-se o que diz Ana Teresa Peixinho sobre este assunto: “Se, de início, nas origens do jornalismo, a carta, como *medium* informativo e noticioso, incorporou o jornal, dando-lhe conteúdos e alimentando-o, a partir da profissionalização do jornalismo, que se situa em meados do séc. XIX, é o próprio jornal que alimenta as temáticas e que dita os conteúdos das trocas epistolares.” (Peixinho, 2010, p. 82)

⁴⁵ Rocha, A. C. (1965). *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina.

bibliográfico neste segmento do nosso trabalho), é ainda na Idade Média que a epístola surge, em Portugal, no âmbito da produção literária. Apesar de no princípio se manifestar no ambiente literário de modo residual, a carta vai ganhando importância principalmente devido à citação das *Heroides* de Ovídio na *Crónica de D. Pedro* de Fernão Lopes, uma das obras mais importantes desta época. Também a grande difusão do epistolário amoroso de Abelardo e Heloísa (já antes referido) contribuiu para a relevância alcançada pelo género epistolar.

Na esfera privada, Andréa Rocha destaca o Infante D. Pedro como um dos primeiros epistológrafos de relevo em Portugal, evidenciando-se pelas cartas enviadas ao seu irmão, o rei D. Duarte, em que não só o aconselhava quanto a assuntos da governação, como também o ajudava nas suas próprias reflexões pessoais nos tempos em que o rei escrevia o *Leal Conselheiro*. Também Lopo de Almeida é reconhecido no mesmo sentido, principalmente pelas cartas que escreveu ao rei D. Afonso V em que exibia o seu espírito observador e crítico que sempre foi muito apreciado pelo monarca. O epistolário do próprio D. Afonso V merece destaque por demonstrar a bondade, amabilidade e o espírito afetuoso do rei, algo que não era comum neste género.

O período do Renascimento revela-se fértil em documentos epistolares e com os Descobrimentos a carta afirma-se como peça fundamental da comunicação social e política. O maior exemplo dessa afirmação é a célebre carta de Pêro Vaz de Caminha, de 1 de maio de 1500, endereçada a D. Manuel com a notícia detalhada da descoberta do Brasil. Ainda na época quinhentista destacam-se os nomes dos escritores António Ferreira, Sá de Miranda, Diogo Bernardes, Luís de Camões e de Francisco Rodrigues Lobo.

António Ferreira, autor da tragédia *A Castro*, notabiliza-se pelas magistrais epístolas poéticas redigidas para exaltar a excelência da vida no campo, tal como tinha feito Horácio. Foi o autor português que mais próximo se manteve das regras clássicas do género epistolar.

Sá de Miranda, apesar de não constar na obra de Andréa Rocha, deve ser destacado pelas suas distintas epístolas de tema filosófico, para além dos assuntos de ordem poética. Assume-se, nas suas cartas, discípulo da autenticidade e liberdade do estilo de vida campestre, tópico característico da poética clássica. Ele mesmo se refugiou no campo, na sua quinta no Minho. Desenvolve, ainda, temas recorrentes na literatura renascentista como a superioridade das letras em relação às armas e a incitação ao estudo dos modelos estrangeiros.

Francisco Rodrigues Lobo, não sendo efetivamente um epistológrafo, é igualmente digno de constar na história da epistolografia em Portugal, uma vez que foi dos primeiros estudiosos da importância da epístola e foi o criador de várias normas para a sua redação. Antes sequer de emergirem os textos epistolográficos mais relevantes a nível literário, Rodrigues Lobo tinha já estabelecido os princípios teóricos e retóricos da carta na sua obra *A Corte na Aldeia* (1619), considerada um verdadeiro manual de boas maneiras.

“Partidário do estilo sóbrio e desafetado, recomenda a clareza e a propriedade no emprego dos termos. Pronuncia-se sobre o vocabulário epistolográfico, aconselhando o uso de termos polidos e bem conhecidos, com exclusão de termos técnicos e eruditos. Estas considerações são tanto mais interessantes quanto aqui aparecem pela primeira vez em Portugal.” (Seara, 2006, p. 139)

Rodrigues Lobo abre caminho a nomes como António Vieira ou D. Francisco Manuel de Melo, principais figuras da epistolografia do séc. XVII, precisamente considerado em Portugal como o “século da prosa”.

O vasto espólio epistolográfico deixado por D. Francisco Manuel de Melo foi concebido, na sua generalidade, enquanto este se encontrava preso e resulta da privação de convivência resultante dessa situação. Cultivou a carta como género familiar, fazendo dela uma espécie de conversa escrita que se caracterizava pela variedade e simplicidade, pelo tom amistoso, mas também cerimonioso cujo objetivo era cultivar a amizade. As suas *Cartas Familiares* (publicadas pela primeira vez em Roma, no ano de 1664), de índole manifestamente autobiográfica, evidenciam de forma notável as tristezas, as inquietações e os desgostos do escritor. Também se diferencia por conter diretrizes literárias, políticas e sociais que não podem ser descartadas enquanto retrato da sociedade desta época.

Do mesmo modo, as cartas de Padre António Vieira contêm informações preciosas da sua vida e da época em que viveu, e apesar de atualmente ser reconhecido principalmente pelos textos que difundiu enquanto (exímio) pregador, é consagrado pela história cultural como o maior e mais modelar epistológrafo português. Nas suas cartas podem ser recolhidas valiosas informações que contribuem significativamente para o estudo da história política, social, económica e até militar setecentista.

Já no séc. XVIII importa mencionar os nomes de António Ribeiro Sanches, Francisco Xavier de Oliveira, Luís António Verney e Cândido Lusitano. Ribeiro Sanches e Luís A. Verney são sobretudo autores de cartas ensaísticas. Francisco Xavier de

Oliveira, mais conhecido pelo pseudónimo de Cavaleiro de Oliveira, escreveu as celebradas *Cartas Familiares*, impressas em Amsterdão em 1741. Por necessidades económicas, publica ainda em vida mais dois volumes de correspondência. Pela modernidade da sua escrita, há quem o considere como o antecessor de Eça de Queirós dado que, tal como Eça, ostenta nas suas cartas a graça, os juízos pessoais avançados para o tempo em que viveu e uma flexibilidade espiritual ímpares.

Cândido Lusitano, ou José Freire, já anteriormente citado como teorizador do género epistolar do séc. XVIII português, pretende com a sua obra já por nós apontada (*Secretário Portuguez*) fixar as regras de estilo, dando exemplos concretos dos vários tipos de epístolas usadas, nomeadamente, por quem desempenha funções administrativas.

Cabe ainda uma referência à Marquesa de Alorna, uma das raras mulheres literatas deste período. A Marquesa de Alorna – ou D. Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre ou ainda “Alcipe”, como ficou conhecida entre os poetas portugueses – foi feita prisioneira aos 8 anos de idade, juntamente com a mãe e os irmãos mais novos, no Convento de São Félix, em Chelas. Esta prisão advém do facto de a sua família ter sido perseguida pelo Marquês de Pombal uma vez que partilhava graus de parentesco com os Marqueses de Távora, que, como se sabe, foram acusados da autoria do atentado contra o Rei D. José I ocorrido em setembro de 1758. Os avós maternos e os tios de D. Leonor foram supliciados e o seu pai, segundo Marquês de Alorna, foi preso, primeiro na Torre de Belém e depois no Forte da Junqueira. No total, todos estiveram encarcerados durante 18 anos, até à morte de D. José e à subida ao trono da sua filha, D. Maria I.

É deste período que resulta a mais interessante parte da correspondência da Marquesa de Alorna⁴⁶. Desconhecendo-se a data em que se iniciou esta correspondência, sabe-se que teve origem na situação em que a família se encontrava, isto é, privada de liberdade por tempo indeterminado, sendo por isso a carta a única forma de se comunicarem e saberem notícias uns dos outros. Trata-se de um acervo de correspondência que, concebido entre proibições, secretismos e perigos, apresenta várias estratégias destinadas a confundir quem pudesse vir a intercetar estas cartas, quer em termos de conteúdo quer em termos de identidade ou até mesmo de datação.

Na correspondência trocada com o pai, a única forma de relacionamento entre ambos durante todos os anos de prisão, notamos a intenção clara de D. Leonor em tentar

⁴⁶ De acordo com: Anastácio, V. (2005). D. Leonor de Portugal: as cartas de Chelas. Em V. Anastácio, *Correspondências (usos da carta no séc. XVIII)* (pp. 53-63). Lisboa: Edições Colibri & Fundação das Casas de Fronteira e Alorna.

aliviar o sofrimento do pai, distraíndo-o da solidão e tentando transmitir-lhe alguma esperança e a paz necessárias à sua condição. Há também uma intenção de fazer parecer ao pai que é mais forte do que aparenta e que é capaz de aguentar a situação em que vive tentando assim sossegá-lo quanto às suas preocupações.

Por outro lado, também nas cartas ao seu pai se nota a preocupação deste com a educação de D. Leonor. D. João de Almeida Portugal pede muitas vezes à filha que lhe dê conta dos seus progressos nos estudos e dos livros que lê, ao mesmo tempo que também ela lhe envia secretamente livros, jornais e também algumas produções poéticas da sua autoria e cópias de versos de outros poetas.

Quanto às cartas enviadas à Condessa de Vimieiro, nos períodos em que não eram possíveis as visitas desta a Chelas, estão repletas de expressões de gratidão pela amizade demonstrada por D. Teresa, quer por lhe proporcionar algum convívio quando a visita quer pelos momentos de desabafo acerca da vida infeliz de prisioneira no convento. Também nestas cartas se encontram comentários e discussões relativos a todos os interesses que ambas partilham, sobretudo a poesia.

A correspondência de D. Leonor permite-nos, em última análise, por um lado perceber como vai evoluindo a escrita da Marquesa de Alorna durante os anos de encarceramento em Chelas e por outro analisar o modo como se vai construindo enquanto sujeito que escreve. Também constitui um testemunho privilegiado da esfera político-social e do campo literário do séc. XVIII português uma vez que menciona factos que a história não registou e informações que permitem conhecer redes de circulação de textos e outros escritos que são determinantes para a caracterização histórico-literária desta época.

É no período contemporâneo, que aqui delimitamos desde os finais do séc. XVIII até ao séc. XX, que se encontram, segundo Andréa Rocha, os grandes valores da epistolografia portuguesa moderna. Coincidentemente, são também alguns deles os maiores nomes da literatura nacional. Almeida Garrett, António Feliciano de Castilho, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco, Ramalho Ortigão, Júlio Dinis, Antero de Quental, Eça de Queirós, Maria Amália Vaz de Carvalho, Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro são os autores mais destacados, pelos seus reputados epistolários, neste intervalo temporal.

Quanto a Almeida Garrett, para além do tratado *Da Educação* em registo epistolar, é imperioso sublinhar, mais uma vez, a importância da carta ficcionada incorporada em *Viagens na minha terra*. A carta de Carlos para Joanhinha, que ocupa vários capítulos da

obra, salienta-se na literatura portuguesa pelo raro exemplo de subtileza psicológica e formal. Por outro lado, o epistolário particular de Garrett caracteriza-se por uma escrita mais pragmática, sem os adornos estilísticos da literatura. Conservou-se, no entanto, um interessante conjunto de cartas íntimas, dirigidas à sua amante (Viscondessa da Luz), que constituem um raro documento do género⁴⁷.

Já António Feliciano de Castilho destaca-se sobretudo pela sua correspondência particular, que prima pelo humanismo revelado pelo autor nos ensinamentos e conselhos sobre a missão académica e pedagógica a que se dedicou. Do mesmo modo, também Alexandre Herculano se evidencia pelas suas cartas de pendor particular. A abundante correspondência de Herculano resulta em parte do seu afastamento da vida pública, sendo uma forma de continuar a mover-se no meio literário, político ou cívico.

Camilo Castelo Branco é outro dos nomes que ecoa como um dos epistológrafos mais produtivos do panorama epistolar português. Curiosamente, os principais destinatários das suas cartas não são, como seria de esperar, outros homens de letras e de cultura do seu tempo, mas sobretudo os seus editores, os seus admiradores e até pessoas comuns que apelavam à sua generosidade. Júlio Dinis, que deixa um espólio epistolar bastante numeroso, faculta nas suas cartas familiares marcas da delicadeza do seu carácter discreto e introvertido.

Já na Geração de 70, as cartas trocadas, entre outros, por Ramalho Ortigão, Eça, Oliveira Martins e Antero de Quental permitem-nos compreender de outra forma, mais pessoal e espontânea, não só a cumplicidade que os unia, mas também a sua dinâmica literária e ideológica. Antero de Quental, em particular, legou-nos um incomparável conjunto epistolográfico, que se transforma numa espécie de diário íntimo de recorte filosófico. As suas longas meditações metafísicas e autobiográficas contrastam com a célebre carta intitulada “*Bom Senso e Bom Gosto*”, remetida a Feliciano de Castilho no tempo juvenil da polémica Questão Coimbrã.

De Eça de Queirós, cujo epistolário trataremos em profundidade no capítulo seguinte da nossa dissertação, dispomos de uma coleção epistolográfica não apenas muito vasta, mas também muito diversificada. Deve assinalar-se que, para além da correspondência privada, foi também autor de numerosas cartas públicas e de cartas

⁴⁷ *Cartas de amor à Viscondessa da Luz* / Almeida Garrett ; introd., org., fixação do texto e notas Sérgio Nazar David. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2007.

literárias, designadamente as publicadas nos volumes póstumos *Prosas Bárbaras*, *Últimas Páginas* e *Notas Contemporâneas*.

Para concluir este nosso sumário percurso pela epistolografia em Portugal, resta-nos frisar, na transição para o séc. XX, a notoriedade dos epistolários de autores como António Nobre e Eugénio de Castro, ou ainda o de Mário de Sá-Carneiro para Fernando Pessoa, reveladoras da sua personalidade literária e pessoal.

Concluimos este capítulo da nossa dissertação com a certeza de que a epistolografia é, indubitavelmente, um dos mais interessantes complementos da história da literatura e da própria cultura. Para além de nos transmitirem informações sobre os seus autores (o que pensaram ou sentiram), as cartas transportam através do tempo as marcas vivenciais da época em que foram redigidas, transformando-se em conhecimento concreto sobre as sociedades nossas antepassadas, que nos moldaram até ao que somos hoje.

4. *Correspondência de Eça de Queirós*

4.1. Aspetos formais, organizacionais e compositivos

Justificada a importância e a pertinência do estudo da correspondência de Eça de Queirós no contexto histórico-literário português, dedicamo-nos, neste ponto, ao estudo das cartas, a partir da edição de 2008 da Correspondência, organizada e anotada por Campos Matos. Deste modo, iremos detalhar os aspetos formais, organizacionais e compositivos da referida edição, bem como elencar os principais destinatários das cartas de Eça e os assuntos que nelas são tratados.

Distinguiremos, ainda, aqueles que, na esfera do nosso plano de trabalho, são os dois grandes polos temáticos no que concerne à correspondência do autor: as cartas de assunto literário (as cartas de opinião, discussão e crítica sobre literatura, as cartas relacionadas com os seus projetos literários, nomeadamente a *Revista de Portugal*, entre outros e as cartas aos editores que desvendam importantes pormenores relativos à produção e edição das suas obras) e as cartas de âmbito pessoal (as cartas dirigidas à sua esposa, Emília de Castro, as cartas aos filhos e as cartas aos amigos mais íntimos).

Já antes dissemos que os dois volumes de correspondência da edição de Campos Matos são o resultado da reunião de todas as cartas conhecidas até à data. Também atrás foram referidas as principais publicações que ao longo do tempo foram tornando pública a correspondência de Eça de Queirós, revelando, aos poucos, as centenas de epístolas que hoje conhecemos e que permitiram a Campos Matos edificar de forma tão completa o acervo que nos serve de base de trabalho.

Quanto à organização desta edição, como refere o próprio Campos Matos na nota preliminar que introduz os dois volumes de epístolas queirosianas, a fonte bibliográfica central foi a edição da correspondência organizada por Beatriz Berrini, editada pela Nova Aguilar em 2000, no Rio de Janeiro, por ser considerada, àquela data, a mais completa das edições da Correspondência de Eça de Queirós.

Convém referir os principais critérios seguidos por Campos Matos. As cartas escritas em francês, numerosas e tendo como principais destinatários os seus editores franceses, não foram traduzidas para português, somente foi corrigida a sua ortografia, sobretudo no que diz respeito à constante falta de acentuação. O coordenador desta edição optou por manter também as frequentes falhas de sintaxe, apesar de considerar a escrita de Eça em francês rudimentar para alguém como ele, que dizia respirar a França quase

desde que nascera, que lia muito em francês e que viveu os seus últimos anos de vida em Paris.

Não foi mantida, contudo, uma fidelidade absoluta em relação aos manuscritos epistolares. Esta decisão foi tomada pelo editor com o objetivo de facilitar a leitura das cartas, uma vez que conservar a ortografia original, tão diferente da atual, não traria qualquer vantagem aos leitores. Foi, por isso, no processo de transcrição dos manuscritos atualizada e corrigida a ortografia adaptando-se, assim, o texto aos critérios atualmente adotados. Preservou-se, porém, a pontuação no lugar original (bem como a falta dela) apenas havendo alterações em casos de erros notórios em regras de escrita elementares.

Foram nesta edição incluídas também cartas e cartas-ofícios destinadas ao Ministério dos Negócios Estrangeiros. Enquanto correspondência consular, não deixam de fazer parte do espólio epistolar de Eça de Queirós, apresentando mesmo algumas delas o tom coloquial, quase quotidiano que caracteriza a grande maioria das cartas queirosianas.

Nas notas de rodapé é possível encontrar, como informação central, a obra em que foram pela primeira vez publicadas, onde é dada a referência original da fonte de onde foram transcritas.

No final do volume II encontram-se ainda outros conteúdos em anexo, tais como o texto que serviu de introdução à 1ª. edição completa da correspondência epistolar entre Eça de Queirós e Emília de Castro, publicada em 1995 pela Lello (Porto) e a introdução às quatro cartas inéditas reunidas pela Biblioteca Nacional e publicadas em 2008 (em *Aquisições Queirosianas*). Estes escritos facultam-nos diversas informações, entre elas os antecedentes da correspondência entre o casal Queirós; uma hipótese de retrato de Emília de Castro; algumas conclusões retiradas da correspondência entre Eça e Emília já enquanto cônjuges (principalmente sobre a constante falta de fundos monetários); e as relações intelectuais do casal e o longo período de viuvez de Emília.

Sublinha-se, também, a existência de um índice onde se encontram os nomes dos destinatários de todas as epístolas de Eça de Queirós presentes nesta edição. Este índice contém breves informações biográficas de cada um dos destinatários das cartas e a indicação das cartas de cada destinatário ordenadas pela numeração correspondente.

As cartas, que no seu conjunto perfazem um total de 897, encontram-se organizadas por ordem cronológica. Destas 897 cartas, apenas 20 não se encontram datadas, estando agrupadas num separador próprio, intitulado «Cartas sem Data» que se encontra no final

do volume II da obra. Existem, do mesmo modo, cartas cujo destinatário é desconhecido que foram inseridas no conjunto total de epístolas, segundo a respetiva data. Encontram-se, também, entre estas mais de oito centenas de epístolas, duas cartas inéditas (uma dirigida ao Visconde de Pernes, sem data e outra endereçada a Alfredo Keil com data de 02/08/1890) e outras duas quase desconhecidas uma vez que nunca antes haviam sido publicadas em acervos de correspondência queirosiana (uma destinada a Ernesto Chardron, de 27/11/1877 e outra a Ramalho Ortigão com datação provável de março de 1893).

Comparada, por exemplo, com duas outras publicações de referência da correspondência de Eça de Queirós, a edição de Campos Matos apresenta mais 350 cartas em relação à edição de Castilho e mais 35 quando confrontada com a edição brasileira da Nova Aguilar.

No que concerne à estrutura interna dos dois volumes da obra, no primeiro deles encontram-se as cartas datadas de 1867 a 1889 (numeradas de 1 a 404). Neste volume, para além de epístolas endereçadas a alguns dos amigos mais íntimos, à sua esposa e aos seus editores, temas que à frente trabalharemos de forma isolada, encontram-se cartas destinadas aos Conde de Resende (o irmão e a mãe da futura mulher); cartas oficiais (a nomes como os de João de Andrade Corvo e de Henrique de Barros Gomes, que foram Ministros dos Negócios Estrangeiros e a quem, conseqüentemente, Eça prestou contas enquanto cônsul); e cartas enviadas a escritores, como Pinheiro Chagas, Teófilo Braga, Fialho de Almeida e Machado de Assis, entre outros nomes da Literatura, da cultura e da política do séc. XIX. São de destacar, ainda no contexto das cartas anteriores a 1890, as várias cartas enviadas por Eça a várias personalidades com o intuito de recrutar colaboradores para a *Revista de Portugal* que fundou em 1889.

No segundo volume constam as restantes cartas, de 1890 a 1900 (numeradas de 405 a 897). Também de entre este bloco de epístolas se realçam as destinadas a Emília de Castro, aos filhos do casal Queirós, aos editores e aos amigos próximos. Para além dos escritos endereçados ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, encontram-se ainda cartas a nomes de destaque no panorama artístico e literário português do séc. XIX, como Columbano Bordalo Pinheiro e Eugénio de Castro.

4.2. Principais núcleos temáticos das cartas de Eça de Queirós

No que respeita ao conjunto destas epístolas, importa distinguir aqueles que para nós são os três principais núcleos de correspondentes de Eça de Queirós: o círculo familiar, designadamente Emília de Castro e os quatro filhos do casal; os editores, numa primeira fase Ernesto Chardron, depois Jules Genelioux e Mathieu Lugan e por fim José Lello; e os amigos mais íntimos, dos quais destacamos Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins, (companheiros de sempre), e também o Conde de Ficalho, o Conde de Arnoso, o Conde de Sabugosa e Eduardo Prado.

Relativamente às cartas endereçadas por Eça para a sua família sobressai, naturalmente, a correspondência do autor para a sua esposa, Emília de Castro (62 cartas que se encontram no primeiro volume desta correspondência mais 167 no segundo volume).

As cartas de Eça para Emília Resende⁴⁸ podem ser analisadas em dois períodos distintos: as cartas de noivado e as escritas já depois de casados, notando-se uma diferença significativa no que toca ao estilo e aos assuntos nelas tratados. Antes do casamento é evidente a beleza (até literária) e o encantamento nas palavras que Eça escrevia para a então noiva; posteriormente essa graciosidade tende a desvanecer-se e a dar lugar a uma escrita menos adornada pelos sentimentos, na sua maioria sobre temas do quotidiano familiar e as constantes dificuldades económicas.

No contexto familiar destacam-se, ainda, as 57 cartas destinadas aos quatro filhos: Maria, José Maria, António e Alberto. A Maria, foram endereçadas 22 cartas (entre maio ou junho de 1892 e março de 1900), a José Maria 15 (de 29/03/1889 a 27/02/1900) e 10 tanto a António (entre 22/08/1897 e 01/03/1900) como a Alberto (datadas de 18/08/1898 a 01/03/1900).

Em relação à correspondência de Eça de Queirós com os seus editores é imperativo começar por destrinçar os vários nomes que ao longo dos anos estiveram envolvidos na edição e publicação das obras de Eça e com quem o autor, naturalmente, se correspondeu.

⁴⁸ Antes do casamento, no período entre 15 de agosto de 1885 (data da primeira carta de Eça destinada diretamente a Emília) e 10 de fevereiro de 1886 (data do casamento) contam-se 37 cartas e bilhetes enviados de Eça para Emília. Por outro lado, depois do casamento e até 9 de agosto de 1900 (que neste acervo, consta como a data da última carta de Eça para a mulher, 7 dias antes da sua morte) contamos um total de 192 cartas. Os temas destas cartas de Eça predem-se com a vida de casado e com assuntos sobre os quais a maioria dos casais se ocupa na vida quotidiana.

O primeiro editor de Eça foi Ernesto Chardron, que fundou em 1869 a Livraria Internacional de Ernesto Chardron, no Porto. Eça correspondeu-se com Chardron entre 21/02/1877 (data da primeira carta neste acervo destinada a este editor) e fevereiro de 1885 sendo que ao todo contabilizamos 46 cartas. Foi ele o responsável pela primeira edição em livro de *O Crime do Padre Amaro* (1876), *O Primo Basílio* (1878) e *O Mandarim* (1880).

Chardron morre aos 45 anos, em 1885, e a casa livreira é adquirida pela firma editora de Mathieu Lugan e Jules Genelioux, sendo que Eça se correspondeu maioritariamente com Genelioux. Entre 03/10/1886 e 29/07/1893 Eça endereçou 28 cartas a Genelioux e após a morte deste, entre 07/10/1893 e 03/09/1894, apenas 8 cartas tiveram como destinatário Lugan. Lugan & Genelioux foram responsáveis pela edição de *A Relíquia* (1887) e *Os Maias* (em 1888). Foram também os editores da *Revista de Portugal* (entre 1889 e 1892).

Depois da morte de Genelioux, Mathieu Lugan vende a editora e todo o seu espólio a José Pinto de Sousa Lello. Assim, a partir de 1894 a chancela passa a ser Livraria Chardron, de Lello & Irmão – a Livraria Lello que hoje em dia ainda subsiste (sendo uma das mais antigas, mais bonitas e mais visitadas do mundo). Eça endereçou 10 cartas aos representantes da Livraria, incluindo o próprio José Lello, entre 02/07/1894 e 24/09/1898. A Lello publicou apenas obras póstumas de Eça de Queirós: *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900), *A Ilustre casa de Ramires* (1900), *A Cidade e as Serras* (1901) e outras obras reunidas pelos seus familiares e amigos.

Uma vez que mais adiante neste trabalho detalharemos as características da produção e edição das obras de Eça que a correspondência desvenda, iremos, por agora, mostrar em traços gerais, os temas mais abordados.

Tendo sido sempre o dinheiro (ou a falta dele) o calcanhar de Aquiles na vida de Eça de Queirós, no que respeita à sua atividade como escritor, as lacunas financeiras constituem um assunto recorrente. A constante falta de dinheiro e o desespero por obtê-lo, fez com que muitas vezes o autor aceitasse preços baixos pelas suas obras mesmo sabendo que elas valiam muito mais no mercado literário do que aquilo que os editores lhe ofereciam. As aflições monetárias levavam também Eça a pedir aos editores que lhe enviassem um adiantamento sobre as obras o mais rápido possível quando, na maioria das vezes, a edição das mesmas ainda nem estava terminada.

As cartas aos editores são também a prova da sua inquietação literária, isto é, o seu volume de obras anunciada não é proporcional ao ritmo com que as consegue realizar e

muitas vezes as ideias não passam disso mesmo: ideias (ainda que sejam ideias muito boas). Quando contacta os editores para propor uma nova criação é frequente ainda só ter a obra começada ou ainda nem ter começado a redigi-la. Eça tem sempre mil e um projetos e quer escrever mil e uma coisas, quer publicar tudo ao mesmo tempo e acaba por nunca conseguir fazer tudo aquilo que tem em mente.

A sua busca exacerbada pela perfeição é também uma das características que se sobrepõem nas epístolas remetidas aos editores. Exigente consigo mesmo, exige também aos editores nada menos que a perfeição no trabalho editorial. Para isso, o mais importante é conseguir obras bem acabadas e sem erros, através da revisão das páginas que vão sendo impressas as vezes que fossem necessárias até estarem a seu gosto. São regulares os atrasos na edição e publicação das obras resultado das contínuas revisões que Eça insiste em realizar para que nada seja publicado sem estar perfeitamente elaborado. Também os materiais utilizados são supervisionados por Eça de maneira a que os seus livros sejam produzidos com a maior qualidade possível, até aos pequenos pormenores como a textura e a cor das folhas. Exige edições cuidadas e irrita-se quando tem de estar sempre a corrigir os mesmos erros por falta de atenção de quem faz as provas da edição ou quando os editores não procedem da forma que ele pretende e efetuam alterações sem lhe pedirem permissão. Embora tenha por norma a intenção de fazer edições pouco extensas, acaba por ultrapassar sempre o limite de páginas por ele próprio estabelecido o que acarreta um maior trabalho quer dos editores quer dele mesmo.

Também no que respeita ao mercado editorial podemos constatar que Eça de Queirós era facto um homem à frente do seu tempo, desta vez no sentido em que tem já consciência daquilo a que hoje em dia chamamos marketing e publicidade. Estas noções sobressaem, por exemplo, na insistência em que os editores publicitem as suas obras e as divulguem em todos os meios de comunicação importantes, bem como na orientação dos prazos de publicação, de modo a não fatigar o público e a manter o interesse das pessoas nas produções por ele assinadas.

Como em tudo, Eça acredita que no estrangeiro a indústria editorial funciona muito melhor do que a portuguesa: tenta por isso, junto dos editores, sugerir a introdução de algumas inovações, como seja diminuir o número de exemplares tirados em cada edição. Em Portugal faziam-se edições de 5000 exemplares, no entanto, Eça preferia que se seguisse o exemplo das congéneres inglesas, francesas e até alemãs em que cada edição é composta por uma tiragem de apenas 1000 exemplares. Mais edições significa mais

publicidade para cada uma delas, não aumentando o preço de custo, mas aumentando sim as receitas de venda.

Em suma, são estas as conclusões que podem ser retiradas dos assuntos que no geral são abordados por Eça nas cartas a todos os seus editores. Constatámos com especial destaque os traços que estas epístolas nos permitem perceber no que concerne ao pensamento de Eça, relativamente à publicação dos textos e aos pormenores mais técnicos da edição. Adiante desenvolveremos aspetos mais substantivos referentes a várias das suas obras.

Dedicando agora a nossa atenção às cartas enviadas àqueles que consideramos os amigos mais próximos de Eça de Queirós e que mais se corresponderam com o autor, cujos nomes se encontram suprarreferidos, contabilizamos um total de 289 cartas, distribuindo-se estas por 9 destinatários distintos.

Decompondo este número verificamos que 51 destas cartas foram remetidas a Jaime Batalha Reis, entre meados de 1870 (uma vez que não se consegue precisar a data da primeira carta) e 20/09/1899; outras 50 foram dirigidas a Ramalho Ortigão, entre meados de 1871 e 1898 ou 1899 (não é possível conhecer a data rigorosa quer da primeira quer da última carta para Ramalho Ortigão); a Oliveira Martins, o escritor enviou 37 cartas entre 10/05/1884 e 26/04/1894; a correspondência com o Conde de Ficalho repartiu-se por 11 cartas que lhe foram encaminhadas por Eça entre 20/08/1884 e 12/12/1897; mais 57 cartas foram dirigidas ao Conde de Arnoso de 30/08/1884 a meados de dezembro de 1899; ao Conde de Sabugosa, Eça escreveu 6 cartas entre 31/10/1888 e 08/01/1898; por último, a Eduardo Prado chegaram 10 cartas remetidas por Eça entre meados de agosto de 1890 e 24/04/1900.

Muitos destes amigos foram, tal como Eça, figuras de relevo no panorama cultural, social e literário do séc. XIX. Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão e Oliveira Martins são dos mais antigos companheiros de Eça tendo sido desde logo seus camaradas no grupo do Cenáculo (que organizaria as Conferências do Casino em 1871). Estiveram depois associados também ao grupo dos Vencidos da Vida tal como o Conde de Ficalho, o Conde de Arnoso e o Conde de Sabugosa. Estando a maior parte deles ligados às principais áreas socioculturais como a literatura, a política, a educação ou os meios de comunicação, é por isso comum encontrarmos cartas de Eça dirigidas a estes homens discutindo estes mesmos temas.

Regra geral, quando analisamos as cartas aos amigos, percebemos a existência de dois tópicos comuns praticamente a todas elas: a necessidade incessante de comunicar,

de pedir aos amigos que não deixem de lhe escrever, de querer saber notícias do país; e a consideração que tem por eles e pelas suas vidas enviando em cada carta palavras dirigidas à família de cada um.

Há, contudo, três destes amigos que podem ser considerados, através da análise das cartas, mais íntimos do que os outros. São eles Jaime Batalha Reis, Ramalho Ortigão, Oliveira Martins e o Conde de Arnoso (Bernardo Pinheiro de Melo). Para além da espontaneidade demonstrada nas cartas endereçadas a estes nomes, verifica-se também o carinho, a sinceridade, a fidelidade, a confiança, o respeito e até a cordialidade que não se encontram em cartas a outros menos próximos. Observa-se também, por parte de Eça, uma preocupação genuína com a felicidade destes amigos, questionando-os muitas vezes sobre o que os ocupa, como vivem e, principalmente, se estão felizes.

É a estes que confessa as suas fraquezas, as doenças que o vão atacando, as aflições pelas quais vai passando e as dificuldades económicas que o perseguirão toda a sua vida. Chega mesmo a pedir-lhes dinheiro emprestado em situações em que não tem mais ninguém que o possa socorrer. São estes os primeiros a quem comunica notícias pessoais ou profissionais, e a quem pede conselho. Também são eles os primeiros a quem anuncia os planos para a criação da *Revista de Portugal* e a serem convidados para colaborar nessa mesma publicação.

No que respeita aos restantes amigos com quem Eça mais se correspondeu, os temas das suas cartas provêm de variadas matrizes. A Literatura é a matéria mais frequente, uma vez que muitos deles são a sua ligação à imprensa, dirigindo ou colaborando com jornais ou outro tipo de periódicos onde publicam críticas às obras de Eça ou onde fazem publicidade às mesmas. Também estes amigos serão colaboradores da *Revista de Portugal*, por convite que o próprio Eça de Queirós fez questão de solicitar a cada um individualmente através de carta. Muitas vezes lhes comunica, também, os planos e as ideias para as suas obras, pedindo conselhos sobre os projetos que tem em mente.

Por outro lado, assuntos como a economia, o estado do país, a política ou a diplomacia são também recorrentemente discutidos com estes homens. Alguns deles têm alguma ligação ao Poder e aos próprios monarcas, acabando Eça por ver alguns favores concedidos pelo rei e pela rainha através da sua intervenção. Pedir favores é também o teor de muitas das cartas endereçadas aos mais próximos, tal como desabafos, partilha de opiniões ou o simples prazer de conviver com um amigo. Eça escreve muitas cartas pela espontânea vontade de conversar com os seus velhos conhecidos.

4.3. As cartas de tema literário

A Literatura sempre foi uma parte maior da vida de Eça de Queirós e isso é visível na sua Correspondência. Vivendo intensamente as Letras, não encontramos nas suas cartas um exemplo que não demonstre, pela elegância do discurso, o fascínio que nutria pela arte da escrita. Esta sedução traduz-se também na forma como, nas suas epístolas, concebe múltiplas opiniões, críticas e pareceres sobre Literatura e tudo o que nela converge ou dela advém. Destas apreciações conseguimos retirar elementos importantes relativamente à visão e ao entendimento de Eça no que respeita aos principais assuntos de índole literária.

De um modo particular, dentro desta temática, é desde logo possível ficar a conhecer a análise que o autor faz das suas próprias obras. Antes de qualquer outro, Eça é o seu maior crítico e faz questão de o demonstrar nas suas cartas. Depois, é-nos também permitido compreender os principais objetivos e fundamentos de alguns dos seus projetos literários, nomeadamente no que concerne à *Revista de Portugal*.

A respeito das suas próprias obras, Eça dá-nos a conhecer as suas apreciações sobretudo em cartas destinadas a alguns amigos ou endereçadas aos editores. Nestes escritos encontram-se considerações sobre *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio*, *A Relíquia*, *Os Maias*, sobre os romances que tinha em mãos e também sobre aqueles que não quis publicar como *A Tragédia da Rua das Flores*.

Por exemplo, no que toca ao *Crime do Padre Amaro*, Eça, numa carta a Batalha Reis (*O Crime do Padre Amaro* é publicado primeiramente em fascículos na *Revista Ocidental* dirigida por Antero de Quental e Batalha Reis) datada de 6 de janeiro de 1875⁴⁹, considera que o romance, embora seja uma história suscetível de chocar o moralismo dos leitores (e talvez dos próprios editores) da Revista, merece vir a lume, e não compreende o atraso na publicação:

“Tem sido impossível passar a letra de imprensa os gatafunhos românticos em que está escrita aquela história realista? (...) Se – ou por alteração no plano literário da Revista ou por dificuldades de composição – o Padre Amaro não pode ir matar o seu filho para a rua, à luz pública – então peço-te que me avises – e que mo remetas empacotado. Se ele não pode cometer a sua patifaria em letra de imprensa – então quero que ele esteja aqui ao meu lado, na gaveta, matando sossegadamente – seu filho – e portanto meu neto.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 102)

⁴⁹ Queirós, E. d. (2008). *Correspondência* (Vol. I). (A. Campos Matos, Ed.) Alfragide: Editorial Caminho. Carta 35, página 101.

Apesar da discordância que gerou a publicação d'*O Crime do Padre Amaro* na revista de Batalha Reis e Antero, à qual Eça chamou de “desastre literário”⁵⁰ por considerar que é o resultado da edição descuidada de um borrão e não de um romance⁵¹, o autor não deixa de classificar a obra como um bom romance de realismo psicológico ao estilo dos consagrados Balzac e Flaubert.

Ainda sobre *O Crime do Padre Amaro*, Eça acredita que uma edição ilustrada deste romance despertaria para ele próprio e para o ilustrador a fúria e hostilidade dos conservadores devotos da sociedade. O projeto da edição ilustrada d'*O Crime do Padre Amaro* nunca chegou a ser concretizado, embora Manuel de Macedo tenha aceitado ilustrar o romance.

Em relação ao *Primo Basílio*, Eça não esperava que se convertesse numa grande obra de sucesso como veio a suceder. Aliás, o próprio autor classifica-a como medíocre numa carta a Ramalho Ortigão datada de 20 de fevereiro de 1878⁵², duvidando da sua capacidade para criar personagens creíveis. No entanto, Eça vai admitindo que o seu processo criativo não é inferior ao de Zola ou até mesmo ao de Balzac⁵³. Noutra carta questionava a qualidade efetiva d' *O Primo Basílio* acreditando muito mais no sucesso d' *A Tragédia da Rua das Flores* (que nunca seria publicada antes da sua morte) que considerava “uma verdadeira bomba literária e moral para a sociedade” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 154)⁵⁴. Mesmo assim, Eça estranha o silêncio imediato da crítica e não deixa de defender o romance quando está em questão o intuito moral que o inspirou. Assim, ironiza com a reação de Ramalho ao erotismo de certas cenas: “Corou inocente? E não cora então, regalando-se do *Assomoir* e da *Curée* [...] e não cora quando lê Shakespeare?”⁵⁵ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 180). E a Teófilo Braga que o criticara por atacar a instituição familiar, responde com vigor, justificando ponto por ponto os méritos “revolucionários” da obra e a necessidade de combater todos os aspetos de “uma sociedade podre”:

⁵⁰ *Ibidem*, p. 116, carta 45. (Vol. I)

⁵¹ *Ibidem*, p. 114, carta 44. (Vol. I)

⁵² *Ibidem*, p. 164, carta 78. (Vol. I)

⁵³ *Ibidem*, p. 154, carta 73. (Vol. I)

⁵⁴ *Ibidem*, p. 153, carta 72. (Vol. I)

⁵⁵ *Ibidem*, p. 180, carta 80. (Vol. I)

“A minha ambição seria pintar a Sociedade portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830 – e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país formam – eles e elas. É o meu fim nas *Cenas da Vida Portuguesa*.”⁵⁶ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 182)

Ao transferir-se para Paris em 1888, Eça investe energias numa publicação de qualidade superior que se tornasse uma referência literária no meio europeu. Esta publicação é a *Revista de Portugal*, fundada nesse ano de 1889. O escritor sempre manifestou o desejo de fundar uma revista que permitisse à literatura portuguesa e a Portugal demonstrar um sinal de vida cultural.

Considerando a *Revista* um ato de patriotismo⁵⁷, no sentido em que se trata de uma publicação onde as mentes mais brilhantes da nação podem exprimir aquilo que realmente pensam sobre o estado do país, o importante não é o proveito que esta lhe possa trazer, mas sim a consciência de que contribuiu para que em Portugal existisse um espaço de referência, onde se praticava a melhor literatura. O próprio o diz numa carta a Ramalho Ortigão datada de 26 de novembro de 1888: (Queirós, Correspondência, 2008, p. 607) “Isto é um empreendimento de literatura e não de dinheiro – que eu ganharia mais a meu gosto, e em maior quantia, continuando a fabricar romances.”; continuando a sua justificativa refere ainda, na mesma carta:

“Não há em Portugal um bocado de papel onde se discutam seriamente, e com especial saber as coisas vitais do país, onde as obras tenham o seu comentário, e onde se produzam os espíritos elevados, que hoje não tem um jornal decente onde decentemente digam o que pensam. Ora, nestas condições, eu decidi sacrificar-me, e fundar esse bocado de papel. É, até certo ponto, um ato patriótico.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 607)

Podemos entender, portanto, que os alicerces fundacionais da *Revista de Portugal* assentam em dois grandes pilares. O primeiro é explicado pelo próprio Eça numa carta a Camilo Castelo Branco, datada de 18 de novembro de 1888⁵⁸, em que precisamente o convida para ser colaborador da *Revista* e em que explicita claramente que esta publicação pretende ser o espelho da nação, refletindo as produções de cada um, seja qual for a área do saber que elege, sem qualquer tipo de censura. Quer se dediquem a atividades literárias ou artísticas, à investigação histórica ou à observação científica e até mesmo à análise

⁵⁶ *Ibidem*, p. 182, carta 81. (Vol. I)

⁵⁷ *Ibidem*, p. 605, carta 343. (Vol. I)

⁵⁸ *Ibidem*, p. 602, carta 340. (Vol. I)

crítica, todos terão a mesma oportunidade de se exprimir com a mesma liberdade de expressão. O segundo fundamento que está na base da criação da *Revista* é simplesmente a incessante vocação literária de Eça. O querer fazer mais por uma literatura (e por um país) em decadência é uma das características que o autor, ao longo da sua vida, nunca perde.

Apesar da complexidade da tarefa, Eça desempenhou-se com brio desta missão, com a ajuda de Silva Gaio e de Luís de Magalhães, e não faltou qualidade à publicação. Ironicamente, é a irregularidade dos colaboradores e o desinteresse geral do país pela literatura que leva ao seu fim. O declínio da *Revista*, para Eça, está diretamente ligado ao facto de o país estar mal preparado culturalmente, tão mal que não se lia nem se queria ler. E não se lia principalmente aquilo que realmente importava ler. O escritor teme mesmo ter de, para agradar ao público português, a transformar num daqueles folhetos superficiais que as pessoas apreciavam.

Apesar do fracasso da *Revista*, Eça esteve disposto a tentar ressuscitá-la, renovando-a e modificando-a enquanto *magazine*. No caso, seria uma revista com o nome *O Serão*, com temáticas assentes nos mesmo moldes da *Revista de Portugal*, contudo com artigos mais ligeiros, vivos e atuais e mais fáceis de ler e entender para o público em geral. Chegou a convidar para secretário Alberto de Oliveira⁵⁹ que trabalharia de perto com Eça, que seria o seu diretor⁶⁰.

Muito antes da *Revista*, já Eça de Queirós tentava acordar a nação culturalmente adormecida em que vivia. A primeira investida aconteceu em 1871 quando inicia a publicação d'*As Farpas* em coautoria com Ramalho Ortigão. A finalidade destes folhetos era espicaçar a sociedade, mostrando de forma irónica os aspetos que deviam ser mudados, fazendo-a despertar para a realidade e para a revolução de mentalidades que todos pareciam negar e ignorar, mas que o jovem Eça julgava necessária. Como o autor explica de forma sintética e assertiva numa carta do próprio ano de 1871 endereçada a Emídio Garcia⁶¹ “*As Farpas* são um panfleto revolucionário, é a ironia e o espírito ao serviço da justiça. São o folhetim da revolução.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 48). Já nesta altura fica bem cimentada a posição de Eça quanto à importância social da

⁵⁹ Diplomata e escritor. Queria, em conjunto com Eça ressuscitar a *Revista de Portugal* com o título *O Serão*. Colaborou com o Conde de Arnoso na adaptação do conto “O Suave Milagre” depois da morte de Eça.

⁶⁰ *Ibidem*, pp. 284, 285 e 290 cartas 609, 610 e 613, respetivamente. (Vol. II)

⁶¹ *Ibidem*, p. 48, carta 8. (Vol. I)

literatura: para o escritor a arte e a força da palavra são a forma ideal de iniciar uma revolução cultural.

A colaboração com Ramalho Ortigão terminaria no ano seguinte, 1872. Esta separação deve-se ao facto de Eça ser nomeado cônsul em Havana e por isso ser forçado a estar fora do país. No entanto, não deixa de ser um fervoroso encorajador de Ramalho e do seu trabalho na continuação d'*As Farpas*. Segundo o romancista, o amigo deveria prosseguir com a publicação nunca abandonando a luta. *As Farpas* continuavam a ter utilidade no combate pela renovação da sociedade.

Antes de nos debruçarmos sobre outros tópicos literários, achamos interessante partilhar alguns apontamentos singulares que encontramos na correspondência. O primeiro deles consiste no facto de o autor afirmar que odeia prólogos⁶². Na realidade, gostaria que nenhum dos seus livros tivesse prólogo, no entanto, se o editor considerasse necessário condescenderia, com vista a aumentar o número de leitores.

Com a sua habitual ironia, vemo-lo também dizer ao editor Ernesto Chardron, numa carta de dezembro de 1879⁶³, que nunca tem intenção de escrever sobre escândalos ou escrever livros indecorosos, o público é que os vê e lê como tal. Mesmo se a sua intenção não fosse realmente essa, o escritor estava ciente de que iria provocar alvoroço e expor a imoralidade.

Deste modo percebemos, também, que Eça tinha uma consciência muito clara das vantagens da publicidade. Aos amigos mais íntimos pede *réclame*. Cada vez que algum dos seus conhecidos publica uma resenha dos seus romances, o autor dirige-lhe uma carta agradecendo a crítica, seja boa ou não. Tinha a perfeita noção de que quanto mais o nome do romance aparecesse nos jornais mais a obra era dada à exposição e isso atrairia mais possíveis leitores.

Numa carta de 10 de maio de 1884 dirigida a Oliveira Martins⁶⁴, ficamos também a saber que reconhece demasiado “francesismo” na sua escrita: considera que os seus romances são de índole francesa pois ele próprio é em quase tudo francês de alma – ou não considerasse Vítor Hugo um mestre e não o idolatrasse. Diz nessa epístola ao amigo:

“Os meus romances no fundo são franceses, como eu sou em quase tudo um francês – exceto num certo fundo sincero de tristeza lírica, que é uma característica portuguesa, num gosto depravado pelo fadinho, e no justo amor do bacalhau de cebolada. Em tudo o mais francês, de província. Eduquei-me a

⁶² *Ibidem*, p. 252, carta 120. (Vol. I)

⁶³ *Ibidem*, p. 254, carta 121. (Vol. I)

⁶⁴ *Ibidem*, p. 330, carta 166. (Vol. I)

mim mesmo, com livros franceses, ideias francesas, modos de dizer franceses, sentimentos franceses, e ideais franceses.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 331)

4.3.1. As cartas de opinião, discussão e crítica sobre Literatura

Aprofundando agora esta matéria de forma mais detalhada, dedicar-nos-emos a elencar as opiniões retiradas das cartas em que Eça de Queirós se debruçou sobre temas literários, focados quer na literatura nacional quer na Literatura no seu modo global. Para melhor enumerar as ilações centradas nesta temática, dividi-las-emos em quatro pontos centrais: considerações gerais expressadas por Eça, conceções sobre o Realismo e o seu lugar dentro da arte literária, críticas a obras publicadas no seu tempo (na sua maioria da autoria de amigos e conhecidos) e as opiniões relativas ao estado da educação em Portugal e à importância que devia ser dada à Literatura nesse campo.

Dentro das considerações gerais, destacamos as opiniões do autor em relação àqueles que, como ele, são artistas; aos livros em si mesmos enquanto objetos da Literatura; às edições de correspondências que começavam a ser tendência no seu tempo; e à Literatura que se faz na Europa e no mundo.

Em primeiro lugar, Eça crê que um artista não pode trabalhar sobre uma matéria social se está longe do meio onde essa matéria se encontra. Esta afirmação, que pode parecer estranha dado que o próprio escritor teve sempre como objeto artístico a sociedade portuguesa e vivia fora do país, tem origem na carta a Ramalho Ortigão, de 8 de abril de 1878 em que Eça admitia estar um pouco desanimado com o seu trabalho⁶⁵. Este desalento prende-se precisamente com esta dificuldade. A distância ameaçava comprometer a índole do próprio trabalho romanesco pois obrigava Eça a um esforço redobrado: escrever rodeado de um contexto esforçando-se para viver mentalmente dentro de outro para conseguir reproduzi-lo nas suas obras.

“Eu trabalho nas *Cenas Portuguesas*, mas sob a influência do desalento. Convenci-me que um artista não pode trabalhar longe do meio em que está a sua matéria artística (...) eu não posso pintar Portugal em Newcastle. Para escrever qualquer página, qualquer linha tenho de fazer dois violentos esforços: - desprender-me inteiramente da impressão que me dá a sociedade que me cerca – e evocar, por um retesamento da reminiscência a sociedade que está longe.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 190)

⁶⁵ *Ibidem*, p. 189, carta 85. (Vol. I)

Ainda sobre o trabalho do escritor acrescenta, numa carta de 18 de julho de 1885 a Mariano Pina⁶⁶ que num artista domina mais a emoção do que a análise, a análise é para os críticos não para os artistas: “Eu sou um artista, não um crítico: não tenho análise tenho emoção.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 374). Esta declaração deve-se a um artigo que Eça escreveu pela ocasião da morte de Vítor Hugo e sobre o qual lamentava a incapacidade de conceber um texto mais profundo no sentido da análise do método de Hugo. Essa falta de profundidade técnica era precisamente decorrente da empatia própria do artista.

No mesmo fio condutor, que diz respeito aos artistas e à arte, podemos ainda destacar o entendimento de Eça em relação à obra de arte literária. Na sua perspetiva, muito poucos atingem o patamar dos clássicos e nem todos os livros se podem apresentar como uma referência de excelência no panorama literário. Numa carta ao Conde de Arnoso, datada de 30 de novembro de 1885⁶⁷, o autor refere precisamente esse ponto de vista: “Um livro de arte só tem direito a ser grosso, atarracado, vasto e copioso, quando se torna clássico.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 452). Caso contrário, terá de apresentar outro tipo de porte, menos imperioso e mais humilde, que se adegue à sua categoria, naturalmente muito distante dos ilustres clássicos.

Ainda sobre livros, o escritor afirma, em várias cartas, que a qualidade formal de uma obra é impreterível. Para ele nada é pior do que uma edição com erros. Há por isso que ter muita atenção e cuidado na edição, particularmente no que diz respeito à gramática, uma vez que sem ela não existe compreensão dentro da linguagem e sem sintaxe não há articulação de pensamento⁶⁸.

Quanto aos autores dos livros, sobretudo os romancistas, critica aqueles que constroem as suas obras sob o impulso das tendências literárias, daquilo que os leitores ditam como sendo a moda em cada momento⁶⁹: “Nós outros os romancistas é que edificamos sobre a areia – ou sobre a *moda* que é a mais movediça das areias” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 215). No entanto, destaca o escritor, a moda é o alicerce mais frágil e menos seguro da edificação literária e os autores, em vez de se preocuparem com o que está em voga, escrevendo sob o seu signo, devem preocupar-se em contar histórias simples e verdadeiras pois contar histórias é das mais generosas atividades humanas⁷⁰.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 374, carta 201. (Vol. I)

⁶⁷ *Ibidem*, p. 452, carta 235. (Vol. I)

⁶⁸ *Ibidem*, p. 537, carta 300. (Vol. I)

⁶⁹ *Ibidem*, p. 214, carta 558. (Vol. II)

⁷⁰ *Ibidem*, p. 297, carta 620. (Vol. II)

“Contar histórias é uma das mais belas ocupações humanas. Todas as outras ocupações humanas tendem mais ou menos a explorar o homem; só essa de contar histórias se dedica amoravelmente a entretê-lo, o que tantas vezes equivale a consolá-lo. Infelizmente, quase sempre, os contistas estragam os seus contos por os encherem de literatura, de tanta literatura que nos sufoca a vida!” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 297 e 298)

No que respeita às obras de epistolografia, na altura muito em voga, Eça considera que, apesar do interesse do público nas cartas particulares dos grandes homens que morrem (e de planear fazer o mesmo com a correspondência de Fradique Mendes como estratégia de afirmação e acreditação do personagem), apenas dos autores imortais se deve publicar essa matéria privada, dando exemplos⁷¹: “(...) recolher a sua correspondência, - como se fez para Balzac, Madame de Sévigné, Proudhon, Abélard, Voltaire e outros imortais (...).” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 368). Quanto à sua própria correspondência, considera que tem uma produção epistolar bastante irregular. Usa o adjetivo *irregular* no sentido em que cada carta é muito pensada, desde a data até ao mais ínfimo pormenor, mas muitas vezes essas cartas ficam somente no seu pensamento, acaba por não as enviar ou não chega sequer a escrevê-las⁷²:

“A irregularidade da minha vida epistolar provém de que eu penso sempre as minhas cartas antes de as escrever. E como as penso inteiras, acabadas, desde a data até ao seu e. c., fico com a ilusão física de que as escrevi, as sobrescreitei, as estampilhei. Daí certo espanto quando os amigos se queixam do meu silêncio, da minha negligência – porque eu, pelo pensamento (e só o pensamento é uma realidade), sou, na minha correspondência, tão activo como Cícero, quase como a Sévigné.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 492)

No que concerne à Literatura mundial, Eça expressa também algumas opiniões controversas. Apesar de simpatizar pouco com a vida britânica, considera a Inglaterra como a grande nação pensante, que todas as outras procuram imitar, inclusivamente a França⁷³. A literatura portuguesa tenta, por sua vez, imitar a literatura francesa que por si só já é uma cópia, sendo por isso a literatura nacional um eco muito inferior de todas as outras, quase inútil e irrisória.

⁷¹ *Ibidem*, p. 368, carta 197. (Vol. I)

⁷² *Ibidem*, p. 492, carta 828. (Vol. II)

⁷³ *Ibidem*, p. 365, carta 196. (Vol. I)

Para o escritor, pior do que a portuguesa só mesmo a literatura feita no sul da América. De acordo com a sua experiência em Cuba, nos quase dois anos em que foi cônsul em Havana, Eça acredita que os latino-americanos são dos povos mais indiferentes às Letras, nunca se tendo por isso dedicado ao campo da filosofia, da arte ou do direito, etc. mostrando apenas alguma aptidão para a poesia, embora nunca com termo de comparação relativamente aos poetas europeus. Tendo vivido apenas em Cuba, Eça exagera na generalização sobre estes povos, e chega a classifica-los de “puras bestas” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 607) por não serem dotados da capacidade de produzir Literatura, boa Literatura⁷⁴.

Centrando a nossa atenção no segundo tópico que nos dispusemos a trabalhar neste ponto, relativo às concepções de Eça acerca do Realismo, podemos começar por mencionar a distinção que estabelece entre esta corrente estético-literária e a que a antecedeu (o Romantismo). Diz-nos então o autor (numa carta a Joaquim Rodrigues de Freitas datada de 30 de março de 1878) que a arte idealista, a arte convencional, nada mais faz que mutilar o Homem, não o representando como realmente é. Para Eça, uma das causas desta castração cultural é a hipocrisia cultural e religiosa, por não deixar a arte representar integralmente o ser humano à luz da ciência moderna, sem moralismos e sem entraves⁷⁵:

“A arte idealista procede exatamente (...) «como se os indivíduos fossem mutilados nos seus corpos e nas suas funções»; a arte idealista esquece que há no homem – nervos, fatalidades hereditárias, sujeições às influências determinantes de hora, alimento, atmosfera, etc.; irresistíveis teimas físicas, tendências de carnalidade fatais; resultantes lógicas de educação; acções determinantes ao meio, etc., etc.; a arte convencional, enfim, mutila o homem moral – como a ciência convencional mutila o homem físico; são ambas aprovadas pelos *Monsenhores Arcebispos* de Paris (...).” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 187)

Nos anos 70, a única forma de recuperar o país do marasmo cultural em que se encontrava era, para Eça, lutar para que o Realismo triunfasse. O Realismo, por ele considerado o apogeu da literatura original e progressiva, “a grande evolução literária do século”, estava destinado a ter grande impacto nas pessoas, nas sociedades e nos costumes fazendo acordar a nação adormecida, entorpecida pelo romantismo. Neste sentido, serve-se do Realismo como se servem os soldados das armas lutando pela revolução. E é isso mesmo que pretende: revolucionar as mentalidades.

⁷⁴ *Ibidem*, p. 605, carta 343. (Vol. I)

⁷⁵ *Ibidem*, p. 186, carta 83. (Vol. I)

Na mesma carta de 30 de março de 1878, remetida a Joaquim Rodrigues de Freitas⁷⁶, explicita claramente quais são os objetivos sociais do Realismo:

“O que queremos nós com o Realismo? Fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que ele é mau, por persistir em se educar segundo o passado; queremos fazer a fotografia, ia quase a dizer a caricatura do velho mundo burguês, sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático, etc. E apontando-o ao escárnio, à gargalhada, ao desprezo do mundo moderno e democrático – preparar a sua ruína. Uma arte que tem este fim – não é uma arte à Feuillet ou à Sandeau. É um auxiliar poderoso da ciência revolucionária.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 188)

Da desvalorização que em geral lhe merece a produção romântica, avulta uma exceção: Vítor Hugo. Como o próprio afirma, venera o poeta francês como se venera um Deus e defende a extrema importância que este teve na sua geração e nas seguintes. Ele, que considera ter sido criado, em termos literários e culturais, dentro da obra de Hugo, que praticamente aprendeu a ler na obra de Hugo, ama essa mesma obra em profundidade e em todos os seus modos. Acredita que ela se impõe pela sua grandiosa e harmoniosa unidade, como uma epopeia, neste caso, que representa a luta do Homem contra a fatalidade. De forma inigualável, Hugo fez da serenidade a beleza soberana da sua obra ajudando assim o mundo a tornar-se melhor, transmitindo à alma humana a compaixão, a bondade e a excelência moral. Eça acredita que de Hugo, tal como dos grandes gênios, um dia apenas restará o nome, no entanto, o contorno lendário da sua personalidade permanecerá eternamente na memória e na imaginação coletivas.

Transitamos agora para a análise dos pontos de vista de Eça acerca das obras que iam sendo editadas em Portugal no seu tempo, e sobre os seus autores, a maior parte deles seus conhecidos. Tal como o escritor gostava de obter algum *feedback* dos seus contemporâneos relativamente às obras das quais era autor, também gostava que os outros ficassem a conhecer as suas opiniões sobre as obras que assinavam.

Neste sentido, a primeira consideração deste género que encontramos na correspondência, é relativa a João Penha, seu amigo dos tempos em que era estudante em Coimbra. O autor aponta-o como sendo o único, no panorama nacional, capaz de introduzir em Portugal a nova escola de poesia francesa, o parnasianismo. Esta capacidade atribuída por Eça a João Penha deve-se a uma predisposição ímpar para explorar a plasticidade da poesia, fazendo dele um modelo desta nova corrente poética⁷⁷.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 186, carta 83. (Vol. I)

⁷⁷ *Ibidem*, p. 40, carta 3. (Vol. I)

Em 1879, numa carta dirigida a Teixeira de Queirós⁷⁸, Eça comenta o romance *Os Noivos* cujo autor era o próprio destinatário dessa carta, datada de 2 de julho. Nessa epístola caracteriza o romance, caracterizado pela crítica de costumes, como uma obra digna do mais alto louvor. Nela Teixeira de Queirós descreve Lisboa tal e qual ela é, o que agrada bastante a Eça uma vez que está de acordo com os princípios daquela que considera a arte de ambos: o Realismo.

Volta a tecer comentários sobre uma obra de um dos seus conhecidos em 1886, neste caso, sobre a biografia *Garcia da Orta e o Seu Tempo* do Conde de Ficalho. Numa carta datada de 15 de abril⁷⁹, faz saber que aprecia a obra, considera-a bem escrita, respeita o trabalho que o amigo teve para construir uma biografia sobre uma personalidade de quem quase nada se sabia e crê que, no panorama literário português, passará a ser um livro a ter em consideração. No mês seguinte, numa carta a Luís de Magalhães⁸⁰ demonstra também interesse na obra de Sampaio Bruno, *A Geração Nova*, que nesta época se começava a destacar enquanto figura de uma nova geração. Bruno viria a ser um dos grandes pensadores portugueses do seu tempo e é considerado o fundador da filosofia portuguesa. Mais uma vez Eça de Queirós demonstra a capacidade de pensar à frente do tempo em vive, conseguindo antever ideias e valores emergentes.

Os amigos íntimos, em particular Oliveira Martins e Antero de Quental, que muito admirava, recebem críticas em geral elogiosas. Quando o primeiro publica *Os Filhos de D. João I*, em 1891, Eça exprime-lhe o seu entusiasmo pelo grande trabalho de recriação histórica:

“Esplêndida edição – nobre e séria. Como trabalho – é um belo cartapácio. O meu amor fica fiel ao *Portugal Contemporâneo*; mas os *Filhos* fazem honra ao pai como crítica, como elevação moral, como reconstrução do sentir passado, como arte, e como insuflação de vida a esse punhado de pó seco de que se compõe as nossas crónicas. Recriaste homens – belo esforço! O teu D. Pedro, o teu D. Duarte são criações superiores. Eram assim? Se eram, bendita seja a tua arte de ressuscitar! Se não eram, honra à alma nobre que pôde inventar tais almas. Sais desse cartapácio, senão maior como artista – maior como homem. Podes estar contente.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 131)

Quanto à obra *A Vida de Nun’Alvares* de Oliveira Martins, Eça destaca igualmente a sua qualidade histórica e literária. Numa carta famosa ao amigo, datada de 26 de abril

⁷⁸ *Ibidem*, p. 237, carta 109. (Vol. I)

⁷⁹ *Ibidem*, p. 474, carta 261. (Vol. I)

⁸⁰ *Ibidem*, p. 479, carta 265. (Vol. I)

de 1894⁸¹, chega mesmo a considerar o livro uma realidade viva e não apenas um pedaço de papel impresso:

“A sua beleza está em não ser quase um «livro», uma coisa impressa, mas uma grande realidade viva, em que nada é de papel e tudo de substância viva. É mesmo mais que uma dessas ressurreições históricas, nas quais se sente sempre a cada linha, a mestria do ressuscitador.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 260).

Tempera, porém, o seu louvor ao amigo misturando-o com reparos humorísticos acerca de certas personagens e com alguma ironia no que toca aos pormenores e gestos demasiado encenados:

“Que documento tens para dizer que a rainha num certo momento cobriu de beijos o Andeiro, ou que o Mestre passou pensativamente a mão pela face?... Estavas lá? Viste? Esses traços, penso eu, não dão mais intensidade de vida, e criam uma vaga desconfiança” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 261)

Apesar destas reservas, fica claro que, para o escritor, Oliveira Martins é dos melhores em Portugal a escrever sobre personalidades da história, sendo ele o responsável pela fixação das mesmas na memória coletiva do povo: “Estas monografias que empreendeste são o maior serviço que neste século se tem feito a Portugal.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 262).

No entanto, deve ressaltar-se que Eça não acreditava muito na exaltação do patriotismo através da literatura. Por esta altura também ele se ocupava de um romance – *A Ilustre Casa de Ramires* – onde satiriza a novela histórica e o “patrioteirismo” de gosto romântico. Numa carta endereçada a Alberto de Oliveira, datada de 6 de agosto de 1894⁸², defende o escritor que

“O tradicionalismo da Literatura já foi largamente experimentado, durante trinta largos anos, de 1830 a 1860 – e certamente não resultou dele aquela renovação moral que Portugal necessita. Tomás Ribeiro, Chagas e toda a sua descendência literária, são tradicionalistas e não se curam misérias ressuscitando tradições.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 279)

A par de Oliveira Martins, grande admiração intelectual merece também Antero de Quental, por quem Eça nutria o mais profundo sentimento de amizade e até mesmo

⁸¹ *Ibidem*, p. 259, carta 595. (Vol. II)

⁸² *Ibidem*, p. 278, carta 605. (Vol. II)

devoção. O romancista considera os seus *Sonetos* o primordial alimento para o intelecto, superior em todos os sentidos ao alimento dos santos da Igreja: “Há almas sôfregas desse alimento espiritual. Que esse Santo filosófico mostre a sua superioridade sobre os Santos do Calendário, - aparecendo, vivo e brochado, aos seus devotos.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 479)⁸³. O Santo filosófico (como lhe chama na mesma carta a Luís de Magalhães em que demonstra interesse por Sampaio Bruno) transcende ele próprio a sua obra: “Era sobretudo o homem que, num livro, se deveria pôr bem vivo e real diante do público que tão pouco o conheceu.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 256)⁸⁴.

Por último, referiremos algumas opiniões de Eça relativamente ao campo institucional da Literatura, que considera nulo, em Portugal. Nessa lógica, e mesmo sendo membro da Academia Real das Ciências de Lisboa desde maio de 1883⁸⁵, Eça considera-a uma instituição enferrujada e decadente: “Em Portugal não se pode avaliar a eficácia da Academia – como não se pode avaliar a utilidade de um instrumento durante longos anos esquecido ao canto dum casarão, enferrujando-se e apodrecendo sob a escuridade e o bolor.”. (Queirós, Correspondência, 2008, p. 526) Sendo da opinião de que a Academia nada faz para melhorar o papel da Literatura na sociedade portuguesa e achando que é uma instituição corrompida internamente pelo vício do aulicismo, vivendo apenas para fazer favores aos seus sócios e não se regendo pela meritocracia, o escritor acha que a própria Academia acaba por renegar a importância da literatura em si mesma:

“Academia que durante os prolongados anos da sua existência, nada tem feito para ressaltar na literatura as regras do gosto, da pureza e da delicadeza – antes tem concorrido, por pensamentos e obras, para estragar essa literatura com uma retórica, ora pançuda, ora choramingona, e sempre lamentavelmente reles.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 527)

Para Eça faltam também à Academia verdadeiros artistas: os assentos (os lugares) dos membros que constituem esta organização deviam ser exclusivamente ocupados por homens de saber forte e de viva originalidade, que se regessem por um gosto muito afinado para a verdadeira Arte; por conseguinte, não deviam tornar-se (como estava a acontecer) em posições de fácil acesso e de descrédito (Eça compara-os, humoristicamente, com os assentos dos políticos da época) ocupadas por quem nada sabe

⁸³ *Ibidem*, p. 479, carta 265. (Vol. I)

⁸⁴ *Ibidem*, p. 255, carta 591. (Vol. II)

⁸⁵ *Ibidem*, p. 319, carta 154. (Vol. I)

sobre Literatura e sobre Arte (como os conselheiros de estado e académicos que povoavam a Academia nesta altura).

Estas críticas estão explícitas, de forma muito clara e direta, numa longa carta enviada a Mariano Pina⁸⁶, datada de 25 de janeiro de 1888. Nesta carta, Eça começa por expressar o seu desagrado relativamente à classificação d’*A Relíquia* no concurso literário promovido pela Academia no ano anterior⁸⁷. O autor destaca que sente que a sua obra foi renegada e até “maltratada” pelo júri do concurso e principalmente pelo responsável pelo relatório, Pinheiro Chagas. Este sentimento de humilhação leva-o a listar aqueles que pensa serem os dois principais motivos para a desconsideração d’*A Relíquia*: por um lado as personagens da obra representavam a pregação contra os cultos, as autoridades e as academias do país e por isso não eram os mais corretos para se apresentarem perante uma corporação composta por homens influentes nestes domínios; por outro lado, não agradou aos académicos e conselheiros de estado a essência naturalista da obra e a forma como o humorismo e a ironia faziam frente aos velhos valores da Academia.

Neste sentido, podemos acrescentar ainda ao conjunto de críticas de Eça a resistência da Academia às inovações e às novas conceções de arte que vão, naturalmente, surgindo. O escritor, ainda na mesma carta a Mariano Pina, sustenta a ideia de que para além da tradição, a invenção e a novidade são necessárias à Literatura, caso contrário, a Literatura estagnar-se-á na mediocridade. Nas palavras do próprio Eça:

“Mas sobretudo sustento que, se a uma literatura faltarem os inovadores, revolucionando incessantemente a Ideia e o Verbo, essa literatura sujeita a uma disciplina canónica, bem cedo se imobilizará sem remissão numa mediocridade castigada e fria – sobretudo se nela predominam as inteligências claras, flexíveis, comedidas e imitativas (...). De sorte que, para possuir uma literatura ideal, forte mas fina, original mas equilibrada, fecunda mas sóbria, será necessário que nela de certo modo se contrabalancem estas duas forças – a Tradição e a Invenção; que de um lado, antes de tudo, surjam os revoltosos, dando as emoções novas e criando as formas novas; e que do outro, secundariamente, actuem as Academias canalizando dentro do gosto, da elegância, e do purismo, estas correntes inesperadas de sensação e de ideia. Isto será de resto na esfera intelectual o que é na esfera social o equilíbrio da Tradição e da Revolução.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 526 e 527)

⁸⁶ *Ibidem*, p. 522, carta 294. (Vol. I)

⁸⁷ Prémio Académico fundado pelo Rei D. Luís I. Concurso literário que promovia a entrega de obras, de qualquer género, para avaliação de um júri constituído por membros da Academia. O vencedor seria anunciado num relatório elaborado por Pinheiro Chagas.

Consequentemente, é para uma posição de desprestígio que a Academia deixará cair a Literatura Portuguesa se não abrir intrínseca e extrinsecamente os horizontes dando espaço a novas perspetivas, convicções e criações artísticas. Somente uma mudança de paradigma conduzirá à glória, quer da Literatura quer da Academia e até mesmo da nação.

Ainda nesta senda, na opinião de Eça, vigora em Portugal um sistema de ensino que necessita de reformas profundas. Um dos reflexos dessa falta de renovação é, por exemplo, a formação desadequada dada pela universidade, que obriga os jovens a estudar matérias irrelevantes ou que nada têm que ver com o curso que frequentam⁸⁸. Como é sabido, Eça sempre foi muito crítico em relação ao ensino recebido na sua *alma mater*.

Noutras duas cartas, uma destinada a Oliveira Martins⁸⁹ datada de 23 de julho de 1891 e outra endereçada a Luís de Magalhães⁹⁰ de 18 de setembro do mesmo ano, Eça propõe um contributo para melhorar o ensino em Portugal começando por organizar uma biblioteca escolar de instrução primária:

“O que são em Portugal os Compêndios da *Instrução Primária*: compilaçõeszinhas papalvas, quando não são agressivamente estúpidas, impressas em papel pardo, e vendidas ao pobre *Pater Familias*, pelo preço de Tratados de Biblioteca. (...) Tive a ideia de organizar uma Biblioteca Escolar – para substituir e expulsar das Escolas, estas abominações em 8^{vo}.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 128 e 129)

Pensa, ainda, que ao mostrar às pessoas (que nada conhecem) algumas das obras mais importantes da literatura europeia estará a cumprir a sua função, também de educador, enquanto artista, dando assim os primeiros passos para uma sociedade mais bem formada e culta: “Mostrar a um público, que tudo ignora, algumas das obras-primas da Literatura inglesa, alemã, espanhola, etc., é, penso, um serviço de educação.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 145)

4.3.2. As cartas aos editores: pormenores da produção e edição das suas obras

Devido à sua ausência de Portugal, alguns dos pormenores da edição das obras de Eça de queirós encontram-se na correspondência trocada com os que foram seus editores

⁸⁸ *Ibidem*, p. 480, carta 266. (Vol. I)

⁸⁹ *Ibidem*, p. 128, carta 493. (Vol. II)

⁹⁰ *Ibidem*, p. 144, carta 502. (Vol. III)

ao longo do tempo. Naturalmente, não encontramos nestas epístolas todos os detalhes sobre todas as obras, ficando a pouca informação sobre este tema a dever-se ao facto de Eça se ter deslocado muitas vezes ao Porto pessoalmente ou de muitas outras vezes ter incumbido o seu pai ou amigos de tratar dessas questões em sua substituição.

Deste modo, através das suas cartas, os principais elementos que é possível conhecer, relacionam-se com quatro das suas obras: *O Primo Basílio*, *O Mandarim*, *A Relíquia* e *Os Maias*. Como sabemos, *O Primo Basílio* e *O Mandarim* foram da responsabilidade do editor Ernesto Chardron; *A Relíquia* e *Os Maias* foram editados pela firma de Jules Genelioux e Mathieu Lugan.

No início de 1877, Eça contacta pela primeira vez Chardron, com quem já tinha colaborado na publicação d'*O Crime do Padre Amaro*⁹¹, no sentido de lhe apresentar o novo romance em que está a trabalhar⁹². Nessa carta o autor explicita algumas características do texto que viria a publicar sob o título *O Primo Basílio*.

O romance, que deverá ser composto no seu aspeto físico nos mesmos moldes d'*O Crime do Padre Amaro*, deverá ter entre 200 e 250 páginas podendo chegar às 300 e será um trabalho de âmbito realista, “violento e cru”, dado que só assim cumprirá o seu propósito, provocando escândalo na sociedade. Será a história de uma mulher que tem um amante. A criada descobre o adultério e reúne provas do mesmo, chantageando-a longa e cruelmente, ameaçando desmascará-la perante o marido se ela não fizesse tudo o que lhe pedia. Trata-se de crítica de costumes, desta vez da capital (ao contrário d'*O Crime do Padre Amaro* que decorre na província). O próprio escritor apresenta assim a obra:

“O assunto do romance são os costumes contemporâneos – não da província desta vez mas de Lisboa. É um trabalho realista – talvez um pouco violento e cru, mas não é para fazer dele leitura de serão nos colégios que o escrevi. A minha opinião é que é interessante e que há-de chamar a atenção.

Não tem ainda título – que além de seu vigor literário, seja bom na venda. No título deve haver sempre um bocadinho de charlatanismo – talvez lhe ponha – *O Primo João Carlos* – ou *O Primo Basílio*. Melhor este último.

Eis o que é pouco mais ou menos o enredo: uma mulher, que tem um amante, que é espreitada e seguida por uma criada – a qual se apossa das provas do adultério, e estabelece uma tirania de todos os

⁹¹ Eça chega a pensar uma edição ilustrada d'*O Crime do Padre Amaro*. O romancista apresentou a proposta para esta edição ao editor Ernesto Chardron numa carta datada de 4 de abril de 1878 (p. 188, carta 84, vol. I). O responsável pelas gravuras seria Manuel de Macedo, que foi também o responsável pela ilustração da capa d'*As Farpas* e que conhecia Eça desde os tempos de estudante em Coimbra. Esta ideia nunca viria a ser concretizada embora o editor a tenha aprovado.

⁹² *Ibidem*, p. 137, carta 62. (Vol. I)

instantes sobre a ama: tirania longa, cruel, horrorosa, um verdadeiro drama íntimo.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 138)

Eça tem o manuscrito d’*O Primo Basílio* terminado a 5 de outubro de 1877⁹³ e a obra é publicada no ano seguinte, a 28 de fevereiro. Em outubro de 1887 é impressa uma segunda edição do romance.

Quanto ao *Mandarim*, Eça contava reservá-lo para a realização de uma edição onde estariam incluídos mais dois ou três contos de fantasia, para fazer o contraste com as obras realistas. No entanto, acaba por aceitar a sugestão do seu editor⁹⁴ e publica-o como novela, isoladamente, nos finais de 1880. Sendo uma história de fantasia e invenção deve ser editada num tipo de volume mais nobre, bonito, com um papel de qualidade e uma capa distinta. Deverá ser do mesmo formato d’*O Primo Basílio*, mas com um tipo de letra mais encorpado. O autor calcula que não deverá exceder as 100 páginas utilizando esta configuração.

A relação de Eça com Ernesto Chardron nem sempre foi pacífica. Nos anos em que trabalharam em conjunto foram várias as acusações do romancista para com o editor. Entre outras, queixas de que Chardron não seria compreensivo com o estado de saúde por vezes debilitado de Eça, que o impedia de trabalhar ao ritmo ideal, atrasando a revisão de páginas e de provas; ou a falta de reconhecimento do editor para com o escritor que se traduzia na forma descortês como o tratava. Chegou ainda a acusar Chardron de avareza, incompetência e de deslealdade. Por seu lado, o perfeccionismo do escritor terá decerto motivado razões de queixa ao editor.

Apesar de todas estas desavenças, na nossa perspetiva, a colaboração entre os dois não deixou de ser profícua, permitindo a Eça publicar duas obras de enorme qualidade e também muito arrojadas que tiveram impacto na sociedade da época.

A convivência com o sucessor de Chardron, Jules Genelioux, também não se mostrou tranquila. Por altura da publicação d’*A Relíquia*, no início de 1887, a forma como o editor publicitou a obra causou tensão entre o autor e Genelioux. Eça ficou furioso pelo facto de o editor não apostar na publicidade em massa em Portugal (e tê-lo feito no Brasil), tendo optado por nem sequer ter enviado um exemplar da obra aos jornais mais importantes do país na época.

⁹³ *Ibidem*, p. 149, carta 69. (Vol. I)

⁹⁴ *Ibidem*, p. 264, carta 130. (Vol. I)

Pelas cartas pouco sabemos dos pormenores técnicos da edição d'*A Relíquia*, apenas que a 16 de fevereiro de 1887 Eça informa o editor de que a obra está terminada e que se dedicará a trabalhar *Os Maias*⁹⁵. Pensamos que esta escassez de detalhes sobre *A Relíquia* se deve ao facto de o escritor ter estado em Portugal por essa altura e por isso ter tratado de tudo pessoalmente com o editor. De resto, pela correspondência sabemos que o romancista recebeu uma proposta de tradução desta obra para a língua espanhola em 1888⁹⁶.

Também a publicação d'*Os Maias* está envolta em desentendimentos com Genelioux. No dia 2 de outubro de 1887 Eça informa o editor, por carta⁹⁷, de que tem o manuscrito d'*Os Maias* terminado e pronto para a impressão, contudo, o romance só é publicado mais de um ano depois. Primeiro o autor decide esperar que *A Relíquia*, publicada em 1887, se consolide no mercado antes de publicar outra obra; depois, a demora da editora na impressão e no envio de provas para revisão atrasam muito a publicação. Deste modo, entre outubro de 1887⁹⁸ e abril de 1888⁹⁹ Eça desespera por ver o seu romance continuar estancado na fase final de edição ficando, naturalmente, descontente com Genelioux por retardar tanto a publicação da obra. Outro dos problemas relativos à publicação d'*Os Maias* (tal como já tinha surgido na publicação de outras obras) diz respeito ao modo como Genelioux tratou das questões financeiras referentes à impressão do romance. Para além do atraso na impressão, as provas que foram devolvidas ao escritor para revisão continham muitos erros e tiveram de ser reimpressas, o que aumentou o custo de produção. Esta situação não aprouzo a Eça que mais uma vez demonstra o seu desagrado ao editor dizendo-lhe, como sempre, que quem ficou a ganhar foi a editora e que ele, autor, recebeu muito pouco pelo romance. Mais uma vez as dificuldades económicas que sabemos que toda a vida assombraram Eça são referenciadas.

Quanto às especificidades técnicas, Eça faz questão de insistir com o editor para que o subtítulo conste na capa, sendo este elemento de extrema importância para o autor. O subtítulo “Episódios da vida romântica” deveria ter destaque na capa da obra e ser impresso em letras grandes, quase tão grandes como o próprio título. Também a publicidade deveria ser feita de forma massiva, em larga escala, para não se repetir o que

⁹⁵ *Ibidem*, p. 487, carta 271. (Vol. I)

⁹⁶ *Ibidem*, p. 539, carta 301. (Vol. I)

⁹⁷ *Ibidem*, p. 509, carta 285. (Vol. I)

⁹⁸ *Ibidem*, p. 510, carta 286. (Vol. I)

⁹⁹ *Ibidem*, p. 539, carta 301. (Vol. I)

aconteceu com *A Relíquia*. Do ponto de vista do escritor, esta era a sua melhor obra até àquele momento e merecia toda a publicidade que pudesse ser feita, merecia que os leitores fossem levados a adquirir e ler o livro.

Quando a editora passa a ser propriedade de José Lello, em 1894, Eça, que já tinha demonstrado desgosto, por conta de todos os problemas que atrás já mencionámos, mostra algumas reservas em continuar a confiar numa colaboração com esta casa editora. Contudo, o novo proprietário aceita manter todos os contratos e condições que o autor tinha negociado com Genelioux e Lugan e por isso a parceria manteve-se, agora com a herdeira Lello & Irmão¹⁰⁰.

Com a morte do romancista em 1900, as obras que se comprometeu a publicar com a Lello só o seriam postumamente. Falamos, naturalmente, d'*A Correspondência de Fradique Mendes*, d'*A Ilustre Casa de Ramires* e d'*A Cidade e as Serras*.

Ainda a respeito das cartas de Eça aos editores, acerca das suas obras, consideramos pertinente mencionar o momento em que o autor se refere pela primeira vez a alguns dos livros em preparação. Alguns seriam revistos e publicados apenas postumamente, outros nunca foram sequer terminados ou mesmo amadurecidos pelo escritor, no entanto, é sempre do nosso interesse perceber a diferença temporal entre a época em que Eça começou a trabalhar neles, propondo a sua publicação aos editores e a data em que foram de facto publicados.

Retirando destas contas *O Primo Basílio*, *O Mandarim*, *A Relíquia* e *Os Maias*, dado que já nos referimos a estes títulos e eles foram de facto publicados enquanto Eça estava vivo, sob a sua supervisão, e seguindo uma ordem cronológica, o primeiro romance mencionado é *A Tragédia da Rua das Flores*. Encontramos a primeira referência a este projeto numa carta datada de 5 de outubro de 1877, endereçada a Ernesto Chardron¹⁰¹. Nesta altura o título que Eça pensava dar a esta obra seria “O desastre da travessa dos Caldas” ou “O caso atroz de Genoveva” mas nunca chegou a concluí-la e veio a desistir do projeto, em parte substituídos por *Os Maias*. Com o título que hoje conhecemos, o romance foi publicado apenas em 1980 (surgiram nessa altura várias edições divergentes e controversas).

No ano seguinte, a 4 de abril de 1878, Eça faz referência ao plano para a conceção d'*A Capital*, também numa carta com destino a Chardron¹⁰². Também este projeto

¹⁰⁰ *Ibidem*, pp. 271 e 277, carta 600 e 604, respetivamente. (Vol. II)

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 149, carta 69. (Vol. I)

¹⁰² *Ibidem*, p. 188, carta 84. (Vol. I)

romanesco ficaria abandonado, assim como a novela *O Conde de Abranhos*, anunciada pouco depois. A *Capital* nunca foi terminada por Eça, sendo depois o seu filho José Maria a acabar o manuscrito e a publicá-lo em 1925. José Maria nesse mesmo ano publica também *O Conde d'Abranhos* cuja primeira referência feita pelo seu pai se encontra numa carta a Chardron datada de 23 de junho de 1878¹⁰³.

Em 1903 é publicado o conjunto dos folhetins que reuniam os textos que Eça escreveu na juventude para a *Gazeta de Portugal* com o título *Prosas Bárbaras*. O título é da responsabilidade de Batalha Reis, que faz também uma extensa introdução aos textos, num testemunho evocativo dos tempos juvenis partilhados com Eça. Embora não tenha chegado a efetivá-la, a publicação desta compilação já tinha sido proposta pelo autor a Ernesto Chardron numa carta datada de 30 de maio de 1883¹⁰⁴ do seguinte modo:

“Não sei se V. Ex.^a sabe que eu debutei nas letras por uns folhetins escritos na *Gazeta de Portugal*. Esses folhetins ganharam então uma celebridade singular, e fala-se ainda hoje neles, apesar que agora são *introuvables*. Estou com ideia de os publicar reunidos num livro. Quer V. Ex.^a editá-lo? Eu faria um prólogo daria ao volume o título de *Folhetins Românticos*.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 320)

Mencionem-se por último os três romances que Eça tinha em estado avançado de revisão (dois deles já parcialmente publicados em revistas) na altura da sua morte. Em 1888, ano de publicação d'*Os Maias*, Eça apresentara ao editor Jules Genelioux mais um projeto literário: *A Correspondência de Fradique Mendes*, numa carta datada de 27 de novembro¹⁰⁵. Esta obra é editada no ano da morte de Eça de Queirós, 1900. Também em 1900 é publicada *A Ilustre Casa de Ramires* que o autor anuncia ao editor a 29 de julho de 1893¹⁰⁶. Por esta altura, Eça de Queirós informava que ambas as obras estariam quase prontas, e anuncia mais duas novelas em preparação:

“Quant à mes travaux, j'ai deux petites nouvelles à publier (avant même la *Casa de Ramires*). Le première (dont le titre n'est pas encore décidé) ne donnera que 120 ou 130 pages. L'autre, une gentille petite histoire de sainteté, ne dépassera pas 200. J'espère, Dieu voulant, vous envoyer très prochainement le premier de ces petites études. On en fera une édition très simple (à nos conditions usuelles) et sur le type de la *Reliquia*.”

¹⁰³ *Ibidem*, p. 200, carta 90. (Vol. I)

¹⁰⁴ *Ibidem*, p. 319, carta 155. (Vol. I)

¹⁰⁵ *Ibidem*, p. 610, carta 345. (Vol. I)

¹⁰⁶ *Ibidem*, p. 237, carta 575. (Vol. II)

La *Casa de Ramires* presque finie; et j'ai déjà presque toutes les lettres qui doivent compléter le volume de *Fradique*.”¹⁰⁷ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 238)

Por último, também em 1893, a 18 de novembro, o autor refere *A Cidade e as Serras*¹⁰⁸ a Mathieu Lugan, logo após a morte de Genelioux:

“[...] et pendant même le travail d'épreuves de *Fradique* et *Ramires*, mettre en main le premier de ces petits «machins», une nouvelle phantaisiste qui s'appelle *A cidade e as Serras*.”¹⁰⁹ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 254)

Este romance, que Eça deixou inacabado, foi publicado com muitas intervenções alheias em 1901.

4.3.3. Outros projetos literários e editoriais

Já testemunhámos como o espírito inquieto de Eça de Queirós o levou, ao longo da sua vida, a estar envolvido em diversos projetos literários e a idealizar inúmeros outros. *A Revista de Portugal* será, porventura, depois da campanha realista, aquele em que mais se empenhou.

A história deste periódico é já bem conhecida¹¹⁰ e já atrás referimos os seus objetivos principais. Iremos assim destacar algumas características de cariz mais técnico referidas pelo autor, quer nas cartas em que apresentou o projeto ao editor Jules Genelioux¹¹¹ quer naquelas em que discutiu os pormenores da publicação com Mariano Pina, também ele diretor de uma revista portuguesa em Paris (*A Ilustração*).

Figurando como diretor da *Revista*, Eça pretendia representar o melhor de Portugal, em termos culturais, através dela. Para isso, queria garantir os melhores artigos, sobre as

¹⁰⁷ Traduzindo livremente: “Quanto aos meus trabalhos, tenho duas pequenas novelas para publicar (ainda antes da *Casa de Ramires*). O primeiro (cujo título ainda não foi decidido) terá apenas 120 ou 130 páginas. O outro, uma gentil pequena história de santidade, não passará de 200. Espero, se Deus quiser, enviar-lhe o primeiro desses pequenos estudos muito em breve. Faremos uma edição simples (nas nossas condições habituais) e no tipo da *Relíquia*.”

A *Casa de Ramires* quase terminada; e já tenho quase todas as cartas que devem completar o volume de *Fradique*.”

¹⁰⁸ *Ibidem*, p. 253, carta 589. (Vol. II)

¹⁰⁹ *Ibidem*, p. 254, carta 589. (Vol. II)

¹¹⁰ Eça de Queirós, *Textos de Imprensa VI*, edição crítica de M.H. Santana. Lisboa, INCM 1995.

¹¹¹ Queirós, E. d. (2008). *Correspondência* (Vol. I). (A. Campos Matos, Ed.) Alfragide: Editorial Caminho. Carta 311, página 551. Esta foi a carta em que Eça apresentou pela primeira vez o projeto da *Revista de Portugal* ao editor. A sua data consta de 25 de julho de 1888.

matérias mais interessantes, assinados pelas personalidades mais ilustres da cultura do país (a maior parte seus conhecidos) e acompanhados por boas gravuras, da autoria de dos melhores artistas. Desse modo foram muitas as figuras a quem Eça enviou cartas, convidando-as a colaborarem no seu projeto. Entre essas figuras destacam-se os nomes de Oliveira Martins, Luís de Magalhães, Conde de Arnoso, Conde de Ficalho, Teixeira de Queirós, Conde de Sabugosa, Teófilo Braga, António Enes, Camilo Castelo Branco, Fernando Leal, Jaime Batalha Reis, etc.

Os temas trabalhados pelos artigos da *Revista* seriam principalmente as viagens, biografias, críticas de arte, literatura portuguesa e brasileira, poesia, ciência e política. No entanto, haveria ainda espaço para uma novela de estilo inglês e um boletim bibliográfico em cada número da publicação.

Em termos técnicos, o plano original de Eça seria fundar uma revista mensal, ao estilo daquilo que se fazia no estrangeiro. A revista seria editada em Paris e distribuída em Portugal pela editora de Genelioux, responsável pela edição das obras do romancista (mais tarde este esquema logístico sofre alterações passando a revista a ser impressa diretamente em Portugal). Teria uma tiragem inicial de 3000 exemplares. Eça coordenaria todo o processo, sendo o elo de ligação entre os colaboradores, os artigos e o editor.

Dando destaque a outros empreendimentos literários, salientamos o facto de Eça ter sido ainda o responsável pelo projeto do *Almanaque Enciclopédico* nos anos de 1896 (ou seja, o almanaque para o ano seguinte, 1897) e 1897 (para o ano de 1898), organizando e prefaciando estes dois volumes. O editor foi António Maria Pereira, cujo o pai, com o mesmo nome, tinha sido o editor d’*O Mistério da Estrada de Sintra*.

Relativamente a questões técnicas, foi o escritor quem decidiu os pormenores do *Almanaque*, dando ao editor todas as indicações acerca da organização dos temas, da cronologia, dos assuntos que seriam tratados, a informação que constaria em cada página, o aspeto da capa, a aparência das folhas, as gravuras que seriam incluídas e até o tipo de letra que seria usado. Eça sugeriu ainda que fosse incluído um calendário dos Santos venerados pelos portugueses.

É oportuno referir também os projetos de Eça que nunca se chegaram a realizar. O primeiro, concebido ainda na fase de amadurecimento do Realismo, seria uma coleção de pequenos romances, a que o escritor deu o título provisório de “Cenas da Vida Real” e que apresentou ao editor Ernesto Chardron, numa carta datada de 5 de outubro de 1877¹¹².

¹¹² *Ibidem*, p. 149, carta 69. (Vol. I)

Esta coleção consistiria num conjunto de pequenos romances temáticos, cada um com 200 páginas no máximo, com o objetivo de retratar a vida contemporânea da época em Portugal. Os temas desenvolvidos seriam a capital Lisboa, o Porto, as províncias, os políticos, os fidalgos, os médicos, etc. Todas as classes sociais e profissionais iriam poder constar nesta galeria literária de crítica de costumes. O objetivo comercial era, como explica Eça, causar sensação e suscitar o interesse do público, sem o cansar: “O encanto destas novelas [...] é que não há digressões, nem declamação, nem filosofia: tudo é interesse e drama – e rapidamente contado.”¹¹³ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 150)

Eça pretendia publicar cada título de dois em dois meses não excedendo o total de 12 romances. No início dessas publicações já teria adiantados os manuscritos de 3 delas e depois ia trabalhando nas restantes. O autor chega mesmo a enviar ao editor uma proposta de alinhamento da coleção discriminando o título de cada novela¹¹⁴.

Desta ideia germinariam algumas obras que hoje conhecemos, mas que o autor não quis publicar, como *A Tragédia da Rua das Flores*, *A Capital*, *O Conde de Abranhos* ou *Alves & C.^a*

Para finalizar, mencionamos ainda o *Dicionário dos Milagres*. Eça nunca chega a materializar esta obra, embora a tenha começado. De acordo com os fragmentos que o autor deixou escritos especula-se que a sua intenção seria recolher numa coletânea os aspetos mais fantásticos da vida dos Santos, mas parece tratar-se apenas de um simples dicionário de milagres, como o título indica, com pouca intervenção sua.¹¹⁵ Na verdade, Eça ocupou-se nos últimos anos de textos sobre esta temática – a vida de santos medievais, como “São Cristóvão”, entre outros (mais tarde publicados como *Lendas de Santos*). O romancista faz a primeira referência a este projeto de dicionário numa carta de 29 de julho de 1893, destinada ao editor Jules Genelioux¹¹⁶:

“Je vous envoie par ce courrier la première partie du Dictionnaire des Milagres dont nous avons parlé à Porto. J'ai toujours pensé que cet ouvrage serait excessivement profitable. N'ayant pas eu cependant le temps de m'en occuper, j'ai chargé de la traduction une personne très compétente, qui a du reste travaillé sous ma direction et d'après mes plans. Aus surplus je compte faire, Dieu voulant, la révision de l'ouvrage.

¹¹³ *Ibidem*, p. 150, carta 69. (Vol. I)

¹¹⁴ *Ibidem*, p. 201, carta 91. (Vol. I)

¹¹⁵ Ver: Guerra Da Cal, (verbete 1262, “Dicionário de Milagres, p. 353-6).

DA CAL, Ernesto Guerra (1975), *Lengua Y Estilo de Eça de Queiroz. Apêndice. Bibliografia Queirociana sistemática y anotada*. tomo I, Coimbra, Acta Univ. Conimbrigensis.

¹¹⁶ *Ibidem*, p. 237, carta 575. (Vol. II)

Ces trois gros paquets que je vous envoie représentent plus que le tiers du livre. Du reste dans un Dictionnaire de ce genre on peut toujours augmenter et raccourcir. Quant à la disposition typographique, je la laisse à votre convenance. Peut-être celle dont je vous envoie le modèle ci-joint, serait acceptable. L'édition devrait être un peu soignée.

Je paie le traducteur (pour mon compte naturellement) à mesure qu'il me livre son travail. Je serais content de rentrer dans ces débours. Si vous pouvez donc m'envoyer un peu d'argent - si peu que soit - ça me ferait plaisir.”¹¹⁷ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 237 e 238)

4.4. As cartas pessoais

Num estudo sobre a correspondência de Eça de Queirós é necessário, para além das cartas de índole profissional e/ou literária, analisar também as cartas de carácter pessoal. A este nível, é profícuo separar este tipo de cartas em três patamares distintos, consoante os diferentes destinatários. Assim, trataremos em primeiro lugar as cartas de Eça endereçadas à sua esposa, Emília de Castro. Em seguida as cartas dirigidas aos seus quatro filhos e por fim as epístolas enviadas aos amigos que antes catalogámos como os mais próximos.

Neste sentido, tentámos captar, mediante os principais assuntos já antes indicados para estes destinatários, a forma como se dirige a estes interlocutores, o nível de intimidade que demonstra com cada um deles, os sentimentos que nutre, as características literárias deste tipo de cartas, os principais motivos da ligação entre Eça e cada um dos nomes a quem escreve, os projetos em que trabalhou com algumas destas pessoas, as ideias que partilhavam e forma como Eça sentia que nestas personalidades encontraria sempre a lealdade que procurava.

4.4.1. As cartas a Emília de Castro

¹¹⁷ Numa tradução livre: “Envio-lhe a primeira parte do Dicionário dos Milagres de que falámos no Porto. Sempre me pareceu que este seria um trabalho extremamente lucrativo. Porém, não tendo tido tempo para tratar disso, confiei a tradução a uma pessoa muito competente, que trabalhou sob a minha direção e de acordo com os meus planos. Além disso, pretendo fazer, se Deus quiser, a revisão da obra. Os três grandes pacotes que agora lhe envio representam mais de um terço do livro. Além disso, num dicionário deste tipo, pode-se sempre aumentar ou diminuir. Quanto ao aspeto tipográfico, deixo a seu gosto. Talvez aquele de que lhe envio o modelo em anexo seja aceitável. A edição deve ser um pouco cuidada. Eu pago o tradutor (à minha conta, é claro) cada vez que ele me entrega trabalho. Gostaria de ser reembolsado desses gastos. Se puder enviar-me algum dinheiro – mesmo que pouco – ficaria agradecido.”

A primeira carta de Eça para Emília de Castro, consta, nesta correspondência, datada de 15 de agosto de 1885¹¹⁸. No entanto, já no dia 28 de julho o romancista se tinha correspondido com o irmão de Emília, Manuel, confessando os sentimentos que nutria por ela desde há muito tempo. Nesta primeira carta Eça transmite o que sente a Emília oferecendo-lhe “a afeição e a dedicação de uma vida inteira” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 391). Promessa que efetivamente cumpriu.

Quinze dias depois, a 30 de agosto, Eça escreve à mãe de Emília, a Condessa de Resende, pedindo-lhe a mão da filha em casamento. Pedido a que a Condessa responde afirmativamente. A partir deste momento inicia-se um extenso período de correspondência entre o escritor e Emília que só terminaria definitivamente em 1900, aquando da morte de Eça.

Dedicando-nos primeiro às cartas anteriores ao casamento, notamos que todos esses escritos têm em comum a clara demonstração do carinho e do respeito que Eça tinha por Emília, para além do amor que manifestamente lhe declara em cada frase. Com o embaraço e a insegurança naturais no início do noivado e da correspondência entre os dois, as cartas de Eça nesta fase eram particularmente dotadas de uma doçura e de uma afeição que demonstram o autor apaixonado e com uma vontade constante de escrever à noiva e que esta lhe escreva de volta, com frequência e abundância. Para além de sempre confiar a Emília os sentimentos que lhe vão no coração, procura, da mesma forma, que essa confissão seja recíproca tentando assim afastar o medo de não ser correspondido. Medo que claramente está implícito na regularidade com que pede a Emília que lhe diga que o ama da mesma forma que ele a ama a ela e queixando-se quando esta não o faz.

Nas cartas de noivado, Eça revela-se um homem terno e apaixonado, e queixa-se repetidamente a Emília de notar uma certa *secura* nas suas cartas. Gostaria de sentir maior reciprocidade nas palavras, e diz-lho muitas vezes em inglês ou em francês. Veja-se esta sequência de lamentos, em vésperas do casamento:

“Porque não sei eu escrever essas cartas serenas, sossegadas, onde nenhuma palavra treme de emoção, e onde se revela uma natureza tão límpida e calma como a água num copo? [...] Nos amores deste mundo, desde Eva, há sempre um que ama e outro que se deixa amar.”¹¹⁹ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 424)

¹¹⁸ *Ibidem*, p. 391, carta 207. (Vol. I)

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 424, carta 224. (Vol. I)

“Mas deixe-se amar. [...] E talvez a minha paixão termine por aquecer um pouco a sua amizade. *And, to begin, a little loving word, please!*”¹²⁰ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 431)

“Se houvesse nesse seu coração alguma palavra verdadeiramente terna para mim – já tinha saído espontaneamente, irresistivelmente, sem mesmo *si* querer. Quando há *un peu d’amour* ele transparece nas menores coisas, na simples maneira de perguntar que horas são, até quase na forma da letra!”¹²¹ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 433)

“Enfim quem jamais se contentou com um amor mudo [...]? Seria, por assim dizer, um amor de uniforme e grã-cruz. *Very prudish and very magestic*. [...] E eu, pelo menos, em quem o sentimento existe, começo por aproveitar este bocado de papel, para dizer, com toda a paixão e sem cerimónia – *je t’adore, je t’adore, et... Et je t’adore encore!*”¹²² (Queirós, Correspondência, 2008, p. 448)

Fica também expresso nestas cartas pré-nupciais o desejo permanente do escritor de querer estar perto da noiva, sendo as epístolas que ela lhe envia a salvação dos seus dias tristes sem ela. Só as cartas de Emília são capazes de o animar tornando a distância que os separa um pouco mais curta:

“Pode bem imaginar o meu desejo de me achar ao pé de si! (...) O amor por si só é decerto uma companhia – mas não chega à companhia daquela que se ama. Calcule pois quanto serão desejadas as suas cartas. Elas não me trazem a sua pessoa é certo – mas trazendo-me uma ou outra palavra em que leia claramente a sua afeição trazem-me tudo quanto por ora eu posso ambicionar, e tudo o que a minha alma mais deseja.”¹²³ (Queirós, Correspondência, 2008, p. 400)

“Uma coisa essencial é que elas, as suas cartas, sejam frequentes. Não imagina como hoje me faz falta não receber nenhuma: tinha estes dois dias passados sido *gâté*¹²⁴; hoje nada, e parece-me um dia seco, estéril, vazio. Preciso dumas linhas, por mais curtas, todos os dias: *c’est la pâture du coeur, il en souffre si on ne la lui donne pas*¹²⁵.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 413)

¹²⁰ *Ibidem*, p. 428, carta 225. (Vol. I)

¹²¹ *Ibidem*, p. 431, carta 226. (Vol. I)

¹²² *Ibidem*, p. 445, carta 233. (Vol. I)

¹²³ *Ibidem*, p. 398, carta 213. (Vol. I)

¹²⁴ Tradução livre: “desarranjado”.

¹²⁵ Tradução livre: “(...) é a comida para o coração, ele sofre se não lha dermos.”.

“Mostro-lhe assim, que estive hoje e ontem e antes de ontem, num estado de impaciência por uma palavra sua, gemendo e queixando-me de *ne voir rien venir*¹²⁶: e mostro-lhe assim o desejo de ter todos os dias ou quase todos, um doce, adorado, apetecido e consolador *petit mot*¹²⁷.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 416 e 417)

Ainda nas cartas deste período pode testemunhar-se o quanto Eça cuidava o estilo, numa época em que um homem tinha de ser contido nas palavras que escrevia a uma mulher, mesmo que fosse a sua noiva. Eça, sem deixar de ser respeitoso, consegue ultrapassar as convenções sociais que o impedem de tratar Emília por *tu* antes de serem casados. Assim, cria um vocábulo, *si*, que pretendia ser a junção entre o *você*, que o autor não queria utilizar para se dirigir a Emília por o achar totalmente desprovido de sentimento para duas pessoas que se amam e que vão casar, e o *tu*, que a sociedade considerava desrespeitoso e até ousado para se dirigir a uma senhora antes do casamento. Deste modo, acaba por criar uma linguagem única, que só ele e Emília entendem e que lhes permite tratarem-se de uma forma carinhosa (às vezes em inglês), que mais ninguém compreende e que não quebra nenhuma regra imposta pela sociedade moralista do séc. XIX que possa pôr em causa a reputação de Emília.

No mesmo sentido, Eça incentiva Emília a ser uma mulher intelectualmente desenvolvida e a cultivar a sua beleza moral, atitude que também não é muito comum entre os homens do seu tempo e que nos permite perceber a evolução do pensamento de Eça em relação à generalidade dos seus pares. Disto é exemplo a seguinte citação:

“Em quanto à beleza moral isso, querida, depende de si: se não quer que eu sofra uma desilusão, adorne-se espiritualmente de todas as virtudes e de todas as qualidades, e de todas as graças da alma: aperfeiçoe-se; Deus dá-nos a cada um apenas a matéria-prima – a nós compete, por um esforço incessante, e um paciente trabalho sobre nós mesmos, cinzelar, lavar, polir, retocar, alindar até que da matéria tosca fique formada a pura obra de arte, essa obra da arte própria, que se chama uma nobre alma...” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 425)

Em suma, para lá das longas declarações de amor, as cartas de noivado centram-se também na discussão dos detalhes do próprio casamento, e também nos pormenores do dia a dia de Eça, que muitas vezes descreve a Emília os seus negócios, o estado das suas

¹²⁶ Traduzindo livremente: “(...) de nada ver chegar”.

¹²⁷ Traduzindo livremente: “(...) pequena palavrinha”.

finanças, o desenvolvimento da sua produção literária, o seu trabalho como cônsul e o modo de vida que pretende seguir quando for casado com ela.

Por outro lado, nas cartas escritas já enquanto cônjuges, percebe-se uma atitude menos calorosa na forma como são tratados outros assuntos domésticos. Entre esses assuntos estão por exemplo a procura de casa (em Londres e em Paris, a partir de 1888). Nessas cartas Eça oferece a Emília retratos escritos dos detalhes das casas que vai visitando, sendo dois pormenores dignos de registo: esforça-se sempre por encontrar uma casa com bons espaços exteriores para poder proporcionar aos filhos ambientes onde pudessem brincar em liberdade, com ar puro e saudável; e a constante preocupação com questões financeiras que não permite a Eça encontrar uma casa que realmente fosse fiel ao seu gosto requintado. Neste ponto o autor chega mesmo a confessar à esposa que os seus gostos não correspondem às suas posses, querendo dizer que viveriam de acordo com os seus ideais se as finanças familiares assim o permitissem.

Durante os períodos em que estão separados, Eça considera escrever para Emília como o seu prazer particular, e nesse sentido não deixa de conversar sobre todos os assuntos pelos quais tem interesse, sejam eles sobre literatura, política, o estado do país, a sociedade em geral, etc. Também não deixa de comentar com ela assuntos do seu trabalho como cônsul ou as circunstâncias em que se encontram a escrita das suas obras ou os artigos e a organização de cada número da *Revista de Portugal*.

O cuidado com a saúde de Emília e dos filhos é um dos temas presentes em quase todas as cartas, procurando Eça, sempre que possível, proporcionar à família momentos de lazer e de saúde em locais como a praia ou estâncias de termas mesmo sem a sua presença.

As viagens de Eça geram alguma tensão entre o casal. Mesmo assim, a ternura demonstrada pela mulher e o constante desejo de estar sempre perto dela está expresso na forma como reconhece a falta que as cartas de Emília lhe fazem e na forma como lhe jura fidelidade em variados momentos, principalmente quando está longe da esposa por longos intervalos de tempo. Salienta sempre as saudades que tem de Emília e da família embora por vezes ela também consiga irritá-lo, principalmente por ele não lhe escrever todos os dias e por demorar muito tempo a regressar para junto dela quando vem a Portugal sozinho.

Para além desses ressentimentos, também o dinheiro e as questões monetárias são presença assídua na correspondência endereçada a Emília. São muito poucas as cartas posteriores ao casamento em que Eça não peça contenção de gastos a Emília e poucas são

também aquelas em que não lhe envia dinheiro ou cheques para que ela proceda ao seu levantamento. Chega até a mandar Emília recorrer a empréstimos junto dos seus amigos. O dinheiro foi sempre assunto nas cartas do casal Queirós, tal como o foi o amor e o carinho pela família.

4.4.2. As cartas aos filhos

Acreditando que a educação dos filhos devia assentar tanto na firmeza como na doçura, Eça não se poupa a demonstrações constantes de carinho nas epístolas remetidas aos filhos. Dirigindo-se a eles sempre de forma terna, tratando-os por meigos diminutivos (Zézé para José Maria, Tonton para António e Bébért para Alberto) e mandando-lhes sempre mil beijos, muitas vezes em pequenos bilhetes que se destinavam apenas a enviar beijinhos do papá, Eça demonstra uma ligação estreita e um amor profundo pelos filhos e pela família, de uma forma que talvez até fosse rara para os tempos em viveu e que talvez ele próprio nunca tenha experienciado.

Para além da preocupação permanente em que os seus filhos estejam bem e com saúde, os temas centrais da correspondência com os filhos são as suas viagens. Eça descreve aos filhos os sítios por onde passa, o que faz nesses sítios, as coisas que vê e envia-lhes, inclusivamente, pequenas lembranças dos locais por onde ia passando, tal como os filhos enviam recorrentemente ao pai pequenos presentes, por vezes desenhos ou pequenas flores.

Eça incute nos filhos o hábito de escrever e, principalmente, o hábito de lhe escreverem cartas. Neste ponto convém notar que as cartas de Eça para os filhos são todas escritas em francês, embora o escritor insistisse em que os filhos soubessem também exprimir-se corretamente em português.

4.4.3. As cartas aos amigos mais íntimos

Para além dos aspetos já antes introduzidos por nós, quando destacámos os principais destinatários e assuntos das cartas de Eça de Queirós, há outras características, literárias e não só, que salientaremos neste ponto.

Dos nomes supramencionados, referir-nos-emos primeiro às cartas endereçadas a Jaime Batalha Reis. Em adição aos traços já antes notados, há uma particularidade que se destaca e que está impressa na própria forma como as cartas são redigidas, como se

existisse um dialeto que apenas eles entendiam entre si. Eça escreve a Batalha Reis de uma forma diferente daquela que usava para outros amigos, mais íntima e especial, que nos faz acreditar que o autor partilhava com ele uma afeição e uma familiaridade diferentes de qualquer outro dos seus amigos.

No que toca a assuntos de tema literário destacamos o episódio em que Eça ficou furioso com Batalha Reis devido à polémica publicação d’*O Crime do Padre Amaro* na *Revista Ocidental* que este dirigia com Antero. É numa carta ao amigo¹²⁸ (de 26 de fevereiro de 1875) que Eça demonstra o seu desagrado por o texto não ter sido por ele revisto, não devendo ser publicado sem antes estar de acordo com a vontade do autor. Já postumamente, Batalha Reis evocaria os tempos de juventude com o escritor num comovido prefácio à obra *Prosas Bárbaras*.

Em relação a Ramalho Ortigão, que Eça chegou a considerar o seu melhor amigo¹²⁹, é o único a quem o autor se dirige de forma mais formal, tratando-o sempre por “você” e não por “tu” como fazia com os outros amigos. Pensamos que este modo de tratamento se deva ao facto de Ramalho ser mais velho do que o romancista e de ter sido seu professor no Colégio da Lapa. Também é o único com quem Eça confia sobre certos assuntos mais privados. Por exemplo, é a Ramalho que o escritor revela a solidão que sente em Havana quando foi cônsul em Cuba, é a Ramalho que descreve pormenorizadamente a sua viagem pelos Estados Unidos em 1873¹³⁰ e é a este amigo que conta as desventuras amorosas que teve antes de casar com Emília. Também numa carta muito interessante, datada de 14 de outubro de 1885¹³¹, Eça desculpa-se perante Ramalho por não ter sido o primeiro a saber da notícia do seu casamento:

“Não se queixe de ter lido impressa a notícia que só devia receber em autógrafo meu. Antes ponha reverentemente as mãos e dê as graças a Jeová ou a Júpiter, segundo as suas crenças, de que vive num país em que a imprensa é uma instituição tão diligente que sabe as novas que interessam aos cidadãos antes mesmo quase de os cidadãos as saberem. O coração tem os seus arranjos – mas a vida tem os seus cerimoniais: e o meu casamento com a Emília Resende, decidido entre ela e eu, naquele segredo que pedem estas decisões, não tinha existência exterior, nem era anunciável, sem que tivesse recebido a sanção da Sr.^a Condessa de Resende. [...] Depois de recebida – a primeira carta que escrevi foi para meu pai; a segunda ia escrever-lha a si, velho amigo, quando me chegou a sua repreensão. Resta portanto abraçar-nos.” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 418 e 419)

¹²⁸ *Ibidem*, p. 114, carta 44. (Vol. I)

¹²⁹ *Ibidem*, p. 210, carta 97. (Vol. I)

¹³⁰ *Ibidem*, p. 83, carta 28. (Vol. I)

¹³¹ *Ibidem*, p. 418, carta 221. (Vol. I)

No que respeita a assuntos de tema literário, Ramalho Ortigão é um dos principais destinatários das cartas de Eça cujo o conteúdo se prende com essa temática. Em muitas epístolas vemos Eça escrever ao amigo sobre o projeto em que ambos colaboraram, *As Farpas*. Para além de lhe pedir muitas vezes dinheiro que lhe pertencia devido à sua colaboração, incentiva o companheiro a continuá-las sem ele quando parte para Havana, preocupando-se em saber sempre, na sua ausência, como vão estes panfletos humorísticos. Considerando Ramalho um grande ironista, elogia o seu talento e pede-lhe que não deixe morrer *As Farpas*, pois são elas as armas da luta por uma sociedade melhor e que mostram o caminho para a evolução.

Em relação às suas próprias obras, Eça pede ajuda a Ramalho por exemplo para publicar em livro *O Crime do Padre Amaro* bem como para resolver outros problemas com a edição de outras obras. Também lhe pede que faça críticas aos seus romances, sem dó nem piedade, mantendo a honestidade mesmo sendo seu amigo. Na opinião do escritor, é com críticas como as de Ramalho que irá conseguir perceber o que está a fazer de errado e ir aperfeiçoando a sua arte. Chega mesmo a confessar ao amigo que cada uma das suas obras é apenas um rascunho para fazer melhor na seguinte. *O Primo Basílio* é exemplo disso mesmo, Eça escreve a Ramalho dizendo que esta obra não tem a qualidade desejada e que esperava mais de si mesmo.

No entanto, existiram também alguns atritos entre os dois. Quando Eça informa Ramalho da ideia de fundar uma revista e lhe conta os pormenores deste projeto, sabe que também ele estaria envolvido num projeto semelhante, o que deixou o romancista bastante aborrecido, pensando que o amigo o tinha traído e se iria tornar seu concorrente¹³². Tal acabou por não acontecer e Ramalho colaborou na *Revista de Portugal*. Também notámos um certo tom de desentendimento quando Eça o informa de que pretende publicar o conjunto dos seus textos que fizeram parte d'*As Farpas* sob o título “Uma campanha alegre”. Ramalho não concordava em diversos aspetos com a forma como Eça ia publicar os seus artigos d'*As Farpas* (pois coincidiam com a publicação dos artigos da autoria dele) e essa discrepância de pontos de vista esfriou um pouco a amizade entre ambos¹³³.

Joaquim Pedro de Oliveira Martins, outro dos amigos mais chegados de Eça, é também uma das pessoas mais importantes da sua correspondência. É dos primeiros a saber do nascimento de cada um dos filhos do escritor, sendo amado depois por cada uma

¹³² *Ibidem*, p. 605, carta 343. (Vol. I)

¹³³ *Ibidem*, p. 98, carta 471. (Vol. II)

destas crianças, que carinhosamente o tratam por “tio filósofo”, ficando encantados com seu conhecimento e com a sua inteligência.

Quando Oliveira Martins começa a revelar alguns problemas de saúde, já no fim da vida, Eça escreve-lhe a 26 de abril de 1894¹³⁴, preocupado, desejando-lhe as melhoras que acabariam por não chegar. Faleceu a 24 de agosto desse mesmo, ano precisamente numa altura em que Eça se encontrava em Portugal.

Sobre questões de foro literário, concluímos que foi a Oliveira Martins que Eça que começou por falar da sua ideia de publicar a correspondência de Fradique Mendes, precisamente no jornal que o amigo dirigia, *O Repórter*. Em relação a outras obras suas, aproveita a ligação de Oliveira Martins ao jornal para lhe pedir que faça publicidade para *Os Maias*. Quando o companheiro deixa *O Repórter*, Eça disponibiliza-lhe a *Revista de Portugal* para continuar a publicar o que quisesse, uma vez que já antes o tinha convidado e lhe manifestara ser ele mais do que um mero colaborador. Esta oferta é aceite por Oliveira Martins que ali publica vários textos seus.

Eça sugere ainda a este amigo criarem, em conjunto, uma biblioteca (ou coleção) para a escola primária, algo que o romancista considerava de utilidade absoluta e só o conseguiria alcançar com distinção com a sua ajuda e o seu conhecimento.

É também com Oliveira Martins que discute assuntos da vida profissional. É numa carta dirigida ao amigo que ficamos a conhecer o interesse de Eça em ocupar o cargo de cônsul de Portugal em Paris. Quando toma conhecimento de que a vaga para essa delegação pode de facto ficar livre, escreve a Oliveira Martins e pede-lhe que lhe confirme se a informação é verdadeira ou não, de modo a ficar a saber se se pode candidatar a este posto. Depois conta-lhe os pormenores rocambolescos da sua chegada ao consulado, ainda ocupado pelo seu antecessor. Por outro lado, surgindo a hipótese de a delegação de Bruxelas ficar disponível, é Eça que incentiva o amigo a candidatar-se a essa posição, uma vez que assim ficaria mais perto do consulado de Berlim, que era o seu desejo. Oliveira Martins foi ainda nomeado Ministro da Fazenda em 1892, nomeação com a qual Eça fica muito satisfeito, felicitando-o por este reconhecimento do seu valor:

“Não temos ainda notícias oficiais, mas todos os Jornais anunciam um Ministério em que tu tomas a pasta da Fazenda. Estou sinceramente cheio de esperança e de alegria. Não me alegro positivamente por ti – porque não se pode ver um amigo querido descer à Cova dos Leões, mesmo quando seja Daniel. Mas

¹³⁴ *Ibidem*, p. 259, carta 595. (Vol. II)

alegro-me pelo nosso pobre país, e pela regeneração social e económica a que podes deixar ligado o teu nome de pensador e artista. (É uma honra para a classe.)” (Queirós, Correspondência, 2008, p. 173)

Passando agora aos amigos aristocratas, que se aproximaram mais do autor aquando da formação do grupo dos Vencidos da Vida, começamos pelo Conde de Ficalho, Francisco Manuel de Melo Breyner. Eça considera-o um bom amigo e procura-o quando vem a Portugal para se encontrarem e matarem saudades. Por outro lado, também Ficalho visita Eça em Bristol, em 1886, na companhia do Conde de Arnoso, a quem nos referiremos em seguida. Ficalho é um dos poucos que o felicita pela transferência para Paris, uma vez que sabe que era um dos objetivos do amigo, demonstrando interesse pelas suas conquistas. Para Eça, Ficalho é um dos elos de ligação ao rei, junto de quem por vezes intercede a seu favor.

Quanto a pormenores literários, Eça considera Ficalho um bom escritor, enaltecendo as qualidades artísticas da sua obra sobre Garcia da Orta (*Garcia da Orta e o Seu Tempo*, publicado em 1886). Convida-o também para colaborar na *Revista de Portugal*, convite que o Conde aceita.

No que se refere ao Conde de Arnoso, ou Bernardo Pinheiro de Melo, é um dos melhores amigos de Eça, demonstrando isso mesmo depois da morte do escritor quando se mostrou sensível para com as dificuldades que a família Queirós atravessava, tentando ajudá-los como podia.

Ao contrário do Conde de Ficalho ou do Conde de Sabugosa, a quem Eça se dirigia precisamente como Ficalho ou como Sabugosa, o autor nunca tratava o Conde de Arnoso dessa forma, mas pelo seu nome, Bernardo. Este simples facto demonstra bem o nível de intimidade entre os dois. Eça chega mesmo a afirmar que não tem segredos para com Bernardo¹³⁵. Tendo à vontade um com o outro, ambos são alvo de brincadeiras recíprocas, passam tempo juntos na casa de família de Bernardo em Famalicão, preocupam-se com a saúde um do outro e com as respetivas famílias. O filho de Arnoso, João, chega a visitar Eça em Paris em 1897. Bernardo, aquando da sua viagem à China, traz como presente ao amigo a famosa cabaia da fotografia no jardim da casa de Neuilly.

Quanto a assuntos relacionados com literatura, Eça prefacia o livro *Azulejos* que Bernardo publica em 1886. Depois do fracasso da *Revista de Portugal*, na qual colaborava naturalmente o Conde de Arnoso, Eça volta a convidá-lo para trabalhar consigo, desta

¹³⁵ *Ibidem*, p. 431, carta 756. (Vol. II)

vez na nova revista que pretendia fundar com Alberto de Oliveira. Por outro lado, discutem também o estado da política em Portugal pedindo regularmente um ao outro, nas cartas que trocam, informações sobre o país.

Também o Conde de Sabugosa, que já foi referido por nós, faz parte do rol de amigos de Eça. António Maria José de Melo César e Meneses de seu nome, é também para o romancista uma via de acesso ao rei e à rainha. É precisamente sobre a rainha D. Amélia o artigo que Eça convida Sabugosa a escrever para a *Revista Moderna*¹³⁶ em 1897. Sabugosa, que já tinha colaborado na *Revista de Portugal* acaba por escrever o artigo que seria publicado na referida revista no ano seguinte, no número dedicado às rainhas de Portugal. O Conde de Sabugosa é um dos amigos que felicita Eça pela transferência para Paris, visitando-o na capital francesa em 1895.

Por último, resta-nos fazer referência a Eduardo Prado, a quem o escritor chama “o seu amigo de Paris”¹³⁷. É precisamente em Paris, nos seus últimos anos, que Eça estabelece grande amizade com o intelectual brasileiro, a quem pede ajuda em certas tarefas. Eduardo Prado é também a companhia da família de Eça quando este se desloca a Portugal em maio de 1892; os filhos do romancista adoram-no e é por isso presença assídua em casa dos Queirós. Essa estima reflete-se na carta que Eça lhe endereça em 1894, aquando da viagem do amigo ao Brasil¹³⁸ em que lhe transmite as suas saudades e a falta que faz em sua casa. Eça agradece-lhe ainda a ajuda com o sobrinho Luís, filho do seu cunhado (o Conde de Resende), a quem deu trabalho no Brasil. Rico e elegante, Prado é geralmente apontado como a figura inspiradora de Jacinto, de *A Cidade e as Serras*.

Importa ainda mencionar outros dois nomes cuja correspondência com o escritor é também abundante e profícua: Mariano Pina e Luís de Magalhães. Quanto a Mariano Pina, considerado por Eça um “irmão de letras”¹³⁹, a relação é sobretudo profissional: falam muitas vezes por carta sobre a revista que Pina dirigia, a *Ilustração* (a sua publicação durou entre 1884 e 1892). Eça chegou a dar-lhe alguns conselhos sobre questões literárias relacionadas com esta publicação e Pina publicou alguns artigos sobre obras de Eça, nomeadamente uma excelente crítica sobre *A Relíquia*, que o romancista agradeceu¹⁴⁰, e outro criticando-o por os seus livros terem graves falhas de gramática e

¹³⁶ Um dos números da *Revista Moderna* é dedicado a Eça de Queirós, contém textos de alguns dos seus amigos, conhecidos e admiradores bem como uma primeira publicação d’*A Ilustre Casa de Ramires*.

¹³⁷ *Ibidem*, p. 201, carta 550. (Vol. II)

¹³⁸ *Ibidem*, p. 274, carta 602. (Vol. II)

¹³⁹ *Ibidem*, p. 364, carta 195. (Vol. I)

¹⁴⁰ *Ibidem*, p. 506, carta 283. (Vol. I)

de sintaxe¹⁴¹. Por seu lado, o escritor pede também a Mariano Pina ajuda em relação à *Revista de Portugal*, nomeadamente no que concerne à proposta que endereçou a Genelioux. Foi também com Pina, bem relacionado em Paris, que Eça visitou Zola em 1885¹⁴².

Luís de Magalhães, amigo mais próximo, foi provavelmente o responsável indireto pelo início da paixão de Eça por Emília. Foi a convite de Luís de Magalhães, na Costa Nova, que o autor teve oportunidade de privar de forma intensa com a futura noiva. Nas visitas a Portugal, Eça frequentava a casa deste amigo e nas suas cartas transmitia o carinho que sentia pelos seus filhos e pela sua família.

Relativamente a questões literárias podemos começar por destacar o facto de Eça elogiar o talento de Luís de Magalhães para escrever, incentivando-o a criar e não desperdiçar essa capacidade. Nesse sentido, é Eça quem escreve o prólogo do seu livro “*O Brasileiro Soares*” e pede-lhe também a sua colaboração na *Revista de Portugal* quando funda esta publicação. Mais tarde, quando a revista estava já em dificuldades, Eça propõe a Luís de Magalhães ser o seu subdiretor, pedindo-lhe ajuda para voltar a dar à revista o fulgor de outrora. Nos primeiros tempos conseguiram juntos essa reanimação da publicação, facto pelo qual Eça o felicita e lhe agradece; no entanto, a revista estava condenada ao fracasso, terminando pouco depois.

Luís de Magalhães é ainda o grande responsável pela edição de algumas das obras póstumas de Eça de Queirós: *Contos* (1902), *Prosas Bárbaras* (1903), *Cartas de Inglaterra e Ecos de Paris* (1905), *Cartas Familiares e Bilhetes de Paris* (1907), *Notas Contemporâneas* (1909) e *Últimas Páginas* (1912).

4.5.A Correspondência como a obra privada de Eça de Queirós

Se pensarmos nos pormenores que as cartas de Eça nos permitem conhecer, somos tentados a ler a correspondência como um romance, reconhecendo-lhe uma diegese que se efetua e organiza no tempo e no espaço, onde atuam personagens principais e secundárias e admitindo uma narração de tipo autodiegético em cada carta escrita pelo autor.

¹⁴¹ *Ibidem*, p. 537, carta 300. (Vol. I)

¹⁴² *Ibidem*, p. 365, carta 196. (Vol. I)

A cada carta, Eça ia contando, sem ter noção disso, a sua história. Cada vez que se sentava a escrever uma carta acrescentava mais um capítulo à narrativa que contava sobre si mesmo, fazendo quem lê estas epístolas ter a impressão de estar a ler uma história encadeada no quase retrato diário do autor. Transmitindo uma perspetiva de todos os ângulos da vida de Eça, deixando-nos conhecer e aceder a factos quer da sua vida profissional quer da sua vida pessoal, a correspondência concede-nos uma vista privilegiada sobre as experiências do romancista, em tempo real.

Embora as cartas não tenham sido, na sua génese, concebidas para serem lidas como uma obra literária, temos para nós que Eça tinha consciência de que um dia a sua correspondência podia ser tornada pública; por isso não prescindiu, numa única carta ou bilhete, da qualidade superior da sua escrita, mostrando uma desenvoltura estilística notável. É esta elevação que agora nos permite compreender a importância literária de textos epistolares como estes. Conhecer melhor os escritores que fazem parte do nosso tecido literário é acrescentar prestígio à Literatura.

Na obra *A Correspondência de Fradique Mendes*¹⁴³ o escritor explicita precisamente este ponto: “Se uma obra nem sempre aumenta o pecúlio do saber humano, uma Correspondência, reproduzindo necessariamente os costumes, os modos de sentir, os gostos, o pensar contemporâneo e o ambiente, enriquece sempre o tesouro da documentação histórica.” (Queirós, *A Correspondência de Fradique Mendes*, p. 100).

Eça utiliza *A Correspondência de Fradique Mendes* para sustentar e comprovar a existência de uma figura cuja identidade é moldada e cimentada pelas epístolas criadas por ele mesmo, do mesmo modo que também a Correspondência do próprio romancista consolida e, de certo modo, humaniza a sua personalidade. Segundo o autor, as cartas revelam, mais do que a biografia ou a obra, a individualidade e o homem em si mesmo. Ora um homem que não existe não pode escrever cartas e por isso Eça publica a Correspondência de Fradique Mendes, para dar *uma vida* a uma pessoa que não era real, e não o seria sem ter uma expressão própria. Mostrou assim, através destas cartas, a “verdadeira” personalidade de Fradique.

Com a sua própria Correspondência acontece algo de semelhante: publica-se a Correspondência de Eça de Queirós para que todos possam conhecer melhor, em 1ª. pessoa, o homem real que um dia existiu. Do mesmo modo que lemos *A Correspondência de Fradique Mendes*, interessados pela história do homem que o texto constrói, devemos

¹⁴³ Queirós, E. d. (2017). *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto: Livros do Brasil.

ler a Correspondência de Eça de Queirós, interessados pelo homem que vai contando a sua história através das suas cartas.

Para além da sua genialidade literária, Eça de Queirós não deixava de ser uma pessoa. É esse cunho individual que, tal como a todos os outros seres humanos, o caracteriza. As qualidades, os defeitos, os sonhos, as emoções, os sentimentos, os pensamentos, as ideias, os projetos, entre outros elementos únicos que possuímos, são o traço de humanidade que em cada um de nós se transforma numa identidade.

É neste contexto que decidimos elencar alguns traços característicos sobre o homem, Eça de Queirós, pelo que conhecemos através dos detalhes narrados pelas cartas.

Uma das primeiras constatações que podemos observar, até pela frequência praticamente constante deste tema nas epístolas, é que Eça viveu uma vida que não podia sustentar financeiramente. Este problema perturbou-o principalmente depois de casar: com um estatuto social a manter e com uma família para sustentar, a falta de liquidez financeira tornou-se uma preocupação contínua na vida do autor. As viagens, as férias, os hotéis e os gastos supérfluos são o motivo principal da falta de fundos que assombra toda a carreira do romancista. Chega mesmo a aceitar valores muito mais baixos pelas suas obras num dos muitos momentos de aflição ou a engendrar esquemas (como ser pago para não publicar “A Batalha do Caia”) para conseguir algum dinheiro extra. Muitas das colaborações com jornais e revistas, bem como a organização de materiais enciclopédicos ou traduções são formas de aumentar os rendimentos da família. Em muitas cartas pede à mulher contenção nos gastos, mas também chega a admitir que os seus gostos requintados eram demasiado caros para as suas posses.

Concluimos também, a partir da correspondência, que Eça era, acima de tudo, um homem carinhoso, preocupado com a família e com os amigos, que são a sua prioridade. Em cada carta, quer fosse aos amigos ou à família, perguntava sempre pelo estado de saúde do seu interlocutor, facto que pensamos dever-se à pouca saúde com que ele próprio sempre viveu. O bem-estar dos filhos e da mulher sempre foi a principal preocupação de Eça, notando-se um genuíno sentido de proteção que só um bom marido e pai possui. Também a educação dos quatro filhos era uma prioridade para o romancista. Para além de querer que os filhos soubessem falar mais do que uma língua, ensinando-lhes a falar português e francês, incitava-os a ler e a escrever, principalmente a escrever-lhe cartas às quais respondia com toda a satisfação.

Para além da preocupação com os seus, Eça era também um homem que se preocupava com o mundo à sua volta. Defendendo ferozmente os seus pontos de vista, nunca deixou de tentar melhorar a sociedade do seu tempo, mostrar os erros coletivos e propor alternativas que levassem à evolução e ao progresso. Da mesma maneira, nunca deixou de acreditar que os projetos em que trabalhou constituíam uma mais-valia para a cultura e para a instrução do país e que acrescentam de facto valor à Literatura nacional.

De facto, o seu nome e a sua obra ficarão para sempre associados ao prestígio que trouxe não só à Literatura, mas também a toda uma cultura que partilha a língua portuguesa. É um dos escritores cujos textos sempre fazem parte dos programas escolares, tanto no sistema de ensino em Portugal como noutros países que partilham a nossa língua.

5. Conclusão

O principal ponto que iremos destacar nesta reta final do nosso trabalho prende-se com uma das questões que há vários séculos paira sobre a legitimidade literária do género epistolar e sobre a sua génese: terá a epistolaridade origem na ficção ou na realidade?

Primeiro que tudo, devemos perguntar-nos se basta verificar se uma carta está ou não bem escrita para lhe atribuímos o estatuto de peça literária. Esta dúvida tem surgido ao longo dos tempos em relação a outros géneros ou até mesmo associada ao próprio conceito de Literatura. Por isso, este questionamento deve adaptar-se ao género, à forma e às circunstâncias históricas em que cada texto foi produzido, sendo que estes fatores devem ainda mais ser tidos em conta quando se discute este tópico dentro da peculiaridade da escrita de cartas.

No importante artigo “On the edge of literariness: the writing of Letters”¹⁴⁴, Claudio Guillén propõe-se a encontrar uma resposta para este mesmo problema. Para isso, parte do estudo de um outro autor, García Berrio, que distingue conceptualmente duas categorias: literariedade e poeticidade. Apesar de o próprio Berrio se basear num outro autor para fazer esta distinção, neste caso em Benedetto Croce (que diferenciava poesia e literatura, isto é, defendia que a poesia era uma expressão da verdade e a literatura funcionava como um testemunho de uma civilização), acrescenta que a literariedade pressupõe um compromisso entre escritor e leitor, ou seja, tanto é produzida pela escrita como pela mediação do ato de leitura. Por seu lado, a poeticidade começa com a própria utilização das palavras e é a escolha de palavras que torna o texto um processo de comunicação subjetivo e com sentidos implícitos que selecionam e dinamizam os conceitos particulares de cada um de nós.

Esta subjetividade, intrínseca ao processo de escrita em si mesmo e à própria linguagem pode conduzir-nos, nos géneros epistolares, ao caminho da ficção. A carta, sendo um dos processos de escrita mais abertos à construção e à conceção de várias representações por parte de diferentes indivíduos, pode mesmo levar à ficção, quer na perspetiva de quem escreve quer na perspetiva de quem lê. A carta constitui-se, portanto, num limbo entre factos e interpretação, fingimento e realidade. A escrita de cartas

¹⁴⁴ Guillén, C. (1994). On the Edge of Literariness: The Writing of Letters. *Comparative Literature Studies*, 31(1), pp. 1-24.

permite, na sua génese, ao escritor, enquanto sujeito literário, moldar a sua identidade, dissimular a verdade com a invenção ou aparentar ser uma *persona* totalmente diferente da que é na realidade.

Funcionando como uma narrativa dentro da vida real, é possível ao autor da carta criar uma personalidade fictícia, uma imagem irreal de si mesmo ou ainda, no limite, evocar acontecimentos imaginados. O autor vai desenvolvendo assim uma rede ficcional dentro da ilusão da não-ficção que se espera de um género como o epistolar.

É o elo imaginário que liga quem escreve a carta ao seu destinatário que gera o sentido polissémico da Literatura epistolar uma vez que a comunicação, sendo feita à distância, só permite ao destinatário imaginar a mensagem que o outro lhe está a transmitir e tomá-la como um facto, consoante a interpretação que faz dela dentro da sua própria realidade. Em sentido inverso, podemos considerar que a comunicação epistolar é distorcida se pensarmos que depende da imaginação da presença do destinatário no seio da sua ausência, isto é, para comunicarmos com alguém por carta devemos imaginar que essa pessoa está presente mesmo estando conscientes da sua ausência. Para além de que a imaginação é exatamente o oposto da suposição da veracidade daquilo que deve ser uma carta.

Há também que acrescentar que o género epistolar, tal como os outros, foi e é influenciado pelas convenções que vigoram em cada época e pelos modelos genéricos por essas convenções oferecidos. Contudo, não podemos reduzir a literariedade às questões da prática linguista. Apesar de a escolha de género ser algo específico de cada tempo e de cada cultura, o radical da comunicação, característico da epistolaridade, é transversal a essas variáveis e à própria literariedade. Da mesma forma, também não podemos tomar aquilo que torna um texto literário como uma mera questão de avaliação estética, é necessário ir ao cerne do próprio texto e encontrar os traços da sua natureza, isto é, se um texto parece ser literário é porque se encontram nele certos traços formais (como a ficcionalidade ou a forma poética) que não podem ser confundidos com uma avaliação estética, mas com o reconhecimento da literariedade. Para isso, temos de ultrapassar toda a tradição retórica que considera suficiente para a existência da literariedade a qualidade da redação, ou seja, se um texto está bem escrito ou não.

Relativamente à correspondência de Eça de Queirós, é para nós, e depois de todo este trajeto percorrido, possível dizer que se enquadra na junção do melhor dos dois

mundos. Com esta afirmação queremos dizer que, se por um lado encontramos nas cartas de Eça alguns traços típicos da escrita ficcionada dos seus romances, também nelas estão inscritos factos e pormenores que sabemos que correspondem à verdade no que diz respeito à própria vida do escritor. Para além da mensagem há ainda a considerar a irrepreensível qualidade da escrita de Eça: a elaboração do estilo, os traços formais e as características distintivas dos seus escritos, levam-nos a crer que as suas cartas refletem muito mais do que a sua necessidade comunicativa sendo, também por isso, verdadeiros fragmentos da literariedade reconhecida à sua obra.

Apesar de todo debate em que ainda está envolta a legitimidade literária do género epistolar e não a podendo reduzir a questões de prática linguística ou a uma mera avaliação estética, acreditamos que as cartas de Eça fazem inegavelmente parte de uma forma de literatura única, que se prolonga nos romances do autor. Características como sua a ironia refinada, o seu sentido de humor apurado, o seu sarcasmo acutilante e feroz, a sua crítica audaz e a sua extraordinária inteligência estão presentes tanto nas suas epístolas como nas suas obras de índole romanesca.

BIBLIOGRAFIA/FONTES CONSULTADAS

- Anastácio, V. (2005). D. Leonor de Portugal: as cartas de Chelas. Em V. Anastácio, *Correspondências (usos da carta no séc. XVIII)* (pp. 53-63). Lisboa: Edições Colibri & Fundação das Casas de Fronteira e Alorna.
- Cabral, A. (1916). *Eça de Queiroz, A Sua Vida e a Sua Obra. Cartas e Documentos Inéditos*. Lisboa: Aillaud e Bertrand.
- Fundação Eça de Queirós. (s.d.). *Eça de Queirós - o escritor*. Obtido de Fundação Eça de Queirós: <https://feq.pt/o-escritor/>
- Garret, A. (2007). *Cartas de Amor à Viscondessa da Luz*. (S. N. David, Ed.) Vila Nova de Famalicão: Quasi.
- Gastaud, C., & Costa, B. F. (2017). Apontamentos sobre Cultura Escrita e Práticas Epistolares. *Revista do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória»*(8), pp. 13-23.
- Guillén, C. (1994). On the Edge of Literariness: The Writing of Letters. *Comparative Literature Studies*, 31(1), pp. 1-24. Obtido de <https://www.jstor.org/stable/40246915>
- Leite, I. P. (2017). Impossível é não Viver (José Luís Peixoto) - O que nos Mostram as Cartas. *Revista do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória»*(8), pp. 71-90.
- Lourenço, A. A. (2019). *Eça Naturalista: O Crime do Padre Amaro e o Primo Basílio na imprensa coeva*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Magalhães, J. C. (2000). *Eça de Queirós. A Vida privada*. Lisboa: Bizâncio.
- Matos, A. C. (1988). *Dicionário de Eça de Queiroz* (2ª. ed.). Lisboa: Editorial Caminho.
- Matos, A. C. (2017). *Eça de Queiroz. Uma Biografia*. (3ª. ed.). Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Mónica, M. F. (2001). *Eça de Queirós*. Braga: Quetzal.
- Peixinho, A. T. (2010). *A Epistolaridade nos Textos de Imprensa de Eça de Queirós*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian & Fundação para a Ciência e a Tecnologia.
- Poster, C., & Mitchell, L. C. (2007). *Letter-writing manuals and instruction from antiquity to the present: historical and bibliographic studies*. University of South Carolina Press.
- Queirós, E. d. (2008). *Correspondência* (Vol. I). (A. Campos Matos, Ed.) Alfragide: Editorial Caminho.
- Queirós, E. d. (2008). *Correspondência* (Vol. II). (A. C. Matos, Ed.) Alfragide: Editorial Caminho.
- Queirós, E. d. (2017). *A Correspondência de Fradique Mendes*. Porto: Livros do Brasil.
- Ramos, M. (2017). Teoria Clássica e Medieval da Composição Epistolar: entre Epistolografia e Retórica. *Revista do CITCEM - Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço & Memória»*(8), pp. 25-42.
- Reis, C. (1991). *As Conferências do Casino*. Lisboa: Alfa.

- Reis, C. (2009). *Eça de Queirós*. Lisboa: Edições 70.
- Ribeiro, M. A. (2000). *História Crítica da Literatura Portuguesa [Realismo e Naturalismo]* (2ª ed., Vol. VI). Editorial Verbo.
- Rocha, A. C. (1965). *A Epistolografia em Portugal*. Coimbra: Almedina.
- Santana, M. H. (2020). Da Geração Nova à Geração de 70: o trajeto diferenciador do grupo nuclear. *Colóquio/Letras*(204), pp. 9-21.
- Santana, M. H. (2022). Entre Sinceridade e Retórica: a retórica das cartas de amor. Em *Presença e Memória. Homenagem a Paula Mourão* (pp. 361-372). Lisboa: Edições Colibri.
- Saraiva, A. J. (2000). *As Ideias de Eça de Queirós*. Lisboa: Gradiva .
- Saraiva, A. J., & Lopes, Ó. (Maio de 2017). *História da Literatura Portuguesa* (17ª ed.). Porto: Porto Editora.
- Seara, I. (2006). *Da Epístola à Mensagem Eletrónica. Metamorfoses das Rotinas Verbais*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Silva, V. A. (1984). *Teoria da Literatura* (6ª. ed.). Coimbra: Almedina.
- Silva, V. A. (2010). Variações sobre o cânone literário . Em V. A. Silva, *As Humanidades, Os Estudos Culturais, O Ensino da Literatura e a Política da Língua Portuguesa*. Coimbra: Almedina.
- Simões, J. G. (1980). *Vida e Obra de Eça de Queirós* (3ª. ed.). Lisboa: Livraria Bertrand.
- Simões, M. J. (1987). *Correspondências: Eça e Fradique. Análise de estratégias epistolográficas*. Coimbra.

ANEXOS

Acrescentamos ainda um traçado do itinerário das viagens de Eça de Queirós constituído pela comparação do percurso de vida de Eça que conhecemos através das biografias e pelo percurso de vida de Eça que conhecemos através da correspondência, que se completam. Os detalhes a seguir apresentados, retirados das cartas, permitem-nos traçar um itinerário mais completo da vida do autor e organizar as vivências de Eça numa cronologia o mais fidedigna possível.

Para além das Biografias existentes encontra-se uma síntese do percurso do escritor em todas as obras da coleção “Edição Crítica das obras de Eça de Queirós” desenvolvida no Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra¹⁴⁵ e na biografia disponibilizada no Website da Fundação Eça de Queirós¹⁴⁶.

Estando as primeiras cartas da edição de Campos Matos da Correspondência de Eça de Queirós datadas de 1867/1868 começamos o nosso trajeto a partir deste período.

Eça termina o curso Direito em Coimbra em 1866 e sabe-se que se instala em Lisboa, em casa dos pais, depois da graduação. No final desse ano partiu para Évora, para fundar e dirigir o jornal *Distrito de Évora* regressando Lisboa em julho do ano seguinte, 1867. Pela localização que consta nas duas cartas iniciais, sabemos que o escritor se encontrava na capital em novembro de 1867¹⁴⁷ e meados de março de 1868¹⁴⁸, tal como ficamos a saber pelas biografias de que dispomos.

Depois da viagem pelo médio oriente, em 1869, onde assiste à inauguração do Canal de Suez (a publicação do artigo “De Port-Said a Suez” no *Diário de Notícias* atesta a sua presença no Egipto por esta altura), é nomeado, no ano seguinte, administrador do concelho de Leiria onde, segundo uma das cartas desta época¹⁴⁹ (destinada a Eduardo Coelho, diretor do *Diário de Notícias*, que por esta altura preparava a publicação d’*O Mistério da Estrada de Sintra*), já se encontrava em agosto de 1870. Considerando este o seu exílio forçado, Eça, que detestava as funções que desempenhava e o tédio próprio de uma cidade de província¹⁵⁰, não fica muito tempo em Leiria e em setembro já está de volta a Lisboa¹⁵¹ onde irá prestar provas para cônsul.

¹⁴⁵ Projeto coordenado por Carlos Reis e iniciado em 1990. O projeto tem como fundamento a salvaguarda do espólio cultural deixado pelas obras de Eça de Queirós recuperando e estabelecendo uma versão final e fidedigna de cada uma das obras do autor.

¹⁴⁶ Fundação Eça de Queirós. (s.d.). *Eça de Queirós - o escritor*. Obtido de Fundação Eça de Queirós: <https://feq.pt/o-escritor/>.

¹⁴⁷ Matos, A. C. (2008). *Eça de Queirós. Correspondência*. (Vol. I). Alfragide: Editorial Caminho. Carta 1, página 31.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 39, carta 2. (Vol. I)

¹⁴⁹ *Ibidem*, p. 46, carta 6. (Vol. I)

¹⁵⁰ *Ibidem*, p. 42, carta 2. (Vol. I)

¹⁵¹ *Ibidem*, p. 47, carta 7. (Vol. I)

De 1871, para além de ser o ano das Conferências do Casino sabe-se, pelas cartas, que Eça esteve entre julho e outubro no Norte do país¹⁵² sendo a maior parte das epístolas deste período enviadas do Porto¹⁵³, onde passou a maior parte do tempo nas praias, aconselhado pelos médicos nesse sentido.

Em 1872 surge a nomeação para cônsul em Havana. A meados de novembro envia uma carta a Jaime Batalha Reis a partir de Cádiz¹⁵⁴, a caminho de Cuba, onde já se encontra a 29 de dezembro desse ano¹⁵⁵. Em 1873, a partir de 30 de maio começa a usufruir de uma licença cedida pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros¹⁵⁶ e deixa Havana (por indicação médica uma vez que se aproximavam os meses de verão e das febres). Ao deixar Havana inicia uma viagem pelos Estados Unidos e Canadá e só regressará a Cuba no início de novembro desse mesmo ano.

A partir de uma carta a Ramalho Ortigão, datada de 20 de julho¹⁵⁷, sabemos que se encontra, nessa data, em Montreal. Essa carta permite-nos saber também que Eça, antes de chegar ao Canadá, esteve em Nova Iorque, atravessou o Estado da Pensilvânia onde esteve dez dias em Pittsburgh, visitou o Lago Erie, depois as Cataratas do Niágara e o Lago Ontário. A 15 de novembro já está de novo em Havana, conforme sabemos pela carta datada desse dia, endereçada ao então Ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Andrade Corvo¹⁵⁸.

A última carta enviada de Havana data do dia 28 de fevereiro de 1874 e é também destinada a João de Andrade Corvo¹⁵⁹. Nesta epístola, Eça dá conta ao Ministro de que a China terá ela própria um Consulado em Havana. Desta forma, o consulado português não poderia continuar a atribuir a nacionalidade portuguesa aos chineses vindos de Macau visto que a partir daquele momento eles estariam abrangidos por um consulado próprio do seu país de origem¹⁶⁰. Na sequência desta questão, Eça termina o seu trabalho enquanto cônsul em Cuba e regressa a Portugal, onde se encontra em dezembro desse ano,

¹⁵² *Ibidem*, p. 54, carta 15. (Vol. I)

¹⁵³ *Ibidem*, p. 50, 50, 51, 52 e 53, carta 10, 11, 12, 13 e 14, respetivamente. (Vol. I)

¹⁵⁴ *Ibidem*, p. 55, carta 16. (Vol. I)

¹⁵⁵ *Ibidem*, p. 56, carta 17. (Vol. I)

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 80, carta 26. (Vol. I)

¹⁵⁷ *Ibidem*, p. 83, carta 28. (Vol. I)

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 89, carta 29. (Vol. I)

¹⁵⁹ *Ibidem*, p. 99, carta 33. (Vol. I)

¹⁶⁰ Em relação a esta questão sabe-se que Eça lutou pela causa dos Coolies, isto é, dos chineses que chegavam a Cuba à procura de uma vida melhor, mas que acabavam por viver em condições de escravatura. O Consulado Português atribuía a nacionalidade portuguesa a todos os chineses que chegavam de Macau, colónia portuguesa na época.

conforme nos diz a carta que envia a Batalha Reis por essa altura¹⁶¹. Está em Portugal pouco tempo, uma vez que em janeiro do ano seguinte toma posse do Consulado de Newcastle-upon-Tyne conforme a carta de 6 de janeiro enviada ao Ministro João de Andrade Corvo.¹⁶² Já depois de tomar posse em Newcastle volta a Portugal por uns dias; sabemo-lo pela carta enviada de Lisboa a Luiz Quillinan a 16 de janeiro de 1875¹⁶³, sendo que a 1 de fevereiro já se encontra de novo em Newcastle, informação que obtemos pela carta enviada a Ramalho Ortigão precisamente datada deste dia¹⁶⁴.

Permanece em Newcastle até ao início de novembro. Por conselho dos médicos, o Ministério concede-lhe uma licença que lhe permite não passar os rigorosos meses de inverno no norte de Inglaterra¹⁶⁵, regressando então a Lisboa, onde se encontra ainda em fevereiro do ano seguinte, segundo a carta enviada ao Ministro Andrade Corvo com data do primeiro dia desse mês¹⁶⁶. É também através da análise a uma carta ao Ministro dos Negócios Estrangeiros que ficamos a saber que a 20 de junho 1876 já está de regresso a Newcastle¹⁶⁷.

Novamente aconselhado a não passar o inverno em solo Inglês, volta a gozar de uma licença concedida pelo Ministério a partir do dia 15 de dezembro de 1876¹⁶⁸. Viaja para Lisboa onde se encontra ainda a 21 de fevereiro do ano seguinte, de acordo com a carta endereçada ao editor Ernesto Chardron, dessa data¹⁶⁹ (nesta carta dá conta ao editor que está a terminar o manuscrito d'*O Primo Basílio*, propondo-lhe a sua edição). No mês de abril está de regresso a Newcastle, como dá conta na sua carta ao Ministro datada de dia 3 desse mês¹⁷⁰ e onde irá estar até à sua transferência para o Consulado de Bristol, decretada a 30 julho de 1878. Apesar de o decreto ser datado desse dia, o autor permanece em Newcastle até abril do ano seguinte, toma posse do Consulado de Bristol, a 25 de abril de 1879¹⁷¹ tendo estado apenas fora de Newcastle quando passou uns dias em Dinan, França, como atesta a carta a Ernesto Chardron enviada desta zona turística¹⁷² (entre 15¹⁷³

¹⁶¹ *Ibidem*, p. 100, carta 34. (Vol. I)

¹⁶² *Ibidem*, p. 102, carta 36. (Vol. I)

¹⁶³ *Ibidem*, p. 104, carta 38. (Vol. I)

¹⁶⁴ *Ibidem*, p. 105, carta 39. (Vol. I)

¹⁶⁵ *Ibidem*, p. 130, carta 55. (Vol. I)

¹⁶⁶ *Ibidem*, p. 132, carta 57. (Vol. I)

¹⁶⁷ *Ibidem*, p. 133, carta 58. (Vol. I)

¹⁶⁸ *Ibidem*, p. 137, carta 61. (Vol. I)

¹⁶⁹ *Ibidem*, p. 137, carta 62. (Vol. I)

¹⁷⁰ *Ibidem*, p. 139, carta 63. (Vol. I)

¹⁷¹ *Ibidem*, p. 236, carta 107. (Vol. I)

¹⁷² *Ibidem*, p. 200, carta 90. (Vol. I)

¹⁷³ *Ibidem*, p. 198, carta 89. (Vol. I)

e 28 de junho de 1878¹⁷⁴). Volta a estar em Dinan, por conselho médico, mudando-se assim para um clima mais temperado¹⁷⁵, no período compreendido entre o fim de abril e o início de agosto de 1879. Passando o mês de agosto e praticamente o mês de setembro todo em Bristol, volta a ausentar-se do consulado e viaja até Angers, onde permanece pelo menos entre 30 de setembro¹⁷⁶ e 20 de outubro¹⁷⁷. Depois regressa a Bristol onde estará de 10 de novembro¹⁷⁸ a 21 de janeiro do ano seguinte¹⁷⁹, 1880.

Destacam-se, neste ano, mais duas estadias em Angers: a primeira desde o início de fevereiro¹⁸⁰ até meados de abril (estando depois em Lisboa¹⁸¹ até meados de julho) e entre 15 de julho¹⁸² e o início de agosto, quando regressa a Bristol¹⁸³. Em Bristol permanece ininterruptamente por quase dois anos até maio de 1882 de onde partirá para mais uma estadia em Angers¹⁸⁴ que duraria até meados do mês seguinte¹⁸⁵. As suas cartas relatam-nos ainda passagens por passagens por Paris¹⁸⁶ e Londres¹⁸⁷ antes de voltar ao trabalho no consulado, onde ficaria até à primavera do ano seguinte.

Entre abril e julho de 1883 Eça encontra-se em Portugal, primeiro em Lisboa¹⁸⁸ e depois no Porto¹⁸⁹, onde terá visitado Antero na sua casa em Vila do conde. Depois desta estadia no país natal, Eça regressa a Bristol onde permanecerá entre o fim deste ano e março de 1884. É neste período que volta mais uma vez a Angers onde permanece, no hotel onde sempre se instalava (Hotel du Cheval Blanc), entre o início do mês de março¹⁹⁰ e o início do mês de maio¹⁹¹. Depois disso regressa a Bristol, com passagens por Londres em junho¹⁹², voltando a Portugal no verão dividindo-se a estadia no país mais uma vez entre Lisboa e a região Norte.

¹⁷⁴ *Ibidem*, p. 201, carta 91. (Vol. I)

¹⁷⁵ *Ibidem*, p. 235, carta 106. (Vol. I)

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 246, carta 116. (Vol. I)

¹⁷⁷ *Ibidem*, p. 247, carta 117. (Vol. I)

¹⁷⁸ *Ibidem*, p. 248, carta 118. (Vol. I)

¹⁷⁹ *Ibidem*, p. 259, carta 123. (Vol. I)

¹⁸⁰ *Ibidem*, p. 260, carta 124. (Vol. I)

¹⁸¹ *Ibidem*, p. 261, carta 125. (Vol. I)

¹⁸² *Ibidem*, p. 264, carta 130. (Vol. I)

¹⁸³ *Ibidem*, p. 268, carta 134. (Vol. I)

¹⁸⁴ *Ibidem*, p. 304, carta 143. (Vol. I)

¹⁸⁵ *Ibidem*, p. 309, carta 147. (Vol. I)

¹⁸⁶ *Ibidem*, p. 308, carta 145. (Vol. I)

¹⁸⁷ *Ibidem*, p. 309, carta 146. (Vol. I)

¹⁸⁸ *Ibidem*, p. 317, 318, 318, 319 e 319, carta 151, 152, 153, 154 e 155, respetivamente. (Vol. I)

¹⁸⁹ *Ibidem*, p. 320, 321, 322 e 323, carta 156, 157, 158 e 159, respetivamente. (Vol. I)

¹⁹⁰ *Ibidem*, p. 326, carta 162. (Vol. I)

¹⁹¹ *Ibidem*, p. 303, carta 166. (Vol. I)

¹⁹² *Ibidem*, p. 334 e 335, carta 170 e 171, respetivamente. (Vol. I)

A Lisboa chegou a 26 de julho¹⁹³ estando na capital pelo menos até 21 de agosto, data da última carta enviada de Lisboa durante este período¹⁹⁴. A 30 de agosto já se encontra no Porto, como atesta a carta enviada aos irmãos Pindela nesta data¹⁹⁵. Permanecendo no Porto pelo menos até ao início de setembro¹⁹⁶ e depois de uma curta ida a Lisboa¹⁹⁷ Eça desloca-se até Aveiro, a convite do seu amigo Luís de Magalhães que era proprietário de um palheiro onde se faziam grandes convívios entre os seus conhecidos. É nesta época (mês de outubro¹⁹⁸) que Eça priva bastante com Emília de Castro, com a sua mãe e a sua irmã, Benedita nas praias da Costa Nova. Desta convivência resulta a paixão de Eça por Emília. Regressando a Lisboa, onde já se encontra no final do ano conforme aponta a carta enviada a 28 de dezembro a Luís de Soveral¹⁹⁹, é daí que segue viagem com destino a Bristol, onde irá permanecer por pouco tempo; depois de setembro de 1885 todas as suas cartas são enviadas de Londres, para onde mudou a sua residência temporariamente. Antes disso as cartas ainda testemunham uma curta estadia em Paris (que acreditamos ter sido quando Eça se encontrou com Zola), com paragem em Madrid²⁰⁰ e também uma breve permanência em Lisboa em junho desse ano²⁰¹.

É desta época, mais concretamente de meados de agosto, que data o início da correspondência com Emília²⁰², com quase todas as cartas de Eça para a então noiva a serem enviadas a partir de Londres²⁰³. No início de novembro o autor já se encontra em Portugal no sentido de tratar de todos os pormenores do casamento²⁰⁴. Passando primeiro por Lisboa, desloca-se depois para o Porto onde se realizaria o casamento em fevereiro do ano seguinte, 1886, e onde durante todo esse intervalo de tempo permanece. Depois da lua de mel em Paris, Eça regressa a Bristol já com Emília como sua esposa.

Só em fevereiro de 1887 volta a Portugal, passa pela casa da família de Emília em Santo Ovídio²⁰⁵ e desloca-se para Sintra, onde esteve durante quase todo o mês de maio²⁰⁶

¹⁹³ *Ibidem*, p. 337, carta 173. (Vol. I)

¹⁹⁴ *Ibidem*, p. 345, carta 178. (Vol. I)

¹⁹⁵ *Ibidem*, p. 346, carta 179. (Vol. I)

¹⁹⁶ *Ibidem*, p. 351, carta 184. (Vol. I)

¹⁹⁷ *Ibidem*, p. 353, carta 186. (Vol. I)

¹⁹⁸ *Ibidem*, p. 354, carta 187. (Vol. I)

¹⁹⁹ *Ibidem*, p. 357, carta 190. (Vol. I)

²⁰⁰ *Ibidem*, p. 361, carta 193. (Vol. I)

²⁰¹ *Ibidem*, p. 372, carta 199. (Vol. I)

²⁰² *Ibidem*, p. 391, carta 207. (Vol. I)

²⁰³ *Ibidem*, p. 398, 401, 404, 405, 408, 412, 415, 420, 422, 424, 428, 431, 440, 442, 444 e 445, carta 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 230, 231, 232 e 233, respetivamente. (Vol. I)

²⁰⁴ *Ibidem*, p. 449, carta 234. (Vol. I)

²⁰⁵ *Ibidem*, p. 487, carta 271. (Vol. I)

²⁰⁶ *Ibidem*, p. 488, carta 272. (Vol. I)

até regressar a Bristol quase no fim do mês²⁰⁷. No fim de novembro desloca-se a Londres²⁰⁸ com o intuito de procurar casa para se mudar com a família que, por esta altura, já contava com a filha Maria. Esta procura de casa dura sensivelmente até ao início de dezembro²⁰⁹, momento em que Eça regressa a Bristol para passar o Natal junto da família e de onde são enviadas a maioria das suas cartas do período que se estende até ao início de agosto de 1888²¹⁰, mês em que é transferido para o consulado de Paris. A primeira carta que regista a presença de Eça em Paris data de 19 de setembro²¹¹.

Só no final do mês de fevereiro de 1889 encontramos Eça fora da capital francesa. Entre este mês e o mês maio o escritor esteve de férias em Portugal com a família. Optando por vir primeiro sozinho a Lisboa para procurar uma casa que albergasse a família durante este período, Emília e os filhos, que permaneciam no Porto em casa da Condessa de Resende, juntaram-se a ele mais tarde. Regressam a Paris no início de junho²¹².

Só voltaria a sair de Paris para se deslocar a Portugal, tanto ao Porto como a Lisboa, onde entre março²¹³ e julho²¹⁴ de 1890, trata dos assuntos referentes às partilhas do património da herança da sogra, a Condessa de Resende, que havia falecido a 28 de janeiro. Regressa depois a Paris onde permanece durante um longo período de tempo.

Por uma carta a Emília de Castro, datada de 21 de novembro de 1891²¹⁵ sabemos que Eça está nesta altura em Londres cumprindo uma missão diplomática que tinha o objetivo de tratar de assuntos confidenciais que hoje se acredita estarem relacionados com os caminhos-de-ferro. Permanece na cidade londrina até 6 de dezembro²¹⁶. Retorna a Paris onde, como sabemos por uma carta endereçada a Luís de Soveral²¹⁷, já se encontra a 11 de dezembro. Em abril de 1892 volta a Portugal para terminar a questão das partilhas da herança da família da mulher²¹⁸. Visita com a cunhada, Benedita, as propriedades da

²⁰⁷ *Ibidem*, p. 491, carta 274. (Vol. I)

²⁰⁸ *Ibidem*, p. 512, carta 288. (Vol. I)

²⁰⁹ *Ibidem*, p. 520, carta 292. (Vol. I)

²¹⁰ *Ibidem*, p. 558, carta 314. (Vol. I)

²¹¹ *Ibidem*, p. 581, carta 326. (Vol. I)

²¹² *Ibidem*, p. 637, carta 363. (Vol. I)

²¹³ *Ibidem*, p. 31, carta 420. (Vol. II)

²¹⁴ *Ibidem*, p. 81, carta 455. (Vol. II)

²¹⁵ *Ibidem*, p. 155, carta 513. (Vol. II)

²¹⁶ *Ibidem*, p. 164, carta 522. (Vol. II)

²¹⁷ *Ibidem*, p. 166, carta 524. (Vol. II)

²¹⁸ *Ibidem*, p. 181, carta 537. (Vol. II)

família em Beire e Santa Cruz do Douro. Durante o resto do tempo divide a sua estadia entre Lisboa e Porto até ao fim de julho²¹⁹, regressando depois disso a Paris.

Da cidade das luzes só sai depois em abril de 1895, vindo a Portugal de férias com a família²²⁰. Passando por Lisboa, Sintra, Beja e Porto, esta estadia no país durou até dezembro²²¹, tendo depois a família Queirós regressado a Paris, onde já se encontra a 21 de dezembro, como constatamos pela datação de uma carta de Eça enviada ao Conde de Arnoso²²².

Em agosto do ano seguinte, Eça desloca-se a Villerville com o intuito de conseguir um bom lugar para a família passar férias perto do mar²²³. Esta praia não agrada ao escritor e por isso desloca-se até Lion-sur-Mer²²⁴. A família parte para esta vila junto ao mar e Eça retorna a Paris onde chega a 23 de agosto, conforme a carta que envia à esposa nessa data²²⁵.

Com a saúde a ficar cada vez mais fraca, em 1897, o médico de Eça aconselha-o a fazer uma cura termal na estância de Plombières. Por uma carta endereçada a Emília de Castro sabemos que no dia 8 de agosto o escritor já se encontra nesta vila francesa²²⁶ na companhia do diplomata brasileiro Domício da Gama. Esta estadia dura até ao final desse mês, já estando a 23 de agosto o autor de regresso a Paris²²⁷.

Em fevereiro de 1898 Eça desloca-se a Viena de Áustria na tentativa de ajudar o Conde da Caparica a resolver problemas com a herança da sua família, oriunda de Viena. Uma carta ao próprio Conde da Caparica atesta a presença de Eça em Viena no dia 25 de fevereiro²²⁸. No mês seguinte o escritor faz uma curta viagem a Portugal²²⁹, voltando a Paris dias depois²³⁰. Entre abril e junho Eça encontra-se de novo em Lisboa, passa ainda por Cascais (como comprova uma carta ao filho António datada de 16 de abril²³¹ e uma

²¹⁹ *Ibidem*, p. 206, carta 552. (Vol. II)

²²⁰ *Ibidem*, p. 298, carta 621. (Vol. II)

²²¹ *Ibidem*, p. 315, carta 641. (Vol. II)

²²² *Ibidem*, p. 315, carta 642. (Vol. II)

²²³ *Ibidem*, p. 328, carta 652. (Vol. II)

²²⁴ *Ibidem*, p. 329, carta 653. (Vol. II)

²²⁵ *Ibidem*, p. 330, carta 654. (Vol. II)

²²⁶ *Ibidem*, p. 353, carta 677. (Vol. II)

²²⁷ *Ibidem*, p. 366, carta 689. (Vol. II)

²²⁸ *Ibidem*, p. 383, carta 705. (Vol. II)

²²⁹ *Ibidem*, p. 383, carta 706. (Vol. II)

²³⁰ *Ibidem*, p. 384, carta 707. (Vol. II)

²³¹ *Ibidem*, p. 391, carta 712. (Vol. II)

carta destinada à esposa de 11 de maio²³²), pelo Porto²³³ e por Santa Cruz²³⁴. Retorna depois a Paris onde já se encontra a 26 de junho, data em que envia uma carta ao Conde de Arnoso²³⁵. Pensa-se, pela datação incerta de três cartas remetidas de Lisboa²³⁶, que Eça ainda tenha voltado à capital antes do final do ano, sendo que a 20 de janeiro inequivocamente se encontrava em Paris²³⁷.

Em fevereiro de 1899 o autor está em Lisboa. A 23 desse mês envia uma carta ao filho José Maria que o comprova²³⁸. Permanece em Portugal até maio²³⁹ passando também pelo Porto²⁴⁰ e por Santa Cruz do Douro²⁴¹. Segue depois viagem para Paris, onde chega no final de maio²⁴², fazendo uma paragem em Salamanca²⁴³. No final de setembro²⁴⁴ desloca-se até Forest-par-Chaumes, com o objetivo de tratar das férias da família, regressando pouco depois disso a Paris.

No início daquele que seria o seu último ano de vida, o estado de saúde de Eça agrava-se sensivelmente. Em busca de uma mudança de ares que lhe trouxesse algumas melhoras, e fugindo do rigoroso inverno de Paris, viaja pelo sul de França onde se conhecem estadas em Arcachon²⁴⁵, Biarritz²⁴⁶, Pau²⁴⁷, Lourdes²⁴⁸ e St. Germain²⁴⁹. No final do mês de abril regressa a Paris, sem sinal de grandes melhoras. Ainda tenta novamente conseguir algum vislumbre de melhoria viajando para a Suíça (passando por Glion-sur-Montreux²⁵⁰ e Lucerne²⁵¹) mas sem sucesso. Sentindo-se pior, decide regressar para junto da família em Paris, onde chega a 9 de agosto de 1900. Morre 7 dias depois, na sua casa em Neuilly.

²³² *Ibidem*, p. 400, carta 723. (Vol. II)

²³³ *Ibidem*, p. 415, 416, 417 e 420, carta 740, 741, 742 e 746, respetivamente. (Vol. II)

²³⁴ *Ibidem*, p. 418 e 420, carta 744 e 745, respetivamente. (Vol. II)

²³⁵ *Ibidem*, p. 423, carta 749. (Vol. II)

²³⁶ *Ibidem*, p. 451, 452 e 453, carta 779, 780 e 781, respetivamente. (Vol. II)

²³⁷ *Ibidem*, p. 453, carta 782. (Vol. II)

²³⁸ *Ibidem*, p. 454, carta 783. (Vol. II)

²³⁹ *Ibidem*, p. 470, carta 806. (Vol. II)

²⁴⁰ *Ibidem*, p. 467, cartas 803 e 804. (Vol. II)

²⁴¹ *Ibidem*, p. 469, carta 805. (Vol. II)

²⁴² *Ibidem*, p. 475, carta 810. (Vol. II)

²⁴³ *Ibidem*, p. 470 e 471, carta 807 e 808, respetivamente. (Vol. II)

²⁴⁴ *Ibidem*, p. 492, carta 828. (Vol. II)

²⁴⁵ *Ibidem*, p. 498, carta 835. (Vol. II)

²⁴⁶ *Ibidem*, p. 503, carta 842. (Vol. II)

²⁴⁷ *Ibidem*, p. 511, carta 854. (Vol. II)

²⁴⁸ *Ibidem*, p. 513, carta 856. (Vol. II)

²⁴⁹ *Ibidem*, p. 518, carta 867. (Vol. II)

²⁵⁰ *Ibidem*, p. 526, 527, 528 e 529, carta 873, 874, 875 e 876, respetivamente. (Vol. II)

²⁵¹ *Ibidem*, p. 530, carta 877. (Vol. II)